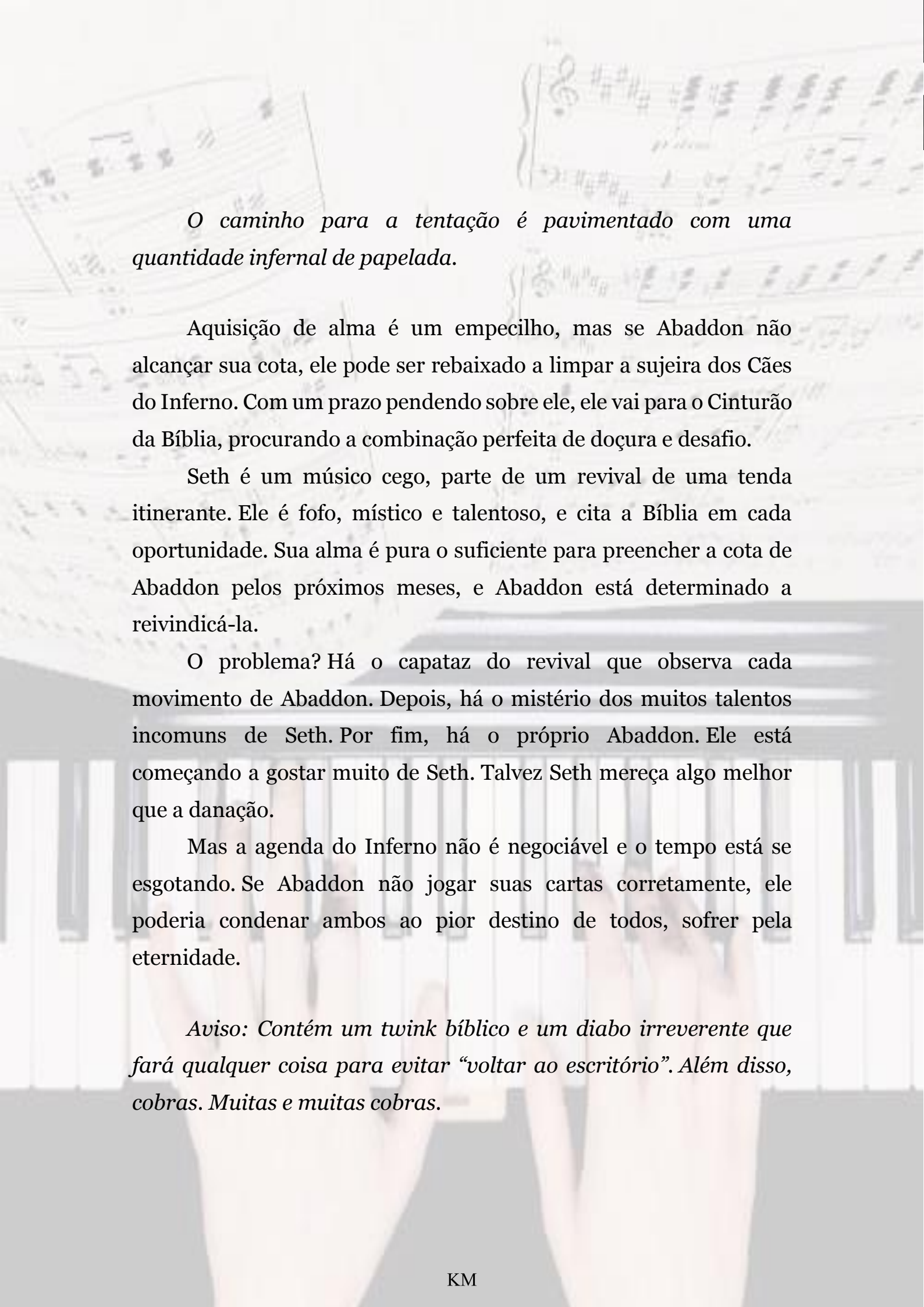


Marie Sexton
Damned
If You Do





O caminho para a tentação é pavimentado com uma quantidade infernal de papelada.

Aquisição de alma é um empecilho, mas se Abaddon não alcançar sua cota, ele pode ser rebaixado a limpar a sujeira dos Cães do Inferno. Com um prazo pendendo sobre ele, ele vai para o Cinturão da Bíblia, procurando a combinação perfeita de doçura e desafio.

Seth é um músico cego, parte de um revival de uma tenda itinerante. Ele é fofo, místico e talentoso, e cita a Bíblia em cada oportunidade. Sua alma é pura o suficiente para preencher a cota de Abaddon pelos próximos meses, e Abaddon está determinado a reivindicá-la.

O problema? Há o capataz do revival que observa cada movimento de Abaddon. Depois, há o mistério dos muitos talentos incomuns de Seth. Por fim, há o próprio Abaddon. Ele está começando a gostar muito de Seth. Talvez Seth mereça algo melhor que a danação.

Mas a agenda do Inferno não é negociável e o tempo está se esgotando. Se Abaddon não jogar suas cartas corretamente, ele poderia condenar ambos ao pior destino de todos, sofrer pela eternidade.

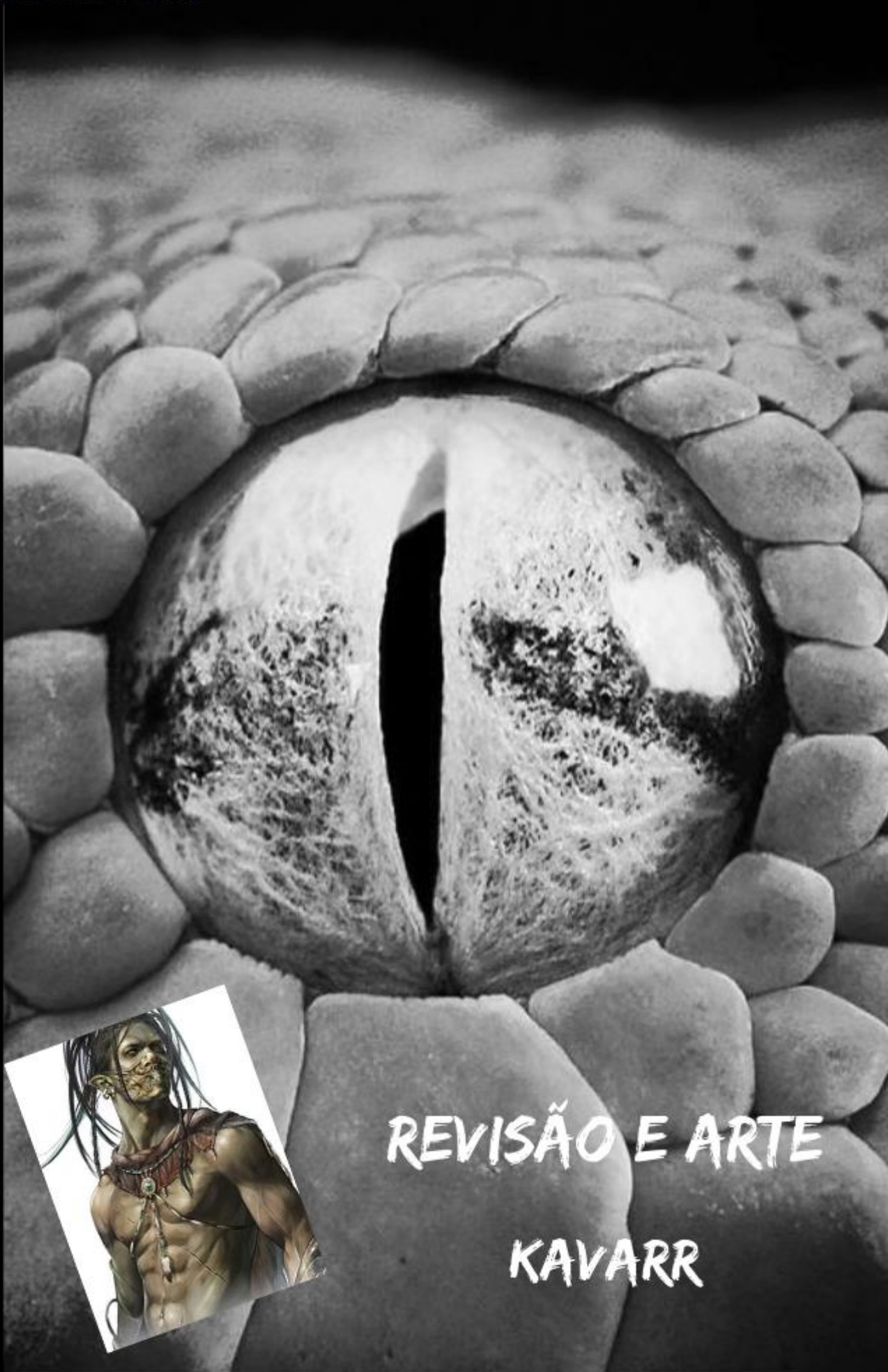
Aviso: Contém um twink bíblico e um diabo irreverente que fará qualquer coisa para evitar “voltar ao escritório”. Além disso, cobras. Muitas e muitas cobras.

Kardia Mou



FELIZ ANIVERSÁRIO
SEKHMET
RAINHA DOS MISTÉRIOS

Kardia Mou



REVISÃO E ARTE

KAVARR

Dedicação

Uma vez, trabalhei para um grande grupo de médicos. Não apenas médicos, mas *especialistas*. Às vezes era frustrante como o Inferno (trocadilho intencional), mas eu conheci muitos grandes amigos lá, incluindo Thalia. Eventualmente, Thalia e eu deixamos o escritório para trás e encontramos trabalhos muito mais criativos e recompensadores, eu escrevendo romance, e ela tocando teclado e fazendo backing vocal para Mama Lenny e The Remedy. Thalia foi uma enorme ajuda para mim a respeito de teclados e duelos musicais, então estou dedicando esse livro a ela. Obrigado Thalia!

Capítulo um

O diabo desce para Kentucky

Abaddon sabia que o memorando de Satanás estava chegando. Ainda assim, seu coração acelerou um pouco quando o funcionário do correio parou em seu cubículo.

—Aviso especial do próprio patrão—, disse Damien, acenando a página digitada na frente do nariz de Abaddon. —Alguém finalmente percebeu que você não recrutou uma alma em meses.

Abaddon pegou o memorando da mão de Damien e se virou. Damien estava esperando ser promovido da sala de correspondência para a aquisição de alma em breve, então é claro que ele estava ansioso para ver Abaddon falhar. Ele era ganancioso, conivente, manipulador ...

Bem, ele era um demônio, afinal. Ninguém no inferno era exatamente altruísta.

Abaddon esperou até que Damien fosse para o próximo cubículo antes de ler o memorando.

Para: Abaddon #325.63.7924.5

De: Satanás, Príncipe das Trevas, Filho da Perdição, Pai da Mentira, etc.

Re: Falha ao preencher a cota de alma

Chegou ao nosso conhecimento que você não completou sua cota de alma do mês. Esta é sua terceira ofensa consecutiva. Você está agora em liberdade condicional formal. O não cumprimento da cota nas próximas duas semanas resultará em rebaixamento e revogação imediata dos privilégios de viagem à Terra.

Além disso, corte o cabelo.

Claro que não foi assinado. Foi meramente carimbado por um dos muitos secretários de Satanás.

—Finalmente chegou, huh?

Desta vez, quando Abaddon olhou para cima, encontrou Baphomet encostado na parede do cubículo. Ele deu um suspiro de alívio. Baphomet era seu único amigo de verdade, ou tão próximo quanto se poderia ter no Inferno.

—Tenho duas semanas para compensar ou serei rebaixado.

—O que você vai fazer?

Abaddon deu de ombros, olhando em volta para as fileiras e fileiras de cubículos. Elas se estendiam até onde os olhos podiam ver. Qualquer um que perdesse a alma em uma aposta ou um negócio mal feito com um demônio acabava aqui. Não havia computadores, mas muitas máquinas de escrever manuais e antiquadas, sempre com teclas faltando e fitas desgastadas, e um fluxo interminável de formulários a ser preenchidos e o triplo para ser arquivados. Aquisição de alma vinha com uma montanha de papelada. E os memorandos! Eles nunca paravam de vir, e cada um parecia destinado a eliminar qualquer pedacinho de prazer que fosse encontrado no trabalho. Proibido fumar. Nada de goma de mascar.

Nenhuma planta na mesa. Sem recortes de revistas nas paredes. Sem fofoca. Nenhuma conversa amigável. Nada de risadas.

Absolutamente sem graça.

Não haviam pausas, nem dias de férias nem horas extras. E não importava o que alguém colocasse na geladeira da sala de descanso, sempre desaparecia na hora do almoço.

—Quão ruim pode ser um rebaixamento?—, Perguntou Abaddon. —Quero dizer, pelo menos seria uma mudança de cenário, e eles deixam todas as coisas desagradáveis para pecados terríveis, certo? Assassinato, estupro, abuso infantil... Então você não vai passar uma eternidade sendo afogado no rio Styx¹... — O pensamento de afogamento sempre fazia Abaddon estremecer, mas Baphomet continuou como se não tivesse notado, —mas ainda há muitas coisas piores que a aquisição de almas... Tem o trabalho ao redor do Lago de Fogo, transportar pedras para fora do Grande Abismo, limpar a merda dos Cães do Inferno, vender lanternas sem baterias nas Trevas Exteriores. E esses são apenas os empregos no submundo. Há uma abundância de lugares que eles poderiam enviar-lhe no topo também. Cortar gramados em Louisiana em meados de agosto, limpar quartos de hotéis em Vegas, esvaziar comadres em uma clínica de reabilitação de celebridades em Hollywood. Há trabalho de varejo, franquias de fast food, serviço na hora do almoço, trabalho de limpeza...

—Ok, ok!— Abaddon riu, levantando a mão para estancar o fluxo de palavras. Ele odiava a aquisição de almas ainda mais do que odiava a papelada, mas não sentia vontade de ouvir Baphomet o

¹ é o nome do rio da invulnerabilidade, um dos rios do Tártaro.

incomodando por duas semanas seguidas. E a revogação de seus privilégios de viajar pela Terra seria um pouco chata. — Entendi. Melhor ir encontrar uma alma do que arriscar ser rebaixado.

—No buraco que você está, vai precisar de mais de uma.

—Se eu pegar almas chatas e comuns, com certeza. Mas não se eu encontrar uma que seja extraordinária.

Baphomet sacudiu a cabeça.

—Você é o diabo mais malvado que já conheci.

Isso era verdade, em grande parte porque enganar os mortais por suas almas era extremamente deprimente. Mas uma consciência incômoda não era o tipo de coisa que um demônio poderia admitir, então Abaddon apenas sorriu e disse:

—Ei, alguns de nós preferem qualidade em vez de quantidade. — Ele se recostou na cadeira e apoiou os pés em sua mesa. Como sempre, sua caixa de entrada estava transbordando. Sua caixa de saída estava eternamente vazia, não importava quantos formulários ele arquivasse nela. —Então, por onde devo começar?

Essa era a verdadeira questão. Tinha que ser em algum lugar que as pessoas estivessem desesperadas, mas ainda tivessem fé em um vingativo Deus do Antigo Testamento. Os subúrbios estavam fora da linha, os poucos suburbanos que ainda acreditavam em Deus tendiam para um dogma mais liberal, e não importava o quão ruim a classe média acreditasse que estava, eles nunca estavam dispostos a arriscar suas almas. E algumas almas valem mais que outras. As pessoas já destinadas ao inferno eram inúteis. Tinha que ser alguém que fosse mais bom do que ruim, e tinha que ser alguém com justa razão para recusar o acordo. Claro, você poderia trocar alguns sanduíches pela alma de um homem sem lar, ou salvar uma criança

moribunda em troca da alma de sua mãe, mas esses eram truques baratos, mesmo no livro de Satanás. Era melhor apostar na ganância, orgulho e gula do que no amor abnegado ou no verdadeiro desespero.

—Os atletas profissionais são sempre uma boa aposta—, sugeriu Baphomet.

Abaddon sacudiu a cabeça.

—Eles nunca foram do meu gosto.

—Você está de brincadeira? Eles são como batatas fritas de churrasco. Tão boas que você não pode comer apenas uma.

—Não, obrigado.

—Que tal Nova York?— Baphomet olhou ao redor para se certificar de que ninguém estava prestando atenção neles antes de se empoleirar na borda da mesa de Abaddon. Era arriscado ser muito amigável. Eles teriam que fingir uma tremenda briga mais tarde, onde os gerentes pudessem facilmente ouvir. Talvez até trocar alguns socos. Caso contrário, um deles seria transferido para um cubículo longe, muito longe. —É a Fashion Week. Modelos são sempre escolhas fáceis.

—Já haverá cem demônios lá.— E os modelos eram tão aborrecidos, tão satisfatórios quanto um bolo de arroz sem sabor. — O que sobre DC²?

—A alma de um político não vale a papelada que vem com isso. Além disso, nós já possuímos todos eles.

—Todos eles?

² Washington DC, formalmente o Distrito de Columbia e comumente referido como Washington ou DC, é a capital dos Estados Unidos.

—Noventa por cento dos lobistas, além de todo congressista, senador e presidente desde os anos 50.— Baphomet encolheu os ombros. —Exceto Carter.

—Mesmo?

—Por que você acha que ele só teve um mandato?

—Huh.— Abaddon coçou o queixo, pensando. —Ok, Washington está fora. Que tal Vegas?

—Você odeia o deserto.

—Dubai?

—Deserto.

Abaddon suspirou e deixou seus calcanhares tocarem no chão.

—Então eu acho que há apenas um lugar para ir.

—Onde é isso?

—A terra santa.

Baphomet piscou em confusão.

—Israel?

—Não essa.

—Oh. O Parque de diversões. Bem pensado.

Agora foi a vez de Abaddon ficar confuso. Ele poderia ter pensado que Baphomet estava fazendo uma piada, mas seu companheiro diabólico não tinha muito senso de humor.

—Há um parque de diversões da Terra Santa?

—Pode apostar. Lá reencenam o Sermão do Monte e da crucificação diariamente.

—Isso é insano.

—Na verdade, acho que eles tiram os domingos de folga.

—Ainda é louco.

—Fica em Orlando.

—Claro que sim.— Abaddon sacudiu a cabeça e se pôs de pé. — Eu também não vou para Orlando.

—Então, onde você vai?

—Onde o dinheiro é escasso e a fé é abundante.— Abaddon colocou a mão no ombro de Baphomet. —Para o Cinturão da Bíblia³, meu amigo. Onde mais?

* * * * *

Assim que ele escolheu o lugar, não havia nenhum motivo para ficar. Esperou apenas que Baphomet se afastasse, eles gritaram algumas obscenidades um para o outro primeiro, por via das dúvidas, e então mergulhou no abismo que residia entre o Inferno e o mundo mortal, indo em direção ao sudeste dos Estados Unidos.

O Mississippi sempre era bom, e a Geórgia, como certas partes dos Apalaches. Ele esticou seu sensor de alma, sentindo e saboreando um gosto particular. Ele gostava de suas almas devotas. Nenhum unitarista para ele. Quase nenhum gostinho lá. Ele achava os mórmons um pouco salgados, e os católicos muito amargos, mas os batistas do sul eram como caramelos, metodistas como mel e pentecostais, ah, esses eram seus favoritos, suas almas tinham gosto de algodão-doce rosa, bem adocicado.

Menores não contavam. Aquisições tinham que ter a idade de consentimento em qualquer país ou estado em que presidissem. A juventude costumava ser mais valiosa do que a maturidade, mas uma morte iminente valia muito mais do que uma aposta de longo prazo. O

³ No original Bible Belt, é uma região dos Estados Unidos onde a prática da religião protestante faz parte da cultura local. O Bible Belt está localizado na região sudeste dos Estados Unidos, devido às fundações coloniais do protestantismo; a origem de seu nome deriva da grande importância da Bíblia entre os protestantes.

demônio que havia desembarcado Fidel Castro nos anos cinquenta achava que ele havia se saído bem, mas, seis décadas depois, seu crédito não era tão bom.

O truque era encontrar o equilíbrio perfeito de inocência, ingenuidade e destruição iminente. Um devoto, moribundo, de vinte anos, que estava disposto a trocar sua alma por um último rolo no feno com a garota dos seus sonhos? Essa era a pontuação final. O grande prêmio, O Santo Graal do diabo, por assim dizer. Uma alma assim poderia ter um diabo promovido a um escritório de canto. Talvez até uma almofada confortável em um dos subúrbios do Inferno. Claro, você tinha a garantia de um vizinho que cortava a grama ao amanhecer, e o HOA⁴ era uma cadela, mas ainda era melhor do que o cortiço em que Abaddon morava.

Pare de sonhar e se concentre! Preencha sua cota primeiro, depois se preocupe com os subúrbios!

Ele precisava de alguém inocente. Alguém puro. Alguém especial. Ele chegou mais longe com suas antenas mentais, rastejando pelos parques de trailers, prédios de escritórios e apartamentos de cobertura. Ele penetrou na floresta, subiu as colinas e mergulhou nas cavidades. E depois-

—Putá merda!

Havia uma alma em um dos condados mais pobres do Kentucky. Não apenas qualquer alma, mas uma que brilhava como o sol, chamando-o do plano terrestre como um farol no escuro. Uma alma tão pura, fez a boca de Abaddon se encher de água e seu pulso

⁴ Homeowners Association, uma organização em uma subdivisão, comunidade planejada ou condomínio que faz e aplica regras para as propriedades em sua jurisdição.

disparar. Oh, este era jovem, mas legal, mais doce que o mel em sua língua.

Ele permaneceu escondido no abismo, mas mudou sua visão mental para mais perto para ver melhor.

Era um homem jovem, sozinho na floresta com um violino. Apenas sentado em um toco em uma pequena clareira, tocando um concerto para a floresta. Talvez vinte e dois anos, vestindo jeans e uma camiseta branca simples, com um cachecol de tricô enrolado no pescoço. Seus olhos estavam fechados enquanto seus dedos e arco se moviam nas cordas.

Sozinho, na floresta.

Era quase perfeito demais para ser verdade.

Abaddon respirou fundo, se preparando.

E num piscar de olhos, ele saltou do abismo e se manifestou em um corpo físico a poucos metros de distância do jovem. Ele tinha algumas formas de escolher entre tudo, de humano a demônio completo, inspirador de pesadelo, mas desta vez, ele escolheu ser visto como nada mais do que um homem de trinta e poucos anos. Os chifres e o rabo sempre poderiam aparecer depois, se ele precisasse deles, mas ele descobriu que aparecer com eles era um pouco mais do que a maioria dos mortais poderia aguentar.

O músico tocou, sem saber que ele não estava mais sozinho. Por um momento, Abaddon apenas ouviu. Era o Concerto para Violino Nº 3 de Mozart, e o jovem era claramente talentoso. Seus dedos nunca perderam um acorde. A música soava forte e verdadeira através da floresta, tão perfeita quanto a luz do sol que entrava pelas árvores.

Abaddon olhou ao redor, tentando descobrir de onde o menino poderia ter vindo. Eles estavam a vários quilômetros da cidade mais

próxima. Ele não viu um carro, mas a folhagem era grossa. Era perfeitamente possível que houvesse uma casa de fazenda ou uma trilha a apenas cem metros de distância.

Ele se concentrou novamente no jovem, deixando sua alma se sentir solta para rastejar sobre ele, saboreando e testando. Seu pulso mais uma vez acelerou. As pontas dos dedos dele formigaram. Um calor repentino floresceu em sua virilha e a respiração de Abaddon ficou presa em sua garganta. Era a fome da alma, e era tão forte como nenhuma outra. Abaddon nunca havia experimentado drogas - ou, se tivesse, esquecera, mas imaginava que essa ansiedade tensa devia ser o que alguns viciados sentiam ao preparar cuidadosamente sua cocaína em linhas brancas perfeitas. Essa antecipação maravilhosa, tão semelhante à excitação, deveria ser o que os viciados sentiam quando baixavam o rosto para o pó. Em todos os seus anos de aquisição de almas, ele não conseguia se lembrar de alguém que desencadeou sua fome tanto quanto este.

Ele deu um passo à frente em sua ânsia.

O arco guinchou duramente pelas cordas enquanto o garoto baixava o instrumento.

—Quem está aí?— Ele não olhou em volta embora. Ele sentou-se em linha reta no tronco, com a cabeça inclinada. A luz do sol batia nos cabelos negros curtos. —Olá?

—Sinto muito—, disse Abaddon, com o coração acelerado. —Eu não queria incomodar você.

O garoto se virou, mas seus olhos não entravam em foco.

—Eu conheço você?

—Não. Eu ouvi você tocando.

—Oh.— Os ombros do garoto perderam a rigidez e ele sorriu. — Paz e amor para você, irmão. Você está aqui para o revival⁵? Não vai começar por mais uma ou duas horas.

Então ele recordou. *O revival*. Agora que a música tinha parado, Abaddon podia ouvir vozes chamando umas às outras em algum lugar além das árvores. O som de martelos no metal ecoava pela floresta junto com som distinto de uma lona pesada batendo na brisa. Era uma das muitas razões pelas quais ele amava o Cinturão da Bíblia.

—Você é parte do revival?

—Eu toco na banda.

—Claro. Você é muito talentoso.

—Obrigado.

—Qual o seu nome?

—Seth. Qual é o seu?

—É Abaddon⁶.

O menino riu.

—Claro que é. Meu irmão mandou você?

Mesmo agora que eles estavam conversando, o menino não olhava diretamente para ele. Em vez disso, ele parecia olhar para algum ponto distante à esquerda de Abaddon, e Abaddon sentiu uma onda de inspiração.

—Você é cego?

—Sim.

—Desde o nascimento?

⁵ no cristianismo, uma reunião enérgica destinada a "reviver" a fé religiosa. Comum entre os fundamentalistas, esses encontros são caracterizados por pregações e cânticos apaixonados.

⁶ é o demônio protetor dos gafanhotos de dos poços sem fundo, pelo menos segundo a Wikipédia Inglesa. Abaddon é muitas vezes confundido com seu primo, Satanás, porque ele é o anjo da destruição, chefe de muitas hierarquias de demônios do inferno, além de ser o anjo da morte e do precipício.

—Não. O Senhor achou por bem tomar a minha visão há três anos, no dia do meu décimo nono aniversário.

Abaddon sorriu. Oh, como ele amava um devoto.

—E o que você fez para merecer isso? Masturbação? Fornicação?

—Nada disso.— Seth nem se incomodou em corar. —Não foi castigo.

—Mesmo? Eu pensei que a cegueira fosse uma de suas maneiras favoritas de ferir os infiéis ou os indignos.

—Nem sempre.

—Um teste, então? Como Jó?

—Não. Apenas outra parte da minha jornada em Sua honra. 'Vou trazer o cego de uma maneira que eles não sabiam; Eu os conduzirei em caminhos que eles não conheceram: tornarei as trevas leves diante deles e entortarei as coisas diretamente. Estas coisas lhes farei, e não as abandonarei'⁸.

—Deus e seus enigmas. O que diabos isso significa?

Seth simplesmente sorriu de novo, inclinando a cabeça como um cachorrinho brincalhão.

—Seu nome é realmente Abaddon?

—Sim.

—'E eles tinham um rei sobre eles, que é o anjo do abismo, cujo nome em hebraico é Abaddon'-

—'- mas na língua grega, tem o nome Apollyon'.

—Então você é o diabo?

⁷ O capeta atenta deus e esse joga uma praga no tal do Jó pra testar sua fé, o Jó não perde a fé e deus continua feliz.

⁸ Isaías 42:16

Ele poderia dizer que Seth ainda achava que não era nada mais do que uma piada, mas ele respondeu com sinceridade.

—Eu sou.

—Você está aqui pela minha alma?

O coração de Abaddon falhou uma batida. Ele disse novamente:

—Eu estou.

—Ah. Receio que não esteja à venda. Minha alma pertence a Deus.

Abaddon nunca havia encontrado Deus, mas tinha a sensação de que não apreciaria Seth como ele. Certamente uma alma tão doce seria desperdiçada no céu.

—Que tal um acordo então? Deve haver algo que você gostaria em troca.

—Não. Deus provê tudo o que eu preciso.— Seth ficou de pé e enfiou o violino debaixo do braço. —Eu espero que você me desculpe. O reverendo se perguntará para onde eu fui. Eu preciso—

—E sobre sua visão? Certamente você gostaria de ver de novo?

Seth congelou, seu sorriso se tornando incerto. Ele puxou o lenço, trazendo-o mais alto em volta do pescoço, como se pudesse protegê-lo.

Abaddon se contorceu, se aproximando em antecipação.

—O que você acha? Sua alma em troca de sua visão?

Seth franziu a testa.

—Você é muito estranho, sabe. A maioria das pessoas não me provoca por ser cego.

—Eu não estou brincando. É uma oferta legítima.

—Você vai consertar meus olhos em troca da minha alma mortal?

—Exatamente.

Seth balançou a cabeça, parecendo um pouco mais seguro de si mesmo.

—O Senhor restaurará minha visão em seu próprio tempo.

—Você sabe disso de fato?

—Eu sei.

Mesmo os sentidos diabólicos de Abaddon não detectaram nenhum indício de dúvida. Esse menino era um tipo raro - um verdadeiro crente. Não admira que ele tenha feito o sangue de Abaddon esquentar.

—Deve haver algo que você queira. Talvez uma jovem cuja atenção você gostaria?

Seth sacudiu a cabeça novamente.

—Não.

—Fama? Fortuna? Essas são todas as coisas que posso fazer.

—Eu não estou interessado, mas obrigado, Sr. Abaddon. Eu tenho que ir agora. Paz e amor-

—Que tal uma aposta, então?— Abaddon perguntou, desesperado para impedir Seth de sair. —Uma disputa.

Seth se virou para ele novamente, seu interesse despertado.

—Que tipo de disputa?

Os olhos de Abaddon pousaram no violino.

—Música. Uma música cada. Melhor musico vence.

—Com violino, você quer dizer?

—Sim.

Seth ainda estava sorrindo, ainda pensando que era em tom de brincadeira.

—E se você ganhar, você consegue a minha alma?

Não importava necessariamente que o menino pensasse que era tudo uma brincadeira. As regras eram imprecisas e a fome de Abaddon o tornou imprudente. A alma de Seth era a coisa mais tentadora que ele já provou. Estar tão perto dele era enlouquecedor, como a miragem da água provocando um homem ressequido no deserto. Seth valeria uma centena de supermodelos, ou mil políticos em Washington. Ele seria suficiente para satisfazer a cota de Abaddon por meses. Talvez até um ano.

Abaddon tinha que tê-lo, não importava o custo.

—Precisamente.

—E se eu ganhar?

—Eu vou te dar um violão de ouro.

—Um ... um o quê?— Seth gaguejou, rindo.

—Um violã- er violino. Como quer que queira chamar. Um feito de ouro puro.

—Você está falando sério?

—Claro que estou falando sério.— Mas sua resposta só fez Seth rir mais, e Abaddon se sentiu desconcertado pela primeira vez em anos. —O que é tão engraçado?

A diversão de Seth não diminuiu.

—Oh-ho, isso é bom!— Ele sufocou, ainda rindo. —Um violino de ouro! Que bem me traria isso?

—Bem, eu não sei. Não é esse o comércio padrão nesses tipos de barganhas?

Isso só fez Seth rir mais e Abaddon ficou lá, sentindo-se mais tolo do que em anos, até que a alegria de Seth finalmente diminuiu.

—Oh cara, isso é engraçado—, disse Seth finalmente, enquanto lutava para recuperar o fôlego. Ele enxugou as lágrimas de seus olhos cegos. —Um violino de ouro. O que no mundo eu faria com isso?

—Eu não sei. Você poderia tocá-lo ou ...

—Você não pode estar falando sério. Você sabe alguma coisa sobre instrumentos de cordas?

—Bem, eu-

—Um violino é uma obra de arte, cortada de madeira viva e cuidadosamente moldado para permitir a perfeita ressonância do som através dele. Tem que vibrar e ecoar. Um violino dourado soaria terrível. Sem mencionar que o pescoço dobraria a primeira vez que eu me debruçasse sobre ele. E as cordas? Elas são de ouro também? Porque elas quebrariam no minuto em que o arco as tocassem. A menos que o arco seja de ouro também. Nesse caso ... — Ele riu de novo, pensando nisso, e Abaddon receava que ele estivesse prestes a desmoronar em uma risada descontrolada de novo. —Oh garoto, isso realmente seria algo, não seria?

Abaddon não viu nada engraçado sobre a situação. Na verdade, ele estava um pouco irritado com a facilidade com que Seth dispensou a oferta. Ele poderia ter recorrido aos chifres e cauda e talvez até mesmo um maldito forçado, se Seth não fosse cego.

—Mas, mas essa é a barganha! Esse é o comércio padrão ...

—Eu acho que vou passar, Sr. Abaddon. Obrigado mesmo assim. E obrigado pela risada também. Eu precisava disso.

Ele se virou para ir e Abaddon lutou por uma resposta. Ele tinha que pensar em alguma coisa! Seth não queria o instrumento. Mas ele não se opunha a disputa. Essa era a chave.

—O que então?— Abaddon disse nas costas de Seth. —O que você gostaria de apostar contra a sua alma?

Seth se virou, seu lábio inferior preso entre os dentes. Abaddon aproximou-se enquanto ele debatia, perto o suficiente para sentir o cheiro daquele de algodão doce e doçura do mel que fez suas pernas parecerem de borracha. Ele ansiava por estender a mão e tocá-lo, mesmo que por um minuto.

—Parece-me— disse Seth finalmente —que a única troca justa seria com o mesmo. Uma alma por outra.

Abaddon recusou. Em todos os seus anos preenchendo papéis, nunca ouvira falar de um diabo apostando sua alma. Afinal de contas, um demônio não tinha alma para dar.

—Eu perdi minha alma há muito tempo atrás. Eu não posso ...

—Venha para o revival. É tudo que peço. Ouça meu irmão falar. Poderia ser assim tão fácil?

—Se eu ganhar, você perde sua alma. E se você ganhar, eu irei para seu pequeno show? Essa é a sua proposta?

—Exatamente. ‘Pois conheço os planos que tenho para você, declara o Senhor, planos para o bem-estar e não para o mal, para lhe dar um futuro e uma esperança⁹. Porque tenho confiado na tua benignidade; o meu coração se regozijará na tua salvação¹⁰.’

Agora foi a vez de Abaddon rir.

—Você está se enrolando agora. Esses versos não estão nem no mesmo capítulo.

Seth apenas sorriu.

—Nós temos um acordo ou não?

⁹ Jeremias 29:11

¹⁰ Salmos 33:21

—Oh, sim—, disse Abaddon, esfregando as mãos juntas em antecipação. —Nós definitivamente temos um acordo.



Capítulo dois

Tropeçando nas bolas¹¹ de Jesus

O duelo de violino não saiu como planejado. Normalmente, Abaddon teria produzido seu próprio instrumento por magia. A visão de tal poder normalmente fazia com que suas vítimas vacilassem. Mas desta vez, antes que Abaddon pudesse produzir o violino, Seth segurou seu próprio violino e se inclinou para Abaddon.

—Eu suponho que você não trouxe um com você.

—Bom palpite.

Abaddon aceitou. O arco tremeu em sua mão. A energia do garoto permaneceu nos trastes e cordas, fazendo as pontas dos dedos de Abaddon se arrepiarem. E quando ele o colocou no pescoço e apoiou o queixo no berço, a essência da alma o atingiu com força, afastando o ar de seus pulmões. Seus joelhos quase se dobraram. Ele rangeu os dentes, segurando um gemido. Foi a sensação mais estranha, não exatamente prazer e nem dor, como uma garra sendo passada sedutoramente pelas suas costas.

—Sr. Abaddon?— Seth perguntou, com uma das mãos para oferecer apoio a ele. —Você está bem?

Foi preciso muita força para endireitar as costas e os ombros.

—Sim.— Tecnicamente, ele estava bem, mas sua mente se espantou com o efeito que o garoto tinha sobre ele. Ele estava tanto

¹¹ Estar sob os efeitos do LSD, cogumelos psicodélicos, ou qualquer outra droga forte. Uma viagem induzida pelas drogas.

nauseado quanto intrigado. Ele não sentia a verdadeira excitação em anos - talvez décadas - mas ele ainda reconhecia a dor súbita em suas bolas. Não demoraria muito para enviar o sangue para o sul, e então os trabalhadores do revival não seriam os únicos com uma barraca armada no interior do Kentucky.

Foco!

Ele fechou os olhos e respirou lenta e profundamente, centrando-se. Tentando esquecer Seth e sua alma incrivelmente perfeita.

E ele tocou.

Ser um demônio vinha com certos benefícios. Nenhum plano médico ou odontológico, mas todos os diabos tinham a capacidade de entender praticamente qualquer idioma e tocar praticamente qualquer instrumento musical que pudessem encontrar. Nenhum deles poderia rivalizar com um verdadeiro sábio, mas Abaddon sentiu que ele estava tocando adequadamente. Os mortais geralmente tropeçavam em seus próprios nervos quando era a vez deles de tocar, e quando ele abaixou o arco, a confiança de Abaddon retornou.

Durou apenas um segundo ou dois embora. O sorriso calmo de Seth foi o suficiente para empurrá-lo um passo.

—Você toca bem, Sr. Abaddon.

—Obrigado.— Mas ele poderia dizer que foi mera educação. Seth foi compelido por boas maneiras para cumprimentá-lo, mas o menino não parecia assustado quando ele estendeu as mãos para o violino. Abaddon entregou-lhe o instrumento, tomando cuidado para não tocá-lo.

—E você pode parar com a porcaria de ‘senhor’. Abaddon é meu primeiro nome.

—Como quiser.

Ele se perguntou se Seth poderia senti-lo no violino do jeito que ele foi capaz de sentir Seth. Se ele fez, não mostrou. Abaddon não detectou nenhum alarme ou desconforto quando Seth enfiou o instrumento sob o queixo e levantou o arco. Não havia sinal de nervos ou desconforto.

—Devo tocar Paganini¹² para você? Dizem que ele vendeu sua alma ao diabo em troca de suas habilidades.

—Ele fez, de fato.

—Eu sempre achei seu trabalho um pouco discordante, para ser honesto. Eu prefiro um som mais clássico.— E com isso, Seth fechou os olhos e começou a tocar.

Realmente, não era uma disputa. Era a primeira parte da Sonata para violino de Tartini em Sol menor, mais comumente conhecida como a Sonata do Trinado do Diabo, e era a versão mais perfeita que Abaddon já ouvira. Os dedos de Seth voavam sobre os trastes. Seu arco dançava através das cordas. Ele manteve os olhos fechados enquanto tocava, e a música estava quase viva, os acordes pungentes e comoventes, feitos mágicos pela alma maravilhosa de Seth, e Abaddon ficou admirado quando as notas o inundaram, inundando seus sentidos sobrenaturais como ondas contra a costa. Deixou-o sem fôlego, sentindo-se como se tivesse apenas alguns acordes longe de cair em lágrimas.

¹² Niccolò Paganini (Gênova, 27 de outubro de 1782 — Nice, 27 de maio de 1840) foi um compositor e violinista italiano que revolucionou a arte de tocar violino, e deixou a sua marca como um dos pilares da moderna técnica de violino. O seu caprice em Lá menor, Op. 1 No. 24 está entre suas composições mais conhecidas e serve de inspiração para outros proeminentes artistas como Johannes Brahms e Sergei Rachmaninoff.

Também o deixou sem dúvidas quanto ao vencedor do seu pequeno desafio. A alma de Seth nunca esteve em perigo algum.

Seth era muito educado para declarar sua própria vitória. Foi deixado para Abaddon. Ele estava dividido entre amargura e espanto.

—Eu acho que é seguro dizer que você chutou minha bunda musical.

Seth riu.

—Eu nunca diria uma coisa dessas, mas Deus achou por bem abençoar-me a esse respeito.

—Não era Deus tocando o violino.

—Eu diria que era Ele. Ele simplesmente me usou como seu instrumento.

—Você já tomou crédito por alguma coisa?

—Fazer isso seria vaidade aos olhos do Senhor. 'Todo dom perfeito vem do alto e desce do Pai das luzes'

—Sim Sim. Eu sei como é. —Ele balançou a cabeça. —Você tem uma citação da Bíblia para tudo, não é?

—A resposta para cada pergunta pode ser encontrada em suas páginas.

Abaddon revirou os olhos. Era bom que o garoto não pudesse ver a diversão em seu rosto.

—Se você diz.

—Você virá esta noite, como prometido?

—Eu irei.— Afinal, um acordo era um acordo. Ele estava vinculado pelas leis de seu próprio emprego a seguir adiante. E olhando para Seth, ele sentiu que não tinha sido uma perda total. —Estou ansioso para ouvir você tocar de novo. Talvez algo um pouco mais edificante da próxima vez?

—Eu vou tocar algo divertido, só para você.— Seth se adiantou, a mão direita estendida. —Foi um prazer conhecer você, Sr.- quero dizer, irmão Abaddon.

Foi preciso todo o autodomínio de Abaddon para estender a mão e apertar a de Seth. E uma vez que ele fez, precisou de muito esforço para ficar de pé. A eletricidade formigou em seu braço e seu torso, acendendo um fogo de desejo em seus lombos. Ele sugou o ar através dos dentes e agradeceu a Deus - sim, na verdade agradeceu ao bastardo - por deixar Seth cego para que ele não pudesse ver o efeito que tinha sobre ele.

—Foi bom conhecê-lo também—, ele resmungou quando Seth baixou a mão. —Vou vê-lo hoje à noite.

—Paz e amor para você, irmão.

—Os sinos do inferno—, murmurou Abaddon, passando a mão trêmula pelo cabelo. —Tudo o que você diz, garoto.

* * * * *

A tenda do revival não era a maior que Abaddon tinha visto, mas também não era a menor. Era cerca de cinquenta metros por quinze, listrada de vermelho e branco. Estava no final de um longo campo com uma enorme faixa erguida sobre a entrada.

Revival do arco-íris hoje à noite

Apresentando Rev. Thaddeus B. Rawlins, Jr.

Todos os Adoradores são Bem Vindos!

Quase duas dúzias de trailers de viagem formavam um semicírculo atrás da tenda, obviamente o alojamento dos revivalistas. Além deles, Abaddon avistou vários veículos e dois semi-

caminhões estacionados vazios e silenciosos, prontos para o dia em que todo o show parasse e seguisse em frente.

Abaddon tinha estado em mais revivals do que ele podia contar. Ele encontrou dezenas de seitas religiosas ao longo dos anos, mas nenhuma como esta. Muitos outros grupos revivalistas mantêm um conjunto muito modesto de regras em relação à aparência. Os homens tinham que usar camisas de manga comprida, e as mulheres usavam saias sombrias e compridas até o tornozelo e nunca cortavam os cabelos. Mas o grupo de Seth parecia levar a parte “arco-íris” de seu nome ao coração. Os homens usavam calças de veludo, camisetas tingidas e óculos de armação de chifre. As meninas tendiam para dreadlocks e roupas compridas e esvoaçantes de cores vivas. Eles pareciam um grupo de hippies modernos, mas ao contrário da maioria dos grupos de “amor livre” que Abaddon conhecia, esse grupo era notavelmente casto. Camisas eram invariavelmente modestas, e cada saia terminava abaixo do joelho. Eles eram uma mistura de extremos opostos - berrantes, mas conservadores; devotos, mas ainda na moda.

—Ora vejam só— murmurou Abaddon para si mesmo. — Evangelistas Hipster.

A área ao redor da tenda zumbia de atividade. Homens circulavam, verificando estacas e gravatas, protegendo-os contra ventos repentinos. As mulheres iam e vinham, carregando cadeiras e jarras gigantes de água, café e chá gelado, preparando-se para a apresentação da noite. Os geradores começavam a funcionar, enchendo a tenda com luz, fazendo parecer um vaga-lume gigante empoleirado entre as formigas. Tudo parecia estar trabalhando sob a direção de um homem alto, de ombros largos, usando um buquê roxo

com elaboradas costuras de ouro. Sua voz profunda explodiu sobre o terreno.

A estrela do espetáculo, proclamada pela bandeira, era o reverendo Thaddeus Rawlins. Ele tinha cerca de trinta anos, vestido como os outros homens, exceto por ter acrescentado uma jaqueta de veludo cotelê com mangas de couro. Ele também usava Birkenstocks¹³ com meias de lã.

Até mesmo seu reverendo era um hipster.

Abaddon espreitava perto das bordas da atividade, escondido pelas árvores, esperando o entretenimento começar. Ninguém o notou, embora os olhos do alto capataz parecessem circundar o caminho de Abaddon com muito mais frequência do que ele gostaria.

Seth estava longe de ser visto, mas a música começou logo após o primeiro carro aparecer, obviamente, por algum membro do grupo vigilante. Era “How Great Thou Art”, embora com um ritmo mais rápido que o normal, e o hino fluíu da tenda, quase luminescente aos olhos sobrenaturais de Abaddon. Borbulhou em direção a ele através da sujeira acumulada no campo e quebrou como água contra seus tornozelos, fria como o gelo derretido em sua pele não natural. Essa era a influência de Seth, ele tinha certeza. A alma do menino chamava-o, chamando-o para mais perto, fazendo a boca encher de água com uma fome que nada tinha a ver com comida. Ele esperou, porém, observando, contando os congregantes, não querendo estar perto demais da frente da congregação ou muito atrás. Finalmente, ele



parou atrás de um grupo de quase vinte recém-chegados que haviam se alinhado na entrada da tenda.

A música continuou, alternando hinos clássicos com canções evangélicas mais modernas. Abaddon tinha assumido que Seth tocava o violino novamente, mas ele estava errado. Ele ouvia duas guitarras, um baixo, bateria e um teclado. Seth estava no último. Abaddon sabia disso sem sequer ver o interior. Ele podia dizer pela maneira como as notas do piano ressoavam em seu peito, apertando dolorosamente o poço de energia que queimava onde sua alma costumava estar.

A fila para entrar na tenda movia-se devagar, em parte porque alguns membros do grupo do reverendo estavam lá dentro cumprimentando os recém-chegados, em parte porque mortais eram ovelhas, sempre passando e parando para olhar em volta, o enxame de pessoas atrás deles ainda esperando para entrar. Abaddon cerrou os dentes, desejando que eles avançassem. Ele queria entrar naquela tenda.

Algum dia aprenderia a ser cuidadoso com o que desejava.

No momento em que ele entrou, o grande capataz segurou seu braço. Seu aperto era como um torno. Seus olhos se arregalaram para fora de seu rosto escuro.

—Você deve ser Abaddon.

Abaddon tentou libertar o braço, mas não teve sorte. Era como um braço de ferro em uma versão preta de André O Gigante¹⁴. Ele se

¹⁴ André René Roussimoff, mais conhecido pelo seu ring name André the Giant, foi wrestler profissional e ator francês, naturalizado americano. Apesar da sua enorme fama, apenas ganhou uma vez o WWE Championship, sendo inclusive o detentor do reinado mais curto na história da WWE.

acalmou, em vez de se envolver em uma batalha de vontades com o homem.

—Eu sou.

—Seth me pediu para cuidar de você.

O homem esperou por uma resposta, olhando para Abaddon como se ele fosse um tipo particularmente repugnante de barata.

—Uh... tudo bem.— Abaddon mudou o braço novamente, lutando sutilmente pela liberdade. Ele foi mais uma vez negado. — Bem, eu estou aqui. Posso me sentar agora ou o quê?

O homem se aproximou.

—Eu devo permitir a entrada porque é o caminho do nosso povo, mas eu não te recebo, irmão Abaddon.

O caminho do nosso povo? Esse cara estava bebendo muito Kool-Aid¹⁵, com certeza. Abaddon fez o melhor que pôde para não rir.

—Devidamente anotado.

—Eu não vou permitir que você machuque o menino.

—Acalme-se, Capitão Caverna.— Desta vez, Abaddon puxou o braço com força do aperto do capataz. —Eu estou aqui apenas pela música.

Ele passou pelo homem, olhando em volta para se orientar. A tenda parecia menor por dentro, mas Abaddon calculou que poderia comportar até quinhentos fiéis. Um palco havia sido erguido no outro extremo, com um púlpito na frente e no centro. A banda tocava no lado direito. À esquerda, dez membros do grupo do reverendo estavam de pé próximo do palco - cinco mulheres em saias de vassoura e cinco homens de veludo cotelê e gravata. Abaddon

¹⁵ Marca de suco em pó.

imaginou que eles fossem o coro. Eles recebiam os membros da multidão com sorrisos e apertos de mão. Eles se cumprimentavam com o Beijo da Paz, um beijo casto nos lábios, embora nunca entre os sexos. Homens beijavam homens, mulheres beijavam mulheres. Eles não cruzaram as linhas de gênero. Abaddon já tinha visto isso antes em outras seitas e sempre se perguntava quantos deles sentiam alguma emoção secreta naquele rápido encontro de lábios.

Ele procurou um lugar para sentar, examinando as filas próximas à direita, por um lugar vazio. Era um velho truque de revivalismo usar o espaçamento entre cadeiras para dar a ilusão de casa cheia, independentemente de quantas pessoas aparecessem. Quando o revival chegava na cidade, eles espaçavam as cadeiras a um passo de distância, tornando os corredores agradáveis e largos. O grupo de revival de Seth obviamente tinha estado nessa parte do Kentucky por um tempo, porque as cadeiras estavam arrumadas, apenas alguns centímetros entre elas para permitir a ocupação máxima. Abaddon enfim encontrou uma cadeira na quinta fila que lhe permitia uma visão clara de Seth.

Ele trocou de roupa. Em vez de uma camiseta, ele usava uma camisa branca, abotoada quase até o topo. E, em vez de um cachecol de tricô, ele usava um de seda vermelha, amarrado com força no pescoço e enfiado no colarinho. Ele estava no centro de uma configuração elaborada, com teclados em três lados. A banda parecia confiar mais na improvisação e na ornamentação do que em melodias estritas, e Seth era claramente a força motriz por trás deles, como um diretor sem um bastão. Ele tocava naturalmente, mudando de uma música facilmente para outra, e o resto dos músicos seguia.

Ele era incrivelmente fofo e Abaddon o observava, desejando toalmente que o garoto pudesse ver. Ele procuraria na multidão, se pudesse? Ele esperaria ver se Abaddon foi influenciado pelo discurso do bom reverendo? Ele acreditaria que a alma de Abaddon havia sido salva?

Talvez fosse melhor que Seth não pudesse ver depois de tudo. Mas, enquanto pensava nisso, os olhos cegos de Seth pareceram se acomodar nele, e o garoto sorriu.

Era possível que ele tivesse mentido sobre ser cego? Afinal, ele andou na floresta sem qualquer ajuda. Mas não. Abaddon não podia imaginar o menino mentindo. Ele era devoto demais para isso, e Abaddon não havia detectado qualquer desonestidade por parte de Seth.

A multidão ficou mais alta e a música também. Um dos guitarristas se aproximou de Seth, inclinando-se sobre o teclado para falar com ele. Seth riu, seus dedos não perdendo uma nota, seus olhos brilhando de felicidade, e outra onda de luminescência tomou conta de Abaddon, enviando arrepios por sua espinha. Ele estava feliz por estar sentado, porque o desejo que brotou nele teria sacudido seus joelhos. Ele cerrou as mãos, engolindo a necessidade que a alma de Seth agitava nele.

Ele reivindicaria aquela alma para si mesmo nem que fosse a última coisa que ele fizesse. Ele não tinha outra escolha. Ele não achava que poderia ficar de pé agora.

A música começou a diminuir e a multidão vibrou de excitação. Os participantes eram uma mistura heterogênea de preto e branco, latino e asiático. Eles aplaudiram quando o ato de abertura do

reverendo Thaddeus - apresentado como o reverendo Bob - subiu ao palco, um pandeiro na mão.

Abaddon recostou-se no banco e assistiu ao espetáculo.

O sermão foi curto em fogo e enxofre e longo em uma celebração no estilo do Novo Testamento do amor de Cristo. Quando o reverendo Rawlins subiu ao palco, metade da multidão estava de pé. Houve muitos versos bíblicos, pelo menos metade deles fora de contexto, mas ninguém parecia se importar. Quinze minutos em sua performance, os músicos começaram de novo. Não hinos desta vez, mas música animada, dando aos congregantes uma batida forte para aplaudir e pisar enquanto o reverendo delirava e a bolsa de coleta começava a rodar.

—O Senhor nos manda amar o próximo!

—Amém!— o apoio dele e o coro gritaram juntos, estimulando a multidão a ecoar.

—Amá-lo como seu irmão!

—Aleluia!

—O Senhor ordena que você ajude os pobres! Amar seu irmão como você mesmo!

—Louve Jesus!

—Dizem-nos em Marcos que não há mandamento maior do que isso!

—Amém, irmão!

—O ódio incita contendas, mas o amor encobre todos os pecados!

—Aleluia!

—E quando eu deixar este plano terrestre, quando eu me aproximar daqueles portões de pérola, quando eu enfrentar meu Senhor para explicar meus pecados—

—Louve Jesus!

Abaddon tinha visto muito fervor religioso ao longo dos anos. Ele tinha visto bíblias batendo, cura pela fé e manipulação da serpente. Ele tinha visto pessoas se contorcendo no chão e falando em outras línguas. Ele até viu alguns bons rapazes no Mississippi beberem estricnina¹⁶. Mas ele nunca tinha visto nada como o Revival Arco-íris do reverendo Rawlins. Ao redor dele, pessoas usando roupas de brim, tie-dye¹⁷ e veludo cintilavam e aplaudiam e cantavam. Elas riram e elogiavam. Era como uma rave sem as drogas. Como um cantinho de Woodstock onde todo mundo estava tropeçando em Jesus.

A música aumentou em ritmo. A multidão aplaudia. O reverendo Bob corria para cima e para baixo pelos corredores, sacudindo o pandeiro, certificando-se de que a bolsa de coleta nunca parasse de se mover. Seth continuava, suas mãos batendo nos teclados, sua testa brilhando de suor. E o reverendo Rawlins...

Abaddon parou, olhando para o palco.

O reverendo ainda pregava, mas o que ninguém além de Abaddon parecia notar era o modo como o reverendo Rawlins e seu pequeno grupo de seguidores continuavam olhando em direção a

¹⁶ é um alcalóide cristalino muito tóxico. Foi muito usado como pesticida, principalmente para matar ratos. Porém, devido à sua alta toxicidade, não só em ratos, mas em vários animais e também o homem, o seu uso é proibido em muitos países.

¹⁷ (em português, 'amarrar e tingir') é uma técnica de tingimento artístico de tecidos. Varias cores são usadas na roupa e formam desenhos de espiral.

Seth. Alguns pareciam ansiosos. Alguns pareciam esperançosos. Seth estava alheio, perdido em seu mundo musical sem visão.

—Talvez o Espírito Santo nos visite aqui esta noite!— gritou o reverendo, voltando os olhos para Seth.

—Louvado seja Jesus!—, Respondeu a multidão, concentrando-se no reverendo Thaddeus, mesmo quando o coro se virou para ver o jovem tocando os teclados.

O que exatamente estava acontecendo aqui?

Todos pareciam estar esperando.

Algo.

Esperando por alguma coisa.

Todos menos um.

Ao lado, o capataz negro estava com os ombros para trás e as mãos cruzadas atrás dele, calmas e sólidas, sem se deixar levar pelo espetáculo à sua frente.

E ele estava olhando diretamente para Abaddon.

Capítulo três

Uma abundância de Baphomets e Belzebus

O que quer que o grupo do reverendo estivesse esperando, não aconteceu. Por fim, o fervor aumentou e quebrou. A música suavizou. O revival chegou ao fim. Congregantes se arrastaram para seus carros, enxugando as sobrancelhas com lenços de papel, sorrindo e rindo. No geral, eles pareciam satisfeitos com o desempenho.

O grupo do reverendo era diferente. Abaddon sentiu o desapontamento deles. Eles continuavam a olhar para Seth, embora apenas o guitarrista tenha se aproximado. Ele colocou a mão no ombro de Seth, inclinando-se para falar, e Seth assentiu. Abaddon desejou poder ouvi-los, mas o barulho da multidão em retirada era alto demais. O guitarrista beijou Seth, não de um jeito romântico, mas um beijo de paz fraternal, e partiu.

Abaddon viu sua chance.

Ninguém o parou quando subiu no palco e se aproximou do banco dos teclados. O chamado da alma de Seth parecia ter diminuído um pouco. Suas bochechas estavam mais pálidas também. Ele parecia exausto.

—Foi um bom show—, disse Abaddon.

Seth se virou para ele com um sorriso. Seus olhos cegos pareciam olhar por cima do ombro esquerdo de Abaddon.

—Você veio.

—Como prometido.

—Você gostou do sermão?

Abaddon decidiu se esquivar da pergunta.

—Eu achei a música incrível.— Ele se inclinou sobre o teclado mais próximo, observando a configuração expansiva. Seth tinha um Wurlitzer¹⁸ à sua direita, um Nord Electro¹⁹ empilhado sobre um Fender Rhodes²⁰, na frente e no centro, e um Hammond B3²¹ à sua esquerda. —Quantos instrumentos você toca?

—Todos eles.

Abaddon piscou.

—Todos eles? Você quer dizer-

—Meus favoritos são violino, piano e violão.— Seth tocou as teclas suavemente, como se se assegurando de que não tivessem se movido. —Eu costumava tocar harpa também, mas não gosto muito desde que meu pai morreu.

Abaddon imaginou Seth como um querubim em uma nuvem fofa, pequena harpa de anjo em suas mãos perfeitas. Isso trouxe um sorriso aos seus lábios.

—A guitarra elétrica é definitivamente mais sexy.

—Mais sexy?— Seth tocou o lenço em volta do pescoço, parecendo incerto. —Eu suponho que é por isso que eu prefiro violino e teclado.

¹⁸ O piano eletrônico Wurlitzer, comumente chamado de piano elétrico Wurlitzer, é um piano elétrico fabricado e comercializado pela Wurlitzer de meados dos anos 50 até o início dos anos 80.

¹⁹ emulam digitalmente teclados eletromecânicos, como pianos elétricos e órgãos eletrônicos, enquanto projetados para serem altamente portáteis

²⁰ é um piano elétrico cujo timbre inconfundível é associado a inúmeros sucessos da música pop ocidental nos últimos 50 anos.

²¹ é um órgão eletro-mecânico desenvolvido e construído por Laurens Hammond em torno de 1934. Enquanto originalmente vendido para igrejas como uma alternativa de baixo custo ao órgão de tubos, acabou sendo usado para o jazz e o blues e então para uma extensão do rhythm and blues, rock e reggae, sendo um instrumento importante no rock progressivo sem esquecer a música gospel e a música sacra.

Nunca ninguém flertara com ele antes? Abaddon pensou nisso, mas antes que pudesse dar uma resposta, foram interrompidos pelo grande capataz da tenda.

—Irmão Abaddon—, ele disse, subindo os degraus até o palco. — O revival acabou. É hora de você sair.

—Alguém já te disse que você soa como James Earl Jones²²?

O homem nem sequer deu um sorriso.

—Vá para casa. Seth precisa descansar. As performances são cansativas para ele.

Seth se inclinou para Abaddon, sorrindo desculpando-se.

—Irmão Zed é um pouco protetor.— Então mais alto para Zed: —Tudo bem, irmão Zed. Nós só estávamos conversando.

A carranca de Zed ficou mais profunda. —

—Você confia muito facilmente. Abaddon não é como você. Você não pode presumir ...

—Sim, sim—, disse Abaddon, levantando a mão para parar as palavras do homem. —Sou uma má influência. Seja como for. —Ele se virou para Seth, que parecia divertido com toda a troca. —Seth, que tal se você me levar para fora?

—Isso é uma má ideia—, disse Zed.

—Essa é uma ideia maravilhosa—, disse Seth, como se Zed não tivesse falado nada. Ele estendeu a mão do teclado em direção a Zed, parando antes de colocar a mão em seu braço. —Vai ficar tudo bem, irmão Zed. Só vou demorar um minuto e você poderá me observar o caminho todo.

²² é um premiado ator e dublador norte-americano indicado ao Oscar. Conhecido pelos brasileiros por ser a voz original de Darth Vader e Mufasa.

Zed franziu o cenho e Abaddon resistiu ao impulso de mostrar a língua como uma criança de cinco anos. Seth deu a volta segurando a parte de trás do teclado, tomando o braço de Abaddon em seguida. Mesmo através da manga, o contato foi suficiente para fazer o coração de Abaddon acelerar. Ele tentou parecer legal embora. Ele sorriu para Zed enquanto passavam por ele.

—Manto legal. Paz e amor para você, irmão.

Zed franziu o cenho. Seth parecia não se incomodar.

—Se você puder me guiar pelas cadeiras-

—Claro.

—Eu fico bem lá fora, mas eu sempre tenho problemas dentro da tenda por algum motivo.

Abaddon sentiu os olhos de Zed em suas costas enquanto conduzia Seth pelo corredor, como um casamento ao contrário. Ele deu um suspiro de alívio quando eles saíram para o ar fresco da noite. Grilos chilreavam ao redor deles, audíveis mesmo sobre o zumbido dos geradores do revival. As luzes da tenda e os carros que partiam do outro lado do campo afogavam as estrelas e lançavam um brilho misterioso sobre os congregantes restantes, que estavam em pequenos grupos conversando com alguns membros do grupo do reverendo. Seth soltou o braço dele. A carne de Abaddon ainda formigava do contato.

—Você gostou do sermão?

—Você já me perguntou isso.

—Você não respondeu. Meu irmão é um orador maravilhoso, não é?

—Oh.— O grupo de Seth parecia chamar todo mundo de “irmão”, então Abaddon não tinha certeza do que pensar. —Você quer dizer que você e o reverendo Thaddeus são irmãos de verdade?

—Sim e não.— Eles caminharam lentamente através dos aglomerados de pessoas em direção aos carros estacionados. Agora que eles estavam do lado de fora, os passos de Seth pareciam certos e firmes. —Eu realmente fui abandonado no revival quando criança. Uma das mulheres ouviu um bebê chorando à noite. Ela foi procurar e me encontrou debaixo do banco do piano. Thaddeus Rawlins pai era o reverendo naquela época. Seu filho mais novo havia morrido no berço apenas alguns meses antes, então o reverendo me acolheu.

—Foi ele quem te nomeou Seth?

—Sim.

—O filho substituto, dado a Eva depois que Caim matou Abel. Seth abaixou a cabeça.

—Exatamente.

Eles passaram pelas pessoas para a terra de ninguém entre o revival e os carros estacionados. Abaddon apertou a manga de Seth, tomando cuidado para não tocar a pele, e os inclinou em direção à borda do campo. Ele não tinha carro, e Zed certamente notaria, a menos que Abaddon pudesse perder a vigilância do homem na escuridão lançada pelas árvores.

—Então o velho reverendo te criou como filho dele?

—Sim. Ele era um homem maravilhoso.

—Quando ele morreu?

—Quando eu tinha dezesseis anos.

—Sinto muito por sua perda.

—Está bem. 'Estou convencido de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, serão capazes de nos separar do amor de Deus'.

Ele encurtou o verso significativamente, mas ainda era desagradável, e Abaddon se encontrou rindo.

—Você vai me deixar louco com essa merda.

Seth apenas sorriu, e Abaddon imaginou que alguém tão devoto também poderia ser tão indulgente.

—Então seu irmão assumiu depois que seu pai morreu?

—Sim. O grupo mudou muito depois disso. Mas para melhor, eu acho.

—Eles são únicos, eu tenho que dizer isso. A maioria dos pregadores de revival que trabalham nesta região são da velha escola.

Seth riu.

—Oh eu sei. Eu visitei algumas de suas tendas. Tudo o que eles falam é o inferno. 'Somos todos pecadores no caminho da condenação, arrependam-se agora ou conheçam a ira de Deus'. Esse tipo de coisa.

—Exatamente.

Seth balançou a cabeça, inclinando-a para trás, como se quisesse observar as estrelas.

—Eu só conheço um Deus e Ele não é vingativo. Ele é caridoso e perdoador.

Abaddon sempre havia pensado em Deus mais como o CEO ausente de uma empresa enorme, mais interessado em jogar golfe e aperfeiçoar seu bronzado do que na atividade humana, mas não argumentou.

Eles alcançaram as árvores, e Abaddon diminuiu seus passos.

—Eles estavam todos te observando hoje à noite.

—Quem?

Abaddon parou e se virou para Seth, querendo ver seu rosto. Eles estavam perdidos nas sombras agora. O poder sobrenatural de Abaddon permitiu-lhe ver claramente o rosto de Seth na escuridão, mas a expressão do jovem ainda era difícil de ler.

—Seu grupo. Eles continuavam olhando para você como se achassem que você fosse explodir em chamas.

—Oh.— Seth arrastou o dedo do pé no chão, aparentemente desconfortável pela primeira vez.

—Por que eles estavam ...?

—Não é nada.— Mas ele mais uma vez tocou aquele pedaço de lenço que espiava pela gola aberta de sua camisa, puxando-o mais para cima em seu pescoço como se estivesse com frio, mesmo que fosse uma noite agradavelmente quente.

Abaddon esperou, pensando que Seth poderia elaborar eventualmente. Ele não fez, e quando ficou claro que ele não tinha a intenção de responder, Abaddon optou por uma mudança de assunto.

—Aquele cara Zed não gosta muito de mim.

Seth riu.

—Zed não gosta muito de ninguém.

—Exceto você.

—Ele parece pensar que é seu dever cuidar de mim.— Outro motor de carro fez barulho, e Seth virou a cabeça em direção ao som. —Você estacionou perto daqui?

—Eu não dirigi, na verdade. Eu sou um demônio. Eu venho e vou como quiser.

Seth riu, ainda pensando que era uma piada.

Abaddon olhou para o revival. Não foi difícil encontrar Zed. Ele estava de pé com as mãos nos quadris, o boubou²³ ondulando na brisa leve, olhando em sua direção.

—É melhor você voltar antes que seu anjo da guarda mande a equipe de busca. Você pode voltar para o acampamento?

—Eu vou ficar bem, irmão Abaddon, mas obrigado por perguntar.

—Obrigado por me acompanhar ao meu carro inexistente.

—Obrigado por manter sua palavra e vir para o revival.

—Uh ...— Isso estava ficando ridículo, mas ele estava estranhamente relutante em sair. —Obrigado por me convidar.

Os dois ficaram em silêncio, encarando desajeitadamente os pés deles. Abaddon não se lembrava de namoro, mas achou que era assim que se sentia no final da noite, quando tinha que decidir se devia ou não beijar a outra pessoa em boa noite. O pensamento de beijar Seth fez seu sangue rugir em seus ouvidos.

Isso fez algumas outras coisas mexerem também.

A voz de Zed ecoou pelo campo.

—Seth! Chega de conversa!

Seth suspirou e deu a Abaddon um sorriso de desculpas.

—Paz e amor para você, irmão.



Paz e amor eram as últimas coisas na mente de Abaddon. Seus pensamentos eram decididamente mais carnavais. Ele limpou a garganta.

—Boa noite, Seth.

Ele observou Seth virar e caminhar lentamente de volta para a tenda, que agora estava escura. Ele lutou contra o desejo ridículo de gritar. Implorar a Seth para ficar, mesmo que apenas na beira do campo juntos por mais alguns minutos.

E como se Seth tivesse sentido sua vontade, ele se virou.

—Estaremos aqui a semana toda. Talvez você decida voltar?

Abaddon sorriu, sentindo o brilho da alma de Seth todo o caminho até seus pés.

—Talvez eu volte.

* * * * *

Por mais que desejasse permanecer em Kentucky, onde poderia manter seus olhos e seu senso de alma em Seth, ainda havia uma montanha de papéis para preencher no Inferno. Mas por mais que tentasse, Abaddon não conseguia manter seu foco em seu trabalho. Ele encontrou sua mente vagando uma e outra vez para a brilhante luminescência de algodão-doce da alma de Seth, e para a expressão infeliz no rosto dele quando Abaddon perguntou o que seu grupo estava esperando durante o revival.

—Onde diabos você esteve?— Baphomet perguntou, correndo para a mesa de Abaddon. A gravata estava solta e os óculos tontos. Ele segurava uma pilha de papéis e relatórios em seu peito como um nerd segurando seu livro de cálculo. —Você achou algumas almas?

—Oh, eu encontrei uma.— Abaddon franziu a testa para a forma que ele estava tentando usar com sua máquina de escrever. Ele nunca conseguia obter os pontos em branco alinhados com a batida das teclas.

—Só uma?— Baphomet olhou por cima do ombro, certificando-se de que ninguém estava escutando. —Você tem menos de duas semanas para atender sua cota e só colheu uma alma?

—Droga!— Ele se distraiu e digitou seu nome no campo de data e a data no nome arquivado. Ele arrancou a folha do rolo. —Você tem algum corretivo aí?

—Abaddon!

—O que?

—Você quer ser rebaixado?

—Claro que não!

—Então você deveria estar caçando...

—Olha, eu encontrei uma alma, tudo bem? Não apenas qualquer alma, também. Essa está fora dos gráficos do caralho. Ela— Baphomet levantou o pacote de papéis da pilha em seus braços.

—Então por que eu não vi no relatório de hoje?

Abaddon suspirou.

—Bem, eu realmente não a tenho ainda.

—O que? Que droga você estava fazendo lá em cima então?

—Eu vou pegar, ok? Eu vou voltar de novo esta noite. E deixe-me dizer a você. Eu encontrei o pote de ouro do duende.

Baphomet sacudiu a cabeça.

—Você deve deixar de procurar por um e preencher a sua cota. Pegue um punhado de almas de mendigos todos os dias e saia desse buraco.

O pensamento de uma alma de um mendigo não era nem perto de atraente.

—De jeito nenhum, cara. Eu não posso desistir dessa. Esta é a alma para acabar com todas as almas. A coisa mais doce, mais pura que eu já senti. Ela é perfeita.

—Você é tão sentimental.

—Eu não sou. Estou sendo realista. Essa alma é meu ingresso. Eu não terei que colher novamente pelo resto do ano. Eu vou conseguir uma promoção. Eu serei o rei do departamento. Eu vou ... vou quebrar o recorde!— Ele fez uma pausa, pensando. —Ei, quem detém o registro atual da alma de qualquer maneira?

—Baphomet

—Você quer dizer você?

—Não, idiota. O outro Baphomet.

Abaddon franziu a testa, pensando.

—O cara com o cabelo vermelho?

—Não, o outro.

—Aquele com a barba?

—Não, o outro, o outro.

Abaddon coçou a cabeça.

—O baixinho?

—Não! O outro outro outro.

—Eu não consigo pensar em nenhum outro Baphomet.

Baphomet suspirou, olhando por cima do ombro novamente para se certificar de que não havia gerentes à vista. Ele se inclinou para mais perto.

—Aquele com a grande verruga.— Ele tocou o lado do nariz para esclarecer.

—Oh! Baphomet verruguento! Eu sei quem é agora.— Ele franziu a testa novamente. —Esse cara detém o recorde? Quem ele conseguiu?

—Tom Brady²⁴. 2001. Logo antes do jogo contra o Jets. É por isso que Drew Bledsoe²⁵ se machucou.

—Eu sabia que esse cara era bom demais para ser verdade!

—Baphomet pegou Belichick²⁶ ao mesmo tempo, mas aquele cara tem a alma de uma ameixa seca. Foi Brady quem selou o acordo. — Ele sinalizou para a pilha de papéis de dezoito polegadas na caixa de entrada de Abaddon. —Você saberia, se você lê-se os memorandos.

Abaddon revirou os olhos.

—Esse dia nunca vai chegar.

—Bolas de Belzebu, Abaddon! Você nunca leva nada a sério!

—Belzebu odeia quando você usa essa maldição.

—E daí? Belzebu é um idiota auto justificado.

Abaddon piscou confuso.

—Espera. De que Belzebu estamos falando?

—Todos eles!— Baphomet empoleirou-se na borda da mesa de Abaddon, tentando embaralhar os papéis em sua mão em alguma aparência de ordem. —Você precisa começar a levar esse trabalho a sério. Você está relaxando há uma década, mal cumprindo suas cotas, sempre atrasando o trabalho. Você tem que-

—Eu sei, eu sei.— Era verdade que o coração de Abaddon nunca tinha estado realmente no jogo de aquisição de almas. Isso sempre revirou seu estômago um pouco. Então, novamente, ele nunca havia

²⁴ Eu poderia colocar um bando de informação legal, mas só vou dizer isso: ele é um jogador de futebol famoso e é marido da Gisele Bündchen. Mais fácil, né?

²⁵ Outro jogado de futebol.

²⁶ Treinador de futebol.

encontrado uma alma como a de Seth. —Olha, eu só preciso disso, ok? Depois disso, eu vou ... Bem, vou tentar acompanhar.

—Não, você não vai. Você vai esperar até o último minuto de novo, como sempre faz.— Baphomet apontou o dedo para o nariz de Abaddon. —Se você não for cuidadoso, será direcionado ao tráfego nos Campos de Asphodel²⁷. É onde todos os carros que usavam gasolina com chumbo vão, você sabe.

Abaddon acenou para ele, sentando-se em sua cadeira para se inclinar mais perto.

—Ouça, eu estou dizendo a você, essa alma é tão pura que tem que me garantir, no mínimo. Eu só tenho que criar uma aposta que eu possa ganhar.

—Sim, boa sorte com isso.— Baphomet olhou para o corredor entre os cubículos e ficou de pé. —Você me ouviu, seu porco miserável!— disse ele a Abaddon, levantando a voz para que qualquer gerente que visse fosse obrigado a ouvi-lo. —Espero que uma varíola coma suas entranhas, seu idiota patético!

Abaddon não se incomodou em fazer sua parte na farsa. Assim que ele tivesse a alma de Seth, ele não precisaria se preocupar mais com gerentes.

²⁷ de acordo com a mitologia, é um local que fica no Mundo Inferior, reino pertencente a Hades, rei dos mortos. Neste lugar ficam vagando todas as almas que, depois de seu julgamento, não foram consideradas nem más, nem boas, mas simplesmente 'irrelevantes'.

Capítulo quatro

Bloqueado por Darth Vader

Abaddon passou os próximos dias no escritório, atualizando a papelada. Baphomet o questionou constantemente, insistindo que ele deveria estar colhendo almas. Ele tinha razão, mas as almas dos mendigos nunca apelaram para Abaddon. E agora, tendo provado a doçura de Seth, ele não suportava a ideia de se contentar com menos. Além disso, assim que ele vencesse Seth, ele estaria pronto. Por que desperdiçar seu tempo com uma dúzia de atletas profissionais quando Seth, sozinho, preenchia sua cota e um pouco mais?

Por isso, Abaddon compareceu ao revival todas as noites.

Os revivals sempre o divertiram, e o revival do Arco-Íris não era exceção. Zed franzia o cenho para ele constantemente, e todas as noites, os membros do Revival do Arco-Íris pareciam manter um olho em Seth, e mesmo assim nada aconteceu. O que eles estavam esperando? Que Seth ocasionalmente pegasse fogo, ou começasse a falar em línguas diferentes, como alguns dos pentecostais mais extremos? Talvez ele tivesse um histórico de convulsões, ou de cair na gargalhada de repente. Abaddon ficou intrigado com as possibilidades, mas o estranho comportamento dos modernos evangelistas permaneceu um mistério.

Não havia mistério, no entanto, por trás da incapacidade de Abaddon de falar com Seth novamente. Zed observava o garoto como

um falcão, escoltando-o para dentro e fora de seu trailer. Nos revivals, ele estava na beira do palco, perto do lance de escadas do lado direito, a poucos metros de onde Seth tocava, observando os procedimentos como um pastor cansado. Assim que o revival terminava, ele corria para Seth pela entrada dos fundos da enorme tenda. Abaddon tentava segui-los, mas com a maioria dos aventureiros indo na direção oposta, Abaddon era como um peixe nadando contra o rio.

Ele estava tendo seu pau bloqueado por um cara em um boubou. Isso o irritou pra caramba. Seu único consolo era que Seth também estava irritado com isso. Abaddon sentia a impaciência do menino sempre que Zed se aproximava. Ele observou de longe uma noite enquanto eles discutiam do lado de fora do trailer de Seth.

—Eu não sou uma criança!— Ele ouviu Seth dizer. —E eu não preciso de um acompanhante!

Não conseguiu ouvir a resposta de Zed, mas depois de mais um minuto de reclamações silenciosas, Seth cedeu e entrou. Logo, o som de seu violino saiu do trailer, andando na ponta dos pés durante a noite, acariciando os sentidos de Abaddon, provocando-o com as possibilidades. Era como se Seth soubesse que ele estava lá e tocasse só para ele. A boca de Abaddon se encheu de água e sua virilha formigou enquanto ele pensava como seria glorioso sentir a alma de Seth. Era quase como se Seth estivesse emitindo um convite, mas Zed estava do lado de fora da porta do trailer, olhando para a floresta onde Abaddon se escondia.

Abaddon debateu sobre simplesmente se materializar dentro do trailer de Seth, mas isso parecia rude, mesmo para os padrões do diabo. Além do mais, surgir assim iria assustar Seth, e se ele fizesse algum barulho, Zed viria correndo, trazendo a ira de todo o revival

para baixo na cabeça de Abaddon. A polícia local até poderia se envolver, e ser preso era um problema tão grande. Claro, ele poderia simplesmente sequestrar o trailer, mas depois haveriam perseguições policiais e reportagens de notícias e APBs²⁸...

Só a papelaria levaria uma semana, e Seth provavelmente não lhe daria nem mesmo um “oi” depois.

Não. Melhor esperar por um tempo.

Mas depois de duas horas completas, o trailer de Seth ficou escuro e silencioso, e Zed ainda estava de guarda. Abaddon acabou por admitir a derrota e voltou para o inferno. Afinal, a papelada ainda esperava. Ele estava mais atrasado em seu trabalho do que nunca.

Na quinta noite do revival, sua sorte finalmente mudou.

Ele chegou à tenda mais cedo do que nas noites anteriores. Como de costume, Zed acompanhou Seth até a tenda. Mesmo alguém sem sentidos sobrenaturais poderia ter percebido a raiva de Seth com base no aperto de sua mandíbula e na escuridão em seus olhos, mas para Abaddon, aquela raiva reprimida era como xarope de hicória na alma de algodão doce de Seth. Deu à sua essência um sabor espesso e quase esfumaçado que provocou arrepios na espinha de Abaddon.

Não importava onde ele estivesse na congregação, ele poderia jurar que os olhos cegos de Seth o encontravam o tempo todo. Seth sorria em sua direção, mordendo o lábio e se afastando conscientemente. Ele tocou violão nas duas noites anteriores, mas desta vez, ele retornou ao seu lugar atrás dos teclados. Ele usava jeans e uma camiseta preta simples, com um cachecol arco-íris no pescoço.

²⁸ uma mensagem de rádio enviada a todos os policiais de uma força policial que fornecesse detalhes de um suspeito de crime ou veículo roubado.

Abaddon sentou-se na frente da plateia, diretamente em frente a Seth. Zed franziu o cenho para ele, e Abaddon levantou a mão em um gesto animado e teve que reprimir uma risada infantil na mancha de fúria que subiu pelas bochechas escuras de Zed.

A tenda se encheu rapidamente e o revival entrou em ação. Thaddeus e o reverendo Bob trabalharam na multidão. O coro cantando louvores. Vinte minutos depois do revival, Abaddon era o único membro da plateia ainda sentado. O resto dançava e balançava as mãos no ar, gritando “aleluia!” e “louvado seja Jesus!”. A tenda parecia inchar e vibrar com seu fervor. Tantas almas ele poderia reivindicar, mas nenhuma que o chamava como a de Seth.

O show de Seth foi perfeito, como sempre. Mas hoje à noite, Abaddon detectou um vazio nele. Seth não estava sorrindo tão facilmente como de costume. Os acordes de seu teclado elétrico pareciam chatos e sem vida contra os sentidos de Abaddon, ressoando mais com solidão do que com alegria.

Ele estava infeliz. Isso ficou claro.

Abaddon sorriu. Agora, ele tinha algo para trabalhar. O ressentimento de Seth pela proteção de Zed era apenas a faísca pela qual ele estava esperando. Ele precisava apenas abaná-la um pouco, fazer uma oferta que aumentasse a raiva de Seth e desse um jeito de se libertar. Ele deixaria aquela fúria queimando sobre ele como um incêndio, e quando terminasse, Seth pertenceria a ele.

Ou então ele esperava, de qualquer forma.

Uma hora depois, a tenda se transformara em caos limítrofe. Congregantes dançavam e cantavam. A bolsa de coleta passou por ele de novo e de novo. O reverendo Bob batia o pandeiro e Thaddeus pregava, agitando a bíblia no ar. O coro se espalhou pelo

palco, agitando os braços, cantando a versão mais agitada do “Grêmio de Abraão” que Abaddon já ouvira.

Abaddon esperou, aguardando a hora, esperando que esta noite chegasse perto o suficiente para pegar Seth antes que Zed pudesse detê-lo.

Uma mulher à sua esquerda gritava em êxtase religioso, de alguma forma fazendo-se ouvir sobre o ruído. Ela balançava os braços, sacudindo o corpo em convulsões controladas, balbuciando sem sentido em uma língua que não existia. A multidão circulou em volta dela, aplaudindo-a, alguns deles simplesmente apreciando o espetáculo, alguns querendo estar mais perto dela enquanto ela era agitada pela paixão do toque invisível de Deus.

Abaddon sacudiu a cabeça, divertido. Ele tinha visto centenas de pessoas fazendo a cena do “falar as línguas”. Ele tinha ido a revivals onde metade dos participantes desmoronava e se contorcia no chão como fatias de bacon em uma panela, mas até agora, o Revival Rainbow tinha sido baixo em tal teatralidade.

—Vamos dar-lhe algum espaço, agora!— Thaddeus chorou, segurando os braços abertos. —O toque do Senhor é uma coisa poderosa. Irmão Zed, ajude nossa devota irmã a sentar na cadeira. Ela precisará descansar depois de tal inspiração divina.

Zed franziu o cenho, mas obedeceu, abandonando seu posto ao pé da escada.

Abaddon viu sua chance e aceitou.

Ninguém notou quando ele deixou seu assento e subiu o lance de degraus na extremidade direita do palco. Ninguém deu a ele uma segunda olhada enquanto ele passava pelo coro e ia até Seth e os teclados. Os dedos de Seth estavam rápidos nas teclas, mas seu

coração não estava nisso. Abaddon deu um passo atrás dele, tão perto que ele poderia tocá-lo, saboreando a doçura que permanecia no ar. Mesmo maculada com raiva e tristeza, a alma de Seth fez sua boca se encher de água.

—Nada mal, garoto. Mas acho que você está se segurando.

Seth não perdeu uma nota, mas sua cabeça girou em direção a Abaddon, um sorriso satisfeito se espalhando por seu rosto.

—Eu sabia que você estava aqui.

Abaddon testou o órgão à esquerda de Seth, ajustando o volume e as barras de tração um pouco.

—Se importa se eu ajudar um pouco?

O brilho da alma de Seth parecia pulsar, ficando mais quente, como o calor de uma fogueira contra a pele de Abaddon. Mordeu o lábio inferior, olhando de lado para Abaddon.

—Vá em frente.

Abaddon levou apenas um minuto para sentir a música. Seth estava mantendo a melodia simples, permitindo a Abaddon a chance de descobrir os acordes. Abaddon o cutucou com o cotovelo.

—É tudo o que você tem?

Seth riu. Sua diversão em ser desafiado novamente foi o mais doce afrodisíaco que Abaddon já conhecera.

—Estamos falando de outra disputa, velho?

—‘Velho’? O que eu fiz para merecer isso?

—O que vamos apostar nessa?

—Sua alma mortal.

—E se eu ganhar?

—Diga.

—Você me deve um sorvete.

—É isso?

Seth riu.

—É isso aí. Agora veja se consegue acompanhar.

E com isso, ele deixou o “simples” para trás e mudou para uma versão turbulenta de “Lead Me To That Rock”, dando-lhe um forte chute no blues. Seu baterista seguiu facilmente, mas a guitarra e os baixistas tropeçaram com a transição repentina. O coro pegou rápido, levantando as mãos para o céu enquanto cantavam o primeiro verso.

Das extremidades da terra

Das extremidades da terra

Eu vou chorar em ti?

A multidão se juntou. As notas do teclado de Seth adquiriram um novo sabor, ecoando pelos sentidos da alma de Abaddon, iluminando a tenda inteira. A congregação sentiu, quer soubessem ou não. A alegria de Seth era contagiante, e Thaddeus desistiu de pregar, deixando o fervor tomar conta.

Conduza-me a essa rocha

Conduza-me a essa rocha

Isso é mais alto que eu

Depois disso, Seth mudou para “Daddy Sang Bass”, perdendo seu guitarrista no processo. O jovem não parecia chateado, no entanto. Ele riu, como se estivesse acostumado a ser abandonado por Seth durante a pesada improvisação. Ele trocou sua guitarra por uma garrafa de água de um cooler escondido atrás da bateria e sentou-se para assistir ao show.

O baixista e o baterista se saíram um pouco melhor. O coro seguiu entusiasmadamente quando Seth fez a transição para “Can’t

Nobody Do Me Like Jesus²⁹” cujo título sempre trouxe imagens pecaminosas para a mente de Abaddon e o fez rir. E finalmente, Seth levou-os a uma versão ragtime de “Jesus, Hold My Hand”.

A tenda tremeu. O barulho era ensurdecedor. Seth ria constantemente de Abaddon, avisando-lhe das mudanças de ritmo uma ou duas vezes quando Abaddon perdia alguma, e Abaddon tropeçava, seus antebraços queimavam, tocando em cada grama de seu talento musical dado pelo Inferno, mas ele nunca ganharia. Ele sabia o básico, mas não conseguia tocar no nível de Seth. Seth deu a ele apenas o tempo suficiente após cada mudança para captar o seu ritmo - apenas o tempo suficiente para combinar com ele - antes de mudar sua própria parte na música para uma ornamentação pesada. Abaddon não estava competindo com Seth. Ele estava ajudando, fornecendo o ritmo para ressaltar o verdadeiro talento de Seth, mas de alguma forma, era adequado para ele.

O ritmo era frenético, o sorriso e o riso de Seth eram realmente gloriosos, e Abaddon se viu rindo também, amando a maravilha do momento, tão empolgado quanto os membros da congregação, mas sua paixão não tinha nada a ver com Deus e salvação e tudo sobre a musa angelical ao seu lado. Era mais diversão do que ele teve em anos.

Zed estava ao pé do palco como um pilar bíblico de raiva e Abaddon se viu rindo mais, esperando que o momento continuasse para sempre.

Mas não continuo.

—A última!— Seth disse por cima do ombro em direção ao coro e ao baterista.

²⁹ Ninguém me faz desejar como Jesus

Eles mudaram as notas, tocando em direção ao final, aumentando o tom crescente, e quando finalmente terminou, a multidão aplaudiu. O coro caiu em seus lugares, abanando-se e enxugando o suor de suas sobancelhas. Thaddeus deu um passo à frente novamente, com os braços no ar enquanto se preparava para dar o segmento final de seu sermão.

E Seth ...

Seth virou-se para Abaddon e jogou os braços em volta de seu pescoço, rindo de prazer.

—Isso foi incrível!

Toda a energia de Seth bateu em Abaddon como um soco no estômago, derrubando-o para trás. Ele caiu no teclado, quase tombando, ofegando por oxigênio, e Seth agarrou-o, tentando firmá-lo. Sua súbita preocupação só piorou as coisas. Uma segunda onda atingiu os sentidos de Abaddon. Era como vagar muito longe no mar e ser atingido no rosto com uma onda. Abaddon cambaleou. Ele teve que se forçar a respirar e finalmente encontrou seu equilíbrio com uma mão segurando o teclado e o outro braço apertado ao redor da cintura de Seth. Suas pernas pareciam de borracha.

Outras partes dele pareciam inteiramente sólidas demais.

—Você está bem?

Seth falou em seu ouvido, não querendo atrapalhar o sermão, e Abaddon se afastou um pouco, tentando colocar um centímetro de distância entre eles, tentando fazer seus joelhos funcionarem. Suas mãos tremiam. Ele se forçou a soltar Seth. Ele não teve que se forçar a sorrir embora. Ele ainda podia sentir a energia jubilante que sua música tinha agitado entre eles.

—Estou bem.

—Nós formamos uma ótima dupla! Você quase conseguiu.
Abaddon riu.

—Eu acho que é seguro dizer que sua alma ainda pertence a Deus.— E quando ele disse isso, ele sentiu o menor indício de alívio.
E com esse alívio veio um pouco de vergonha.

Ele queria a alma de Seth. Ele ansiava pela satisfação que viria quando a devorasse e a levasse através do abismo. Mas olhando para o rosto sorridente de Seth, ele sentiu o primeiro indício de dúvida. Abaddon havia reivindicado muitas almas ao longo dos anos, a maioria com uma miríade de pecados secretos. Ganância, ciúme, ambição. Essas foram a chave para o sucesso de muitos demônios. No entanto, Seth não tinha nenhuma dessas coisas, e Abaddon sabia que a alegria eufórica que ele sentiria ao pegar a alma de Seth seria correspondida apenas pela culpa que viria depois.

Seth se inclinou para ele novamente.

—Eu não posso acreditar que Zed o deixou chegar tão perto.

Abaddon riu, tentando se livrar do desconforto, e olhou para o grande e negro capataz. Ele poderia jurar que ele viu a ira do Céu nos olhos do homem.

—Não tenho dúvidas de que ele me arrancaria daqui agora se pudesse.

Seth sorriu, os dedos de sua mão esquerda deslizando facilmente para a de Abaddon. Os calos nas pontas dos dedos das cordas de violão passavam pela palma de Abaddon.

—Vamos. Vamos sair pela entrada dos fundos.

O coração de Abaddon pulou. Ele engoliu em seco, sem ter certeza de que entendeu.

—O que?

—Meu senso de direção fica todo confuso na tenda, mas sei que é por ali. Você consegue ver?

—Eu sei onde é.— Ele observou Zed levar Seth para longe nas últimas noites. Ele olhou para Zed. Ele viu quando o homem compreendeu, percebendo que Seth pretendia escapar dele. —É melhor sermos rápidos—, disse ele para Seth.

—Estou pronto, se você estiver.

Abaddon apertou a mão de Seth e levou-o para fora do palco, longe de um Zed fumegante, pela porta dos fundos da tenda. Eles correram para as árvores, ambos sufocando suas risadas como crianças enquanto Abaddon levava Seth pelas sombras, longe do revival, profundamente no coração da floresta.

Como todos os demônios, ele conhecia o caminho da tentação.

Uma vez fora do campo de visão, abrandaram para uma caminhada. Abaddon ainda segurava a mão de Seth. Ele amou essa sensação, aquele único ponto de contato onde o calor da alma de Seth podia penetrar em sua carne, mas agora que eles estavam longe, ele começou a se sentir estranho sobre isso. Ele soltou e imediatamente sentiu uma sensação de perda. Ele não tinha certeza de quanto do desapontamento era dele e de quanto vinha de Seth.

—Estou feliz que você veio no palco—, disse Seth, sua voz silenciada com timidez e incerteza. —Eu achei que você estivesse lá nas últimas noites, mas Zed ...— Ele riu, balançando a cabeça. —Eu perguntei a ele. Ele não queria me dizer, mas ele não estava disposto a mentir. Então ele dizia coisas como: “Não se preocupe com o paradeiro de Abaddon, jovem Seth”.

Sua imitação da voz profunda de Zed e palavras duras fizeram Abaddon rir.

—Ele realmente soa como Darth Vader, às vezes.

O sorriso de Seth diminuiu um pouco.

—Eu não sei. Eu nunca vi *Star Wars*. Ou *Star Trek*. Ou qualquer outro.

—Nem mesmo antes de você ficar cego?

Seth sacudiu a cabeça.

—Não vemos filmes nem assistimos TV.

—Celulares?

—Definitivamente não. Quase nem ouvimos o rádio.

—Ah.— Abaddon se sentiu como um idiota por inadvertidamente acabar com o humor brilhante de Seth. —Bem, você não está perdendo muito. Imagine um cara negro enorme voando pelo espaço em uma bola de basquete gigante, matando seus asseclas e ocasionalmente explodindo planetas.

—Parece horrível.

—É possível que eu esteja simplificando demais.

Seth parou de andar, virando-se para encarar Abaddon. Ele parecia estranhamente sombrio, e Abaddon sentiu um pouco da sua alma, buscando uma explicação. Não muito. Não se permitindo sentir o gosto daquela alma de algodão doce, porque isso o deixaria louco. Apenas um rápido movimento de seus sentidos, como a língua de uma cobra. O ar ao redor de Seth estava manchado de cítricos, quase azedo de solidão e saudade.

—O que houve?

—Estamos indo embora.

Abaddon piscou surpreso.

—Eu pensei que vocês fossem ficar até o final da semana, pelo menos.

—Eu também, mas o irmão Zed me disse hoje que vamos pegar a estrada de madrugada.— Ele sorriu, mas era o sorriso mais triste que Abaddon já vira. —Nós sempre partimos quando eu consigo fazer um amigo. Às vezes acho que ele faz isso de propósito.

Abaddon deu um passo para trás, seus pensamentos uma confusão. Ele veio aqui pela alma de Seth, mas agora, ouvindo Seth chamá-lo de amigo, ele sentiu outra pontada de dúvida.

—Você sabe para onde vão?

—Não. Zed não quer me dizer.

Abaddon franziu a testa. *Às vezes acho que ele faz isso de propósito.* Abaddon não achava que Seth fosse totalmente sério, mas ele tinha que se perguntar se Seth tinha acertado em cheio. Zed claramente não confiava em Abaddon. Talvez eles estivessem partindo apenas para afasta-lo dele.

—Não importa aonde você vá. Vou te encontrar. Zed pode fazer você fazer as malas e sair da cidade, mas não há lugar na Terra que ele possa te esconder. Não de mim.

Seth riu. Mesmo agora, Abaddon sabia que ele não acreditava. Ele obviamente achava que Abaddon estava fazendo uma piada. Mas então ele ficou sério, seu riso dando lugar a uma expressão sofrida que quase parecia dor.

—Existe um lugar onde possamos nos sentar?

O pedido surpreendeu Abaddon.

—Claro.— Ele acenou com os dedos e produziu um banco de parque direto do abismo. Ele desapareceria em um dia ou dois, mas os serviria bem por enquanto. —Aqui.— Ele pegou o braço de Seth e guiou-o para o banco, pronto desta vez para a onda de poder que tomou conta dele.

Seth franziu a testa enquanto sentava, suas mãos traçando as ripas de madeira abaixo dele.

—Isso já estava aqui? No meio do nada?

—Não. Eu fiz parecer.

Seth riu novamente, balançando a cabeça.

—Você é o homem mais estranho que eu já conheci.

Abaddon estava prestes a dizer: *“Eu não sou um homem”*, mas Seth falou novamente antes que ele pudesse.

—Posso te contar um segredo?

—Claro.

Mas agora, tendo decidido contar a Abaddon sobre o que pesava sobre sua consciência, Seth hesitou. Levou um minuto para reunir seus pensamentos e sua coragem. Abaddon sentou ao lado dele no banco e esperou até que ele finalmente começou a falar.

—Você me perguntou se minha cegueira era um castigo. E eu te disse que não era, mas... isso pode não ter sido a verdade.

—Você está dizendo que mentiu?

—Não. É só que, quando se trata de minha cegueira, às vezes não sei em que acreditar.

—Eu não entendo.

—Isso é porque eu não estou explicando bem.— Ele respirou fundo e mudou de rumo. —Quando eu tinha dezoito anos, decidi deixar o revival.

—Oh? Eu tive a impressão de que você amava isso?

Seth deu de ombros indiferentemente.

—Na maior parte do tempo, eu amo. Eu tive uma boa vida aqui. Eu cresci no revival. Fui educado em casa pela esposa do reverendo até ela morrer e depois pelo reverendo até ele morrer. Eu

estive cercado por pessoas que me amam desde o dia em que fui encontrado debaixo do banco do piano. Eu sinto que deveria estar satisfeito com o que me foi dado.

—Mas você está, não é?

Seth suspirou, entristecendo um pouco.

—Quando eu tinha dezoito anos, percebi ...— Ele parou de novo, mordendo o lábio. Abaddon suspeitava que Seth estava lutando para não chorar na frente dele. —Estou sozinho aqui. Eu tenho amigos, mas estou sozinho. E sempre estarei sozinho porque não ficamos em qualquer lugar por tempo suficiente para que isso mude.

—Mas você tem seu irmão. E aquele cara que toca violão. Eu o vejo conversando com você o tempo todo.

—Jeremy.— A voz de Seth era suave. —Sim, ele é meu amigo. Ele tem sido desde que tínhamos treze anos. Mas ele tem uma esposa. Todos eles têm esposas e maridos. Eles se preocupam comigo, mas eu não sou a primeira prioridade de ninguém. E, às vezes, acho que gostaria que alguém me colocasse em primeiro.

—Isso é normal.

—Ou talvez seja egoísta.

Abaddon pensou por um momento, imaginando como isso se encaixava com a confissão inicial de Seth de querer deixar o revival.

—Você não acha que pode encontrar uma esposa entre seus amigos do arco-íris?

Seth sacudiu a cabeça.

—Eu não quero uma esposa. E o que eu quero não é o tipo de pessoa que vem a um revival em Kentucky ou Tennessee.

Abaddon não esperava isso.

—Você está me dizendo que você é gay?

Seth não respondeu, mas o lento rubor em suas bochechas foi resposta suficiente.

—Você está preocupado que seja um pecado?

Seth sacudiu a cabeça enfaticamente.

—Não. Eu sei que os conservadores pensam assim, mas não foi isso que me ensinaram. Eu fui ensinado que o amor nunca é um pecado, e que o sexo só é um pecado se for feito fora dos laços sagrados do casamento.

—Então você quer encontrar sua alma gêmea?

Seth caiu novamente.

—Você faz parecer tão estúpido.

Abaddon franziu a testa. Essa não tinha sido sua intenção.

—'Dois são melhores que um. Se dois estão juntos, eles se mantêm aquecidos, mas como se pode aquecer sozinho?'

Seth riu.

—E de repente você é o único citando a Bíblia?

Abaddon se viu sorrindo ao absurdo disso.

—Eu só queria dizer que querer um parceiro íntimo nesta vida é natural.

Seth assentiu, esfregando as palmas das mãos no jeans, parecendo reunir coragem com as palavras de Abaddon.

—Nunca tivemos TVs, telefones celulares ou computadores, mas já vi livros e fotos. E quando eu tinha dezoito anos, comecei a fazer uma lista de lugares para onde queria ir. Eu tinha um caminhão e meu próprio trailer. Eu economizei um pouco de dinheiro. Eu percebi que não precisava de mais nada. Eu ia levar meu violão e meu violino e apenas dirigir. Talvez ir a algum lugar onde houvesse turistas

e tocar para ter uns trocados no bolso. Apenas para conhecer o que estava lá fora, sabe?

Abaddon assentiu, percebendo tarde demais que não adiantava nada para Seth.

—Então o que aconteceu?

—O que aconteceu foi que eu fiquei cego. Era meu décimo nono aniversário e, quando acordei, não conseguia enxergar. E mais tarde naquele dia Zed se juntou à nossa congregação, e ele é quem dirige o meu caminhão desde então.— Seth olhou para baixo novamente, segurando as mãos no colo. —Tudo que eu queria era ver algumas coisas - o Grand Canyon. Talvez Sião. Eu queria ver o oceano.— Ele enxugou apressadamente os olhos. —Você perguntou qual pecado eu cometi para merecer ser cego, e a coisa é, não havia um. E ainda sinto como se tivesse sido punido do mesmo jeito. Mas tudo que eu queria era ver mais do mundo.— Ele se virou para Abaddon, seu rosto uma máscara de pesar. —É errado querer testemunhar a maravilha de Suas criações com meus próprios olhos?

Abaddon quase quis chorar por ele. Como ele poderia dizer a Seth que, apesar de sua fé, Deus provavelmente não tinha nada a ver com ele ficando cego?

—Não há nada de errado com isso. Eu acho que você estava certo. Isso não foi punição. Foi realmente muito azar.

Seth não estava mais se incomodando em esconder suas lágrimas.

—Então agora eu sou cego e estou preso aqui, e nunca vou ver nenhuma dessas coisas. Eu tenho que depender dos outros para tudo. E eu sei que não deveria sentir pena de mim mesmo, mas às

vezes...— Ele respirou fundo, tremendo. Quando ele falou de novo, sua voz mal era um sussurro. —Às vezes fico com tanta raiva.

—Essa é uma reação normal.

—Mas pecaminosa. E dado o momento que aconteceu, tenho que me perguntar. Talvez querer deixar meu irmão seja um pecado. Talvez querer encontrar alguém para compartilhar minha vida e minha fé e minha cama também seja pecado. Talvez-

—Não, Seth. Nenhuma dessas coisas são castigos contra você. Eu posso ver porque sua cegueira pode fazer você questionar o que você acreditou em toda a sua vida. Eu posso ver como você pode começar a ler mais do que realmente existe. Mas acredite, eles não estão relacionados. Não há grande explicação. Às vezes o universo simplesmente não é justo.

Seth ficou lá por um momento, olhando cegamente para o colo, mas Abaddon percebeu que seus olhos não estavam mais cheios de lágrimas.

—Eu não posso decidir se isso me faz sentir melhor ou pior.

—Bem, eu estava apontando para 'melhor', para o que vale a pena.— Embora ele se perguntasse por isso. Não era da natureza do diabo ser gentil. —Olha, eu imagino ficar cego provavelmente foi como um chute nas bolas. Mas não tem nada a ver com você querendo encontrar a coisa mais simples e natural conhecida pelo coração humano. Eu prometo a você isso.

Seth ficou sentado por mais um momento, refletindo. Finalmente, ele enxugou as bochechas e deu a Abaddon um sorriso fraco.

—Obrigado.

—Não há necessidade de me agradecer.

—Há, na verdade. Todas as outras pessoas com quem eu tentei falar sobre isso disseram a mesma coisa estúpida para mim. —Sua voz era estranhamente grossa com desdém. —Deus trabalha de maneiras misteriosas.— Ele balançou a cabeça. —Eu sei que eles queriam meu bem, mas isso não ajuda. Mas o que você diz me faz perceber que eu prefiro acreditar na injustiça do universo do que imaginar sobre a injustiça de Deus.

Abaddon sorriu.

—E é exatamente por isso que sua alma é tão incrivelmente perfeita.

Eles ficaram lá por mais um minuto. A gratidão de Seth era como caramelo quente em sua alma maravilhosa, e Abaddon considerou todas as maneiras que ele poderia tentar negociar. Talvez oferecendo a Seth a visão dele novamente. Talvez se oferecendo para ajudá-lo a encontrar um marido. Talvez simplesmente levá-lo ao Grand Canyon para que ele visse sua magnificência apenas uma vez. Parecia tão simples, e ainda assim, ele não conseguia fazê-lo. Seth o chamara de amigo, e Abaddon relutava em trair essa confiança simples.

No final, ele não fez nada. E, eventualmente, Seth suspirou e se levantou. Abaddon seguiu o exemplo.

—Eu deveria voltar. Zed estará me procurando em breve.

—Compreendo. Você consegue encontrar o caminho de volta sozinho?

—Sim. Eu pareço ter um jeito ao atravessar a floresta. É o único consolo que Deus achou bom me conceder. —Ele mordeu o lábio, tocando o lenço em volta do pescoço. —Eu não sou muito bom em dizer adeus.

—Mas isso não é um adeus. Eu falei a verdade quando disse que te encontraria. Tenha fé nisso, se nada mais. Além disso, ainda lhe devo sorvete.

—Sim, você deve.— Seth não acreditou nele embora. Abaddon não sentiu nenhum conforto saindo do menino. Apenas uma sensação de solidão e um toque de desespero. Seth sorriu, mas seu coração não estava nisso. Ele deu um passo à frente, alcançando Abaddon, e por um momento, Abaddon pensou que Seth ia beijá-lo - não de uma forma romântica, mas o simples Beijo da Paz que seu povo usava. O coração de Abaddon inchou com o pensamento, mas Seth parou de repente. Em vez disso, ele tocou o antebraço de Abaddon com os dedos macios da mão direita. Um pequeno toque, e ainda assim fez a visão de Abaddon se embaçar e seu coração bater forte.

—Paz e amor para você, irmão Abaddon. Você merece isso.

E agora foi a vez de Abaddon sentir que o universo o havia chutado nas bolas.

Capítulo cinco

Simpatia pelo diabo

E depois de três dias, Abaddon encontrou-se no abismo com os sentidos percorrendo o sudeste dos Estados Unidos para encontrar novamente Seth e o revival do Arco-Íris, mas encontrou-os em um acampamento primitivo perto da Floresta Nacional de Talladega, no Alabama.

Ele ficou por um tempo na escuridão, mantendo os olhos no acampamento. Era o meio da manhã e a preparação para o revival estava apenas começando. Seth ainda tinha que deixar seu trailer, e Abaddon esperou no abismo. Ele tinha menos de uma semana em sua liberdade condicional, mas pelo menos Zed relaxaria sua guarda agora. Afinal, ele colocara mais de trezentas milhas e todo o estado do Tennessee e Kentucky entre eles. Até onde ele sabia, ele havia deixado Abaddon no condado de Harlan.

Finalmente, Seth surgiu. Ele usava jeans e uma camiseta, mas com um de seus costumeiros cachecóis de tricô em volta do pescoço, e Abaddon refletiu a sensação de sua alma, deixando-a tocar na pele de Seth. Ah, o garoto estava mais tentador do que nunca, mesmo com uma sensação de perda, e os pelos de Abaddon se arrepiaram de excitação. Ele queria se aproximar. Ele queria sentir aquela onda de eletricidade que vinha sempre que se tocavam. Ele queria...

Queria...

Consumir a alma de Seth?

Sim.

E não.

Ele franziu a testa, desconfortável com sua própria indecisão.

Seth começou a atravessar o acampamento em direção ao pavilhão de piquenique coberto, onde vários membros do grupo estavam tomando café da manhã. Ele deu apenas alguns passos antes de parar. Ele virou-se lentamente para enfrentar a floresta onde Abaddon espreitava.

Seth podia senti-lo?

Abaddon saltou do abismo, materializando-se o suficiente na floresta para não ser visto por Zed ou pelos outros revivalistas. Seth franziu a testa, seus olhos pareciam focados em algum ponto distante perto da copa das árvores.

Ele deu um passo cauteloso na direção de Abaddon.

Sim. Perfeito. Apenas mantenha-se andando.

Um segundo passo, depois um terceiro.

—Seth, onde você está indo?— Thaddeus chamou do pavilhão de piquenique.

Seth hesitou e Abaddon sentiu sua dúvida. Mas ele também sentiu uma pequena centelha de esperança, no fundo do coração de Seth.

Confie em si mesmo, ele tentou dizer através de qualquer conexão que os dois pudessem compartilhar, desesperado para de alguma forma lançar sua isca através das muitas árvores que estavam entre eles e puxar sua presa para mais perto.

—Só vou dar uma volta. Não se preocupe.

Escondido nas árvores, Abaddon sorriu. Ele não poderia ter planejado melhor se tivesse tentado. Seth se afastou da beira do

acampamento, entrando na sombra da floresta, e o pulso de Abaddon bateu um pouco mais rápido.

Sim estou aqui. Continue caminhando.

Não havia como Seth o ter ouvido e, no entanto, os seus passos tornaram-se mais confiantes, a sua extraordinária capacidade de navegar às cegas na floresta a seu favor. Quatro metros dentro da floresta. Nove. Vinte e dois, o solo agora uma espessa camada de folhas secas, o ar pungente com o cheiro de pinheiro. Depois de quarenta metros, o acampamento foi coberto pelas árvores, e Seth parou a apenas três ou quatro metros de Abaddon. Pássaros cantavam. Folhas sussurravam em uma leve brisa. Fora isso, a floresta estava absolutamente silenciosa. Seth parecia nervoso. Mesmo de onde ele estava, Abaddon podia ver que suas mãos tremiam quando ele esfregou as palmas das mãos no jeans.

Abaddon esperou, estranhamente nervoso também, sem saber como começar agora que conseguiu deixar Seth sozinho.

Seth pigarreou e finalmente perguntou, numa voz rouca e incerta: —Olá? Quem está aí?

Era praticamente agora ou nunca.

—Sou eu.

Seth congelou. Sua boca se abriu e fechou algumas vezes antes que ele dissesse: —Abaddon?

—Eu pensei que você soubesse que eu estava aqui. Era quase como se você pudesse me ver.

—Eu- eu não sei. Eu senti como se pudesse, e ainda...— Ele recuou um passo, ondas de medo flutuando fora dele pela primeira vez. —Eu me senti tão estúpido, porque eu pensei ter ouvido você, mas

...— Ele balançou a cabeça, dando outro passo para trás. —Tudo isso está errado. Você não deveria estar aqui. Você-

—Eu disse que te encontraria.

—Você nos seguiu?

—Não exatamente.

—Então como-

—Eu não viajo da mesma maneira que você. Sua alma-

—Oh meu Deus!

—É como um farol para mim, Seth. É mais brilhante que qualquer farol. Demorei alguns dias para identificá-la, mas quando o fiz, só tive que seguir a sua luz aqui.

—Oh, droga!— Seth recuou novamente e bateu em uma árvore, sua expressão não era bem vista na mata, deixando-o pela primeira vez temeroso na presença de Abaddon. —Você é ... Oh homem, isso é uma piada, Abaddon? Eu quero a verdade agora! Pare de brincar comigo!

—Eu te disse a verdade a primeira vez que te conheci. Eu sou um demônio.

—Você não pode ser.

—Mas eu sou. Pense nisso. Você sabia que eu estava aqui, não sabia? E como mais eu poderia ter te encontrado?

—Não.— Seth balançou a cabeça novamente. Então, mais alto:

—Não! Você está mentindo para mim!

—Eu não estou mentindo.

—Mas-

—'E o Senhor disse a Satanás: De onde vens?'

Seth respirou fundo, depois outro, encontrando força no que ele sabia e entendia.

—'Então Satanás respondeu ao Senhor e disse: De ir para lá e para cá na Terra e de subir e descer nela'.

—Exatamente.

—Oh, vaca santa.— Seth se inclinou, com as mãos nos joelhos, como se fosse vomitar. —Eu não posso acreditar que isso está acontecendo.

—Eu nunca menti para você sobre o que eu era.

—Eu pensei que fosse uma piada. Ou talvez uma metáfora. Eu não sei. Como se você estivesse me avisando que você tinha intenções profanas.

Abaddon quase riu.

—'Intenções profanas'? Que diabos isso significa?

As pontas das orelhas de Seth ficaram rosadas.

—Nada.— Ele passou os dedos pelos cabelos e ficou em linha reta. —O que você quer de mim? Você está aqui para me matar?

—Não. Nada como isso.

—Você está aqui para roubar minha alma?

Abaddon hesitou, odiando a pontada de culpa que sentia.

—Sim.

—Eu nunca vou dar a você. Especialmente não agora.

Abaddon temeu que isso pudesse ser verdade. Parte dele ainda esperava mudar a mente de Seth, mas parte dele se alegrava com o pensamento de que a alma de Seth poderia estar fora de alcance. Mas como ele poderia explicar isso para Seth quando mesmo ele mal entendia?

—Talvez eu só quisesse ver você.

—Mas se você é um demônio, provavelmente está mentindo para mim. Vocês são do seu pai, o diabo, e as concupiscências de seu pai.

Oh, como ele estava certo. E ainda errado, ao mesmo tempo.

—Eu já fui um homem como você.

A testa de Seth se enrugou em confusão.

—Você foi?

—Eu fiz uma aposta com o diabo, assim como você fez na primeira vez que nos conhecemos. A diferença é que perdi.

—O que você apostou? O que você queria que poderia valer a sua alma?

—Eu gostaria de saber.— Abaddon inclinou a cabeça para trás, procurando o céu como se pudesse oferecer uma explicação, mas foi perdido principalmente nas árvores densas. —Eu não me lembro disso. Eles levam tudo embora quando você atravessa. Mas sei que foi o que aconteceu.

—Então você veio para a minha alma originalmente, mas você decidiu agora que não quer?

Ele parecia quase divertido. Abaddon sentiu aquela pontada de culpa novamente, junto com o peso de sua cota não alcançada. Como ele poderia explicar que ansiava pela alma de Seth como um homem faminto desejava comida, e ainda assim pela primeira vez, ele tinha forças para negar sua própria necessidade?

—Eu não quero te machucar.

Um canto da boca de Seth se curvou para cima em um sorriso cético.

—Mas você é um demônio, certo? Eu não posso confiar em você.

—Você pode.— Abaddon sentiu a verdade da declaração em algum canto profundo de seu coração. —Eu não poderia dizer isso para qualquer outra pessoa no mundo, mas não posso mentir para você. Você tem algum poder sobre mim que não posso explicar. Você é mais brilhante que a Estrela do Norte, e o pensamento de extinguir isso...— Ele balançou a cabeça. —Eu quero a sua alma, mas não tenho certeza se posso fazer isso. Eu não tenho certeza se eu poderia viver depois.— E ainda assim ele teria, por toda a eternidade. Não havia alívio do inferno.

Seth considerou isso, a cabeça inclinada para o lado. Abaddon esperou, com o coração na garganta. Finalmente, Seth disse: —Huh.

Depois do que pareceu uma admissão importante, foi uma resposta surpreendentemente mundana.

—O que isso significa?

—Eu gostaria de poder ver você, então eu poderia dizer se você está rindo de mim ou não.

O poder subiu no coração de Abaddon, pulsando em suas veias, por seus membros. As pontas dos dedos dele formigaram.

—Já ri de você quando você jogou versos bíblicos em mim— confessou ele com voz rouca, —mas não agora. Não por isso.— Ele deu um passo lento em direção a Seth. Então outro.

Seth deve ter ouvido ele se aproximar, porque ele recuou, erguendo as mãos como se fosse afastar Abaddon.

—O que você está fazendo?

—Eu não vou te machucar.— Ele não poderia, mesmo que as regras permitissem. Ele ficou impressionado com a ternura que o preenchia. Havia algo tão maravilhoso em saber que Seth o conhecia pelo que ele realmente era, e ainda vendo Seth parado ali, sem pedir

nada. Apenas esperando, como se conversar um pouco com um demônio em uma brilhante manhã de domingo nas florestas profundas do Alabama fosse a coisa mais natural do mundo.

Abaddon pegou o pulso de Seth para mantê-lo imóvel para que ele pudesse se aproximar, se recuperando da sensação que o simples contato causou. Seth estava tremendo, e Abaddon parou abruptamente, as pontas dos dedos a um centímetro da bochecha dele.

—Você está pronto?

O pomo de Adão de Seth balançou. Quando ele falou, sua voz estava tensa.

—Para quê?

—Ver.

—O-o que?— Lágrimas encheram os olhos de Seth. —Você pode fazer isso?

Mas Abaddon não se incomodou em responder. Ele não podia. Ele não podia pensar além da ânsia que o preenchia, estando tão perto de Seth e tendo um presente que ele poderia apresentar, como algum tipo de oferta. Sua garganta estava apertada, e por um minuto, ele só conseguiu olhar para o rosto confiante de Seth. Era tudo o que ele podia fazer para não beijá-lo, puxá-lo para perto, deslizar a mão dentro da camisa de Seth e sentir a pele macia de suas costas enquanto eles provavam um ao outro.

Mas ele resistiu ao impulso.

Ele colocou a palma da mão contra as bochechas de Seth, as pontas dos dois primeiros dedos na têmpora dele.

E ele deixou o poder fluir.

Levou apenas um segundo, e então Seth engasgou. Ele não moveu a cabeça, ele ficou perfeitamente imóvel, mas seus olhos se moveram rapidamente, olhando para frente e para trás, buscando um ponto de foco.

—Ohh ...— Mais lágrimas se acumularam em seus olhos e, finalmente, seu olhar se fixou no rosto de Abaddon. —Você não estava mentindo. Eu realmente posso ver.

Era difícil fazer sua garganta funcionar.

—Sim.

—Será que vai durar?

Ele poderia ter feito isso em troca de uma alma, mas como um favor? Isso simplesmente não era permitido. Ele já estava dobrando as regras.

—Não. Eu sinto muito. Isso está além do meu poder.

—Está bem. Isto é suficiente. Só de ver as árvores novamente é o suficiente.

Seth olhou em volta de novo, observando a floresta e a estreita mancha do céu e a luz do sol no chão antes de retornar a Abaddon. Lágrimas escorriam livremente pelas bochechas dele, escorrendo na mão de Abaddon que segurava as bochechas de Seth. Elas pareciam gelo contra sua carne, e ainda assim ele desejava sentir mais delas. Ele tinha um desejo súbito e irracional de prová-las. Ele moveu os polegares para limpá-las da melhor maneira possível, sem romper o contato com as têmporas de Seth.

—Oh, Abaddon—, Seth disse, franzindo a testa com uma carranca. —Seus olhos.— Ele estendeu a mão e colocou os dedos contra a bochecha de Abaddon.

Esse pequeno contato fez o sangue de Abaddon rugir em seus ouvidos. Ele sentiu a força total da alma de Seth naquele toque. A pureza do seu coração. O peso inegável da preocupação.

Preocupação com um demônio.

A boca de Abaddon se encheu de água. A fome da alma esfaqueou todo o caminho até o seu núcleo. O desejo de consumir o menino inteiro, arrastá-lo pelo abismo e beber o poder absoluto que permanecia em seu coração era esmagador, e Abaddon se afastou rapidamente, tropeçando para trás. Ele se viu curvado, mãos nos joelhos, ofegando assim como Seth havia feito antes.

—O que aconteceu?— Seth perguntou.

Abaddon sacudiu a cabeça, depois percebeu que Seth estava cego de novo. Ele não podia ver o gesto.

—Nada.

Seth deu um passo cauteloso em direção a ele, sua mão estendida. Abaddon esperou, praticamente prendendo a respiração enquanto os dedos de Seth encostavam em seu ombro. Ele sentiu o calor todo o caminho através de sua camisa, o impulso da tentação diminuindo, mas não rápido o suficiente.

—Você virá ao revival hoje à noite?

Abaddon riu, o som rouco rangendo em sua garganta.

—Por quê?

—'Confiei em tua misericórdia; o meu coração se regozijará na tua salvação.'

As palavras queimaram. Pela primeira vez em sua memória, Abaddon sentiu lágrimas nos olhos.

—Não. É tarde demais para mim. Você não deveria estar falando comigo. Você deveria estar fugindo de mim o mais rápido que puder.

—Você disse que não me machucaria.

—Eu disse que não queria te machucar. Não é a mesma coisa.

Seth piscou, confuso.

—Eu não entendo.

—Eu sei.

—Você também disse que não mentiria para mim.

—E eu não vou.

—Então me diga o que você quer dizer.

Abaddon ficou de pé, esticando as costas, afastando o cabelo da testa.

—Se eu fosse homem, um homem decente, eu te deixaria em paz. Mas eu não sou homem. Eu sou algo muito pior e preciso caçar certas coisas. E você...— Ele balançou a cabeça, imaginando a força de seu desejo. —Você é o epítome dessas coisas. Você tem a alma mais pura que já encontrei.

—Isso é algo que você pode ver?

Abaddon assentiu, embora o gesto fosse inútil para Seth.

—Eu posso ver. Eu posso sentir o cheiro. Eu posso até prová-la e, porra, Seth, é deliciosa. É como se eu fosse um viciado, e você uma droga perfeita pra caralho. Eu quero você e sua alma. Eu tenho fome de você.— Ele deu um passo mais perto, apesar de si mesmo, sua voz ficando rouca e rouca. —Em mais de uma maneira.

Um rubor lento subiu nas bochechas de Seth. Isso só o tornou mais tentador.

—Você não pode levá-la sem a minha permissão, certo?

A pergunta surpreendeu Abaddon. Parecia uma súbita mudança de direção. Depois de dar voz ao que ele realmente sentia,

confessando a força e a amplitude de seu desejo, era difícil recuar e entrar em uma conversa normal, como se nada tivesse acontecido.

—Sim. Você teria que concordar.

—Você pretende machucar alguém? Alguém no revival?

—Não. Eu te disse a verdade. Eu só queria ver você. Eu só...— Ele balançou a cabeça, desejando que ele pudesse explicar para si mesmo, então ele saberia como explicar isso para Seth. —Você é incrível, em todos os sentidos. Eu não consegui ficar longe.

Seth abaixou a cabeça, arrastando um dedo no chão e deixando uma linha no chão da floresta.

—Você virá hoje à noite? Por favor?

—Eu não posso ser salvo.

—Não foi isso que perguntei.

Abaddon suspirou. Ele não queria dar a Seth falsas esperanças. Por outro lado, o pensamento de sentar na congregação e assistir Seth tocar encheu-o de uma leveza que ele não sentia há anos. Também o encheu de uma dor que ele não conseguia definir.

—Se é o que você quer.

—Sim, é.

—Até hoje à noite então.— Abaddon alcançou Seth, mas parou antes de permitir o contato. —Paz e amor para você, irmão.— E pela primeira vez, ele quis dizer isso.

Capítulo Seis

Até anjos gostam de Doobies³⁰

Se não fosse pela música, Abaddon poderia ter se cansado do revival. Todos os dias eram variações do mesmo discurso. As mesmas citações bíblicas usadas fora do contexto. Os mesmos olhares estranhos em direção a Seth enquanto a placa de coleta estava cheia. Mas ouvir Seth nunca era cansativo. A banda tocou as mesmas músicas noite após noite, mas eles improvisavam muito, tocando os riffs familiares, permitindo que Seth e coral fossem ornamentados.

Abaddon encontrou um lugar no lado direito da tenda, como sempre fazia, a meio caminho entre o palco e a entrada. Ele tinha uma visão clara de Seth nos teclados enquanto o público permanecia sentado. Sua visão era frequentemente bloqueada quando as pessoas começavam a se levantar, mas isso apenas impedia seus olhos. Nada poderia inibir seu senso de alma ou a magia da música de Seth. E naquela noite, ele poderia jurar que Seth estava tocando apenas para ele. As notas do teclado ressoavam contra o poço de poder de Abaddon. Elas se arrastavam sobre ele como uma carícia. Elas insinuaram promessas de coisas por vir. Foi a mais doce tortura que ele já suportou, faminto pela alma de Seth, mesmo enquanto se tornava mais e mais relutante em reivindicá-la. Abaddon estava ao mesmo tempo arrebatado e impaciente, amando a experiência. Ainda

³⁰ The Doobie Brothers é uma banda estado-unidense de rock and roll formada em 1970 por Johnston, John Hartman e o baixista Greg Murph, logo substituído por Dave Shogren, todos da Califórnia. No ano seguinte lançaram o primeiro LP, já transformado em quinteto e chamando-se Doobie Brothers.

contando os segundos até que ele pudesse ser capaz de roubar alguns momentos a sós com Seth, e assim ele não notou a comoção no começo.

Começou atrás dele, na parte de trás da multidão, assim que o revival começou a se encaminhar ao ato final. Tudo começou com um zumbido baixo de medo, então uma mulher gritou. Pela primeira vez, os dedos de Seth perderam uma nota, e Abaddon sentou-se, sentindo a repentina agitação de Seth, imaginando o que estava errado. O coro se virou como um só, não para o rompimento perto da entrada da tenda, mas na direção de Seth.

—Não se preocupem!— exclamou Thaddeus, dando um passo à frente do palco e abrindo os braços. —Deixe-as passar! Elas não vão machuca-los!

Os murmúrios da multidão tornaram-se mais urgentes, o burburinho se movendo como uma onda pelas fileiras. Os Revivalistas do Arco-Íris moveram-se rapidamente pelo corredor central, de pé em cada lado com os braços estendidos, segurando os congregantes nos lugares. As pessoas se esforçavam para ver por cima deles, para ter uma ideia do motivo de todo esse alarido. Aqueles perto o suficiente para ver tinham os olhos arregalados, as mãos seguras nos lábios.

—O que é isso?— As pessoas perguntavam.

E então, Abaddon ouviu a palavra.

—Cobras!

Cobras. O anúncio ondulou no meio da multidão, um sussurro ofegante e extasiado. *Várias delas.*

—Deixe-as passar!— Thaddeus disse novamente. —Elas são enviadas do Senhor nesta noite maravilhosa, para que possamos testemunhar a força da devoção de meu irmão!

Um alarme disparou no peito de Abaddon. Ele se virou para Seth. Ele tinha parado de tocar completamente. Ele estava de cabeça baixa. Ele não parecia assustado. Ele não parecia ansioso.

Ele parecia resignado.

Um membro do coro tomou seu braço e o guiou para a frente do palco, e Abaddon captou os olhares de admiração que o resto dos Revivalistas do Arco-Íris lançavam na direção de Seth.

Era isso que eles estavam esperando, observando Seth todas as noites, esperavam por isso. Abaddon ficou em pé na cadeira, esforçando-se para ver. O que ele viu fez seu coração acelerar.

Eram cobras, tudo bem. Dezenas delas. Facilmente até cem. Provavelmente mais. Elas deslizavam uma sobre a outra em sua ânsia, todas elas se movendo com uma determinação inexplicável em direção à frente da tenda. Havia cobras rato, cobras do pinheiro da Flórida e cobras do milho. Aquelas eram inofensivas o suficiente, mas misturadas entre elas, Abaddon avistou cabeças de cobre, bocas de algodão, cascavéis e cobras corais, além de meia dúzia de outras espécies que ele não conseguia identificar à vista.

Seth desceu os degraus do palco sozinho, desfazendo os dois primeiros botões de sua camisa enquanto o fazia. Ele puxou o lenço sempre presente de seu pescoço e enfiou-o no bolso, e as cobras avançaram.

Alguns dos fiéis seguiram o exemplo de Abaddon e subiram em suas cadeiras para uma visão melhor. Outros avançaram em sua

excitação. Seth caiu de joelhos, os braços esticados para a frente no chão, como se para encontrar a onda de répteis.

—Seth!— Abaddon gritou, mas Seth não podia ouvi-lo sobre o barulho da multidão. Um olhar frenético ao redor da tenda para os outros membros do Revival do Arco-Íris o alarmou ainda mais. Nenhum deles estava se movendo para ajudar. O coro estava cantando “I Stand Amazed”. Thaddeus e Bob estavam no palco atrás de Seth, seus olhos praticamente brilhando de excitação. E Zed...

Zed ficou de lado. Só ele parecia infeliz com o drama que se desenrolava diante deles, mas não se mexeu para impedi-lo.

As cobras foram direto para Seth. Elas subiam em seus braços. Elas deslizavam em seu colo. Elas se contorciam em sua espinha para envolver seu pescoço, as menores circulavam ao redor dele, como um bando de lobos cercando sua presa.

—Seth!— Abaddon pulou do seu lugar, empurrando os espectadores para fora do seu caminho. Ele empurrou para frente, determinado a alcançar Seth antes que as cobras comessem a morder, mas os mortais foram arrebatados pela visão, congelados em sua reverência. Ele empurrou mais forte, não se importando se ele os derrubasse em sua pressa. Ele finalmente chegou ao corredor, mas dois dos Revivalistas do Arco-Íris o bloquearam, agarrando seus braços para segurá-lo.

—Ajude-o!— Abaddon gritou em direção a Zed.

Zed baixou a cabeça, parecendo quase envergonhado.

—Droga, me solte!

Mas mais membros do Arco-Íris viram a luta e avançaram para ajudar a subjugá-lo. Seth estava agora perdido sob as cobras, apenas suas mãos e partes de seu rosto visíveis. Era tão antinatural, como

algo saído de um filme de terror ruim, e Abaddon rangeu os dentes. Poder borbulhava do poço que residia onde sua alma costumava estar. Ele baixou os braços, poder formigando nas pontas dos dedos. Ele cerrou os punhos, debatendo a sabedoria de usá-lo contra os mortais que o seguravam.

—Irmão Abaddon—, disse Zed, de repente ao lado dele. —Eu prometo a você, o menino não será prejudicado.

—Como você pode dizer isso? Como você pode ficar aqui e assistir?

—Eu aprecio sua preocupação, mas o fenômeno está quase no fim.

—O fenômeno?— A raiva de Abaddon se acendeu novamente, dessa vez dirigida a Zed, mas quando ele olhou para Seth, viu que Zed estava certo. Tão de repente quanto elas chegaram, as cobras pareciam estar perdendo o interesse em Seth. As que ainda estavam no chão moviam-se para a porta, como se pudessem ler o sinal de saída brilhante. As que caíram sobre o corpo de Seth mergulharam em direção ao chão, abandonando seu poleiro, fugindo para a floresta do Alabama.

O mais louco era que, dos membros do Revival Arco-íris, apenas Seth e Zed pareciam aliviados. O resto parecia estranhamente desapontado.

—Que diabos?— Abaddon perguntou de ninguém em particular. —Que porra acabou de acontecer?

Thaddeus já estava pregando novamente, gritando sobre como os justos seriam conhecidos por sua habilidade de controlar as serpentes. O reverendo Bob balançava o pandeiro. A multidão

levantou as mãos, gritando seus louvores. As bolsas de coleta apareceram.

—Acabou—, Zed disse baixinho.

Seth ficou de pé, tirando o cachecol do bolso. Seu amigo Jeremy deixou a guitarra de lado e se aproximou para pegar o braço de Seth. Ele abaixou a cabeça, conferindo com Seth enquanto o último envolvia cuidadosamente seu cachecol em volta do pescoço. Então Jeremy pegou o braço de Seth e começou a conduzi-lo até a saída nos fundos da tenda.

Agora que Abaddon havia parado de lutar e o “fenômeno” havia terminado, os revivalistas o libertaram. Zed pegou a direção do olhar de Abaddon e suspirou.

—Vou lhe dar um minuto com ele, mas você não deve entrar em seu espaço de vida, irmão Abaddon. Eu ainda não confio em você e peço que não ultrapasse suas boas-vindas.

Abaddon ficou quase tão chocado com a súbita aquiescência de Zed quanto com as cobras.

—Eu não vou. Obrigado.

Abaddon se abaixou no meio da multidão e correu para a saída. Seth e Jeremy estavam do outro lado da clareira do trailer de Seth quando Abaddon os alcançou. Seth estava mais pálido do que o habitual, os olhos abatidos e cansados. Depois do que viu, foi tudo o que Abaddon pôde fazer para não o agarrar e puxá-lo para seus braços, mas com Jeremy ali, parecia uma má ideia. Ele resolveu pegar a mão de Seth, sentindo aquela onda de poder que sempre vinha com o contato pele a pele.

—Você está bem?

Seth apenas sorriu, embora não alcançasse seus olhos. Foi Jeremy quem falou.

—Paz e amor para você, irmão. Você deve ser Abaddon. Nós não nos conhecemos, mas eu tenho ouvido muito sobre você.

Abaddon teve que soltar Seth para apertar a mão de Jeremy. Sua alma era brilhante e pura, e poderia ter tentado Abaddon não muito tempo atrás, mas empalidecia ao lado de Seth.

Cada estrela no universo empalidecia ao lado de Seth.

—Posso falar com você por um minuto?

O suave sorriso de Seth pareceu um pouco mais genuíno dessa vez.

—Claro.

Mas Jeremy sacudiu a cabeça.

—Seria melhor deixá-lo descansar. As cobras sempre o cansam...

—Eu vou ficar bem, Jeremy. Abaddon vai me acompanhar o resto do caminho para casa.

Abaddon teve que se perguntar o que Zed dissera a Jeremy, porque o garoto parecia relutante em deixá-los em paz, mas ele relutou em adiar a vontade de Seth, e Abaddon finalmente teve Seth para si mesmo.

—Todos eles me tratam como uma criança recalcitrante. Como se minha cegueira fosse de alguma forma minha maneira de me rebelar contra eles.

—Eu acho que eles só estão preocupados com o seu bem-estar. Seth riu.

—Engraçado como você é o único que lhes dá o benefício da dúvida.— Ele gesticulou atrás dele, em direção ao seu trailer. —Você quer entrar, ou-

—Não. Eu prometi a Zed que não o faria.— Ele poderia ter virado o nariz para as regras de Zed no passado, mas sentiu-se compelido a segui-las agora. —Podemos apenas caminhar?

—Certamente.

Abaddon levou-o além dos trailers, para as árvores, para a escuridão da floresta. Não havia lua. Muito pouca luz os alcançava, mas entre a cegueira de Seth e a visão antinatural de Abaddon, nenhum deles precisava disso, e isso ajudaria a escondê-los dos olhos de curiosos revivalistas. Seth seguiu facilmente, se baseado no som dos passos de Abaddon ou algo completamente diferente, Abaddon não sabia.

Abaddon apertou e afrouxou os punhos. Seus ombros estavam tão tensos que sua cabeça estava começando a doer. Ele não tinha certeza do que sentia, raiva, tristeza ou apenas confusão. O desejo de pegar Seth e correr o mais longe possível era quase tangível. O revival não parecia mais seguro.

—Você está incomodado—, disse Seth finalmente.

Incomodado. Parecia uma palavra tão pequena e boba comparada ao caos que ele sentiu quando viu as serpentes subirem pelos braços esguios e delgados de Seth.

—O que você estava pensando?—, Perguntou Abaddon, virando-se para encará-lo. —Você poderia ter sido mordido.

Seth deu de ombros, como se fosse inconsequente.

—Eu poderia, sim. Mas eu não fui.

—Você poderia ter morrido!

Uma escuridão passou pelo rosto de Seth. Ele tocou o lenço em volta do pescoço.

—Provavelmente não.

A suspeita floresceu no coração de Abaddon. Ele nunca viu Seth sem algo enrolado em seu pescoço. Anos antes, ele conheceu um homem com uma tendência similar, mas aquele homem tinha o hobby de se enforçar na barra de toalha em seu banheiro enquanto ele se masturbava. Ele usava gola alta e lenços para esconder a queimadura da corda.

Abaddon não podia imaginar Seth se asfixiando, mas de repente ele estava certo de que o cachecol estava escondendo alguma coisa.

Ele se aproximou, o medo se acumulando em seu estômago. Seth pulou quando os dedos de Abaddon tocaram seu pescoço. Mas então Seth fechou os olhos e ficou muito, muito quieto enquanto Abaddon desembrulhava o comprimento da seda torcida. O que ele viu fez seu coração apertar. Pequenas cicatrizes redondas, todas em conjuntos de dois. Havia algumas na frente, e Abaddon tinha certeza de que, se olhasse, encontraria mais nas costas, mas elas eram mais grossas nas laterais, o tecido cheio de cicatrizes ia acima da clavícula de Seth até abaixo de suas orelhas.

—Que inferno, Seth. Quantas vezes você foi mordido?

Seth deu de ombros novamente, tirando o lenço da mão de Abaddon.

—Eu não sei. Muitas.

Abaddon tocou uma das cicatrizes, eletricidade e poder formigaram por entre os dedos. Pela primeira vez, Seth pareceu sentir isso também. Sua respiração sibilou entre os dentes e ele empurrou a cabeça para longe.

—Sempre no seu pescoço?

Um rubor lento começou a subir pelas bochechas de Seth.

—Não. Por toda parte. Meu pescoço e meu peito e meu estômago e... minhas coxas.— Suas bochechas estavam agora vermelhas, suas palavras quase um sussurro. —Por todas as minhas coxas, mas especialmente, você sabe. Mas no alto.

—Não faz mal?

Seth manteve os olhos desviados, mas não respondeu.

—Por que você não está morto?

Seth sacudiu a cabeça. Abaddon esperou e, finalmente, Seth limpou a garganta e falou.

—'E quando Paulo juntou alguns gravetos e os colocou no fogo, uma víbora saiu do fogo e modeu a mão dele. E os bárbaros disseram entre si, sem dúvida este homem é um assassino que a vingança sofre para não viver. Mas Paulo sacudiu a fera para o fogo e não sentiu mal algum. E eles esperaram ele inchar, ou cair morto de repente: mas depois de terem esperado por um bom tempo, e não viram nenhum dano vindo a ele, eles mudaram de ideia'.

Ele não tinha terminado o verso, então Abaddon terminou para ele.

—'E eles disseram que ele era um deus'.

Seth não respondeu.

—Você está me dizendo que é um deus?

Seth saltou como se tivesse sido esbofeteado.

—Não! Não, não é nada disso. Eu só sei que às vezes elas vêm. E às vezes elas me mordem. E quando o fazem, eu posso...— Ele parou de repente.

—Você pode o quê?

Seth respirou fundo, ajeitando os ombros.

—Eu posso curar as pessoas.

—O que?— Ele pensou que a seita de Seth era diferente dos grupos de cura pela fé, mas agora... —Você está mentindo pra mim?

—Eu sei que parece loucura, mas as cobras ...

—Eles poderiam te matar!

—Não! Em Marcos, diz...

—Eu sei o que diz em Marcos e em Lucas.— Esses foram os versos que Thaddeus citou após o “fenômeno”, os mesmos versos que os manipuladores de serpentes sempre usavam, justificando sua crença de que lidar com cobras venenosas provava sua justiça. Era besteira no que dizia respeito a Abaddon.

—Seth...

Mas ele não tinha ideia do que dizer. Ele não conseguia descrever o que sentia quando imaginava aquelas presas afundando na carne de Seth. Ele tocou as cicatrizes novamente, e desta vez, Seth não se afastou. Ele fechou os olhos e ficou parado, imóvel, enquanto os dedos de Abaddon traçavam as marcas. Ele queria tocar em cada uma delas. E curá-las, mesmo que fosse contra as regras. O pulso de Seth batia sob seus dedos. Sua respiração tornou-se superficial, e os sentidos sobrenaturais de Abaddon detectaram o súbito desejo que floresceu no coração de Seth. A pontada de excitação em seu corpo. A alegria inegável de estar tão perto quanto eles estavam. O conhecimento fez Abaddon doer da maneira mais maravilhosa e horrível, e ele se afastou, dando um passo para trás antes de fazer algo tolo.

—Você é Abaddon—, disse Seth, sua voz um sussurro trêmulo. —Mas você é o Abaddon? O destruidor?

Abaddon estava contente de ter algo para tirar sua mente de seu desejo, e do fato de que Seth aparentemente sentia o mesmo.

—Anjo do Abismo, você quer dizer? Rei do Exército dos Gafanhotos?

Seth finalmente virou os olhos cegos para o rosto de Abaddon.

—Você é?

—Não. Eu não sou ele. Quando cruzamos, eles nos fazem escolher um nome, mas não há muitos para escolher. Mamom, Azazel, Belzebu, Mestama. Talvez mais uma dúzia. Eles adicionaram Damien³¹ nos anos setenta, graças a Hollywood.— Ele riu, embora tenha parecido errado. —Nós temos mais que as mulheres. Elas só têm três: Lilith, Lamashtu e Lamia. Elas pedem para acrescentar Delilah³² a cada poucas décadas, mas ele nunca passa.

—Mas o verdadeiro Abaddon existe?

Abaddon piscou surpreso com a pergunta.

—Eu não sei. Provavelmente, eu acho.

—E satanás? Você já encontrou com ele? Ou Deus?

—Eu nunca vi nenhum deles em pessoa.

—Mas você sabe que eles são reais?

Abaddon não tinha certeza se gostava de onde isso estava indo.

—Eu acho.

—E se os demônios são reais, então os anjos devem ser também, certo?

—Oh, claro.— Ele estava feliz por terem se afastado de Deus. — Anjos são reais.

³¹ Damien Thorn é um personagem fictício e o principal antagonista da série The Omen. Ele é o Anticristo e o filho do diabo.

³² Dalila no português, de acordo com a bíblia foi a responsável por mandar cortar os cabelos de Sansão.

—Você já viu?

—Bem, demônios só veem anjos se o anjo quiser ser visto. Eles podem se esconder de nós, embora não possamos nos esconder deles. Eles sempre nos reconhecem à primeira vista, embora eu não saiba como. Mas eu conheci alguns ao longo dos anos. Eu encontrei Hadraniel em Sturgis³³ uma vez, e me sentei ao lado de Ambriel em um show do Doobie Brothers.

—Quem são os Doobie Brothers e o que é sturgis?

Abaddon riu.

—Deixa pra lá. Não importa.

Seth assentiu, mas Abaddon podia dizer que seus pensamentos estavam em outro lugar.

—Eu acho que devem ser seus olhos que te entregam.

—O que você quer dizer?

—Mais cedo, quando você me deixou ver você...

—Sim?

—Seus olhos estavam errados. Eles estavam... vazios. E não quero dizer isso de maneira poética. Quero dizer, eles eram totalmente negros. Eu podia ver o abismo neles.

Ah. Abaddon tocou cada pálpebra com a ponta do dedo. Eles pareciam normais o suficiente para ele. Então, novamente, ele realmente não se lembrava de como eram antes de cruzar.

—Eu não sabia.

—Isso não deve ser como os outros o veem. As garotas continuam me provocando, me dizendo como é injusto desperdiçar

³³ Sturgis é uma cidade localizada no estado norte-americano de Dakota do Sul, no Condado de Meade. É famosa por sediar um dos maiores rally de motocicletas do mundo.

alguém tão bonito quanto você em um homem que nem consegue vê-lo. Mas elas nunca mencionam que seus olhos estão errados.

Havia muitos pedaços daquela confissão que intrigaram Abaddon. Seus olhos insondáveis, e Seth sendo provocado como se fossem um casal, e ...

—O que exatamente você fala sobre mim? Como você explicou sobre eu ter encontrando você no Alabama?

—Eu lhes disse a verdade, mas deixei-os pensar que é uma piada. Eles todos riram, e quando eles chegam com algo que soa razoável, eu dou uma resposta vaga, tipo, 'Sim, talvez seja isso'.

Abaddon se encontrou sorrindo.

—Então você não tem que mentir?

—Não, pelo menos. O consenso geral é que você perdeu seu emprego e sua casa e talvez sua esposa, e agora você está vivendo em seu carro. Todos acham que você está me seguindo porque você se apaixonou por mim. É mais fácil deixá-los acreditar nisso do que dizer que você gosta do sabor da minha alma.

Havia uma questão enterrada na declaração, uma que fez Abaddon se contorcer um pouco, suas entranhas se sentindo de alguma forma muito leves para o seu corpo.

—Eu me pergunto por que você conseguiu me ver do jeito que eles não podem.

Seth franziu a testa.

—Provavelmente porque foi você quem me deu a minha visão. Como se estivesse vendo você através dos seus olhos.

Agora foi a vez de Abaddon de franzir a testa. Isso não fazia sentido para ele, mas Seth falou novamente antes que ele pudesse pensar mais sobre isso.

—Você me disse que você já foi um homem.

O coração de Abaddon se apertou. Ele não queria falar sobre isso também.

—Sim.

—Quando?

Abaddon passou a mão pela testa. No alto, as estrelas brilhavam, mas aqui estavam perdidas na sombra das árvores. Abaddon de repente ansiava por espaços abertos e céus brilhantes até onde os olhos pudessem ver. Ele meio que debateu levar Seth para o Grand Canyon, simplesmente porque podia.

—Eu não sei. Eu posso ter morrido na Primeira Guerra Mundial.— Ele baseou suas suposições em suas memórias mais antigas como um demônio, mas elas eram vagas e surreais. A única coisa sólida que chegava até ele era a sensação horripilante de água gelada enchendo sua garganta e pulmões. —Eu acho que talvez eu tenha me afogado.

—Aposto que você era um bom homem.

Abaddon fechou os olhos, enterrando o rosto nas mãos.

—Seth ...

—Houve um rapaz uma vez.— Seth ainda segurava seu cachecol, e ele torcia nervosamente entre as mãos. —Estávamos no Alabama, perto de Mobile. Ele vinha para todos os revivals, e toda vez ele ficava e conversava comigo.

Ele manteve a cabeça baixa enquanto falava, e Abaddon esperou que ele continuasse.

—Eu tinha dezoito anos. Eu ainda podia ver, naquela época. E eu ficava na linha de saudação no começo do revival. Eu contava onde

ele estava na fila, e eu me certificava de que fosse o único a cumprimentá-lo.

—O Beijo da Paz? É essa saudação que você está falando?

Seth ergueu a cabeça finalmente, e naquele lugar escuro entre as árvores, Abaddon podia jurar que Seth podia vê-lo.

—Sempre que ele me beijava, eu ficava cheio da luz mais gloriosa. Era diferente de tudo que já senti, como se eu pudesse abrir asas e voar. E uma noite, sonhei que estava debaixo dele. Sonhei com seus lábios e com seu toque e, quando acordei, as cobras tinham vindo. Minha cama estava cheia deles. Eles estavam em volta de mim, em volta dos meus braços e minhas pernas e ao redor...— Abaddon esperou, praticamente prendendo a respiração. —Ao meu redor. Era como se o tempo diminuísse, e suas mordidas fossem carícias. Eu podia sentir suas presas afundando na minha carne, no meu pescoço e no interior das minhas coxas, e eu podia sentir seu veneno bombeando em minhas veias. E vaca sagrada, Abaddon, foi a coisa mais extraordinária que já senti.

Abaddon teve dificuldade em fazer sua voz funcionar.

—Por que você está me contando isso?

—Porque é assim que eu me sinto quando estou com você.

Era como se Seth tivesse jogado seu anzol na água e agora a puxasse para fora. Abaddon sentiu o gancho rasgar sua carne, mas não se importou em ser pego. Ele sentiu a mesma alegria maravilhosa que Seth estava descrevendo, e ouvir Seth colocar em palavras era mais do que ele podia suportar. Abaddon o puxou para perto, um braço ao redor de sua cintura, uma mão no pescoço delgado.

A respiração de Seth ficou presa na garganta. Ele agarrou a frente da camisa de Abaddon.

—Você vai me beijar?

—Você está certo, eu vou.

O primeiro toque de seus lábios contra Seth quase o cegou. O poder da alma de Seth tomou conta dele, afundando em sua carne, afogando seus sentidos, e pela primeira vez, Abaddon não se afastou daquele poder. Ele foi mais fundo, segurando Seth mais apertado, passando a língua suavemente sobre os lábios de Seth até que o jovem os separou e o deixou entrar. Suas línguas se encostaram, apenas um pouco. Um gemido suave subiu da garganta de Seth, um som silencioso e sem fôlego de admiração que foi direto para a virilha de Abaddon, e então Seth passou os braços ao redor do pescoço de Abaddon e entregou-se inteiramente ao beijo de Abaddon.

Ele saboreava exatamente como Abaddon sabia, como algodão doce e mel morno, e Abaddon saboreou essa doçura, afundando-se mais nessa nova e feliz tortura que encontrou. A terra poderia se quebrar. O céu poderia rasgar em dois. Demônios poderiam sair da terra ou chover do céu, e Abaddon não teria visto. Ele estava perdido no brilho de Seth, alto em sua pureza, arrebatado por seu gosto. Ele não sentia igual em todos os anos desde que havia passado, e ele sentia assim antes de perder sua alma, ele não se lembrava e não se importava. Ele tinha certeza de que qualquer coisa do seu passado deveria empalidecer ao lado disso.

Satanás poderia possuir sua alma, mas o resto dele era massa nas mãos doces e devotas de Seth.

Mas Abaddon ainda era um demônio. Talvez a fome de consumir a alma de Seth tivesse diminuído, mas apenas porque foi substituída por desejos que eram muito mais básicos e igualmente profanos. Mais um minuto dessa felicidade e ele começaria a arrancar

as roupas de Seth, então ele quebrou o beijo, mas não o abraço, respirando com dificuldade. Os lábios de Seth estavam úmidos, separados em ansiedade, e Abaddon gemeu com a visão.

—Oh, Abaddon—, Seth suspirou. —É assim que se sente o pecado? Porque até agora, nunca entendi por que era tão difícil resistir.

—Este é apenas o começo. As coisas que eu poderia te ensinar sobre o pecado...— E ele queria. Cara, ele queria. Mas seria a coisa mais horrível que ele já fizera. —Eu não deveria estar fazendo isso. Você é a pessoa mais inocente que já conheci...

—Eu não me importo com 'inocente'. Eu queria que você me beijasse. Eu ainda quero que você me beije.

—Seth.— Ele falou claramente, enfatizando cada palavra, na esperança de mostrar seu ponto de vista. —Eu sou o diabo.

—Você é um demônio, não o diabo, certo? Foi o que você me disse.

—Mas eu sou a tentação. Você não vê? Eu sou a serpente em seu jardim, feito carne-.

—Eu não me importo.

—Você deveria se importar. Você deveria estar fugindo de mim o mais rápido que puder. Você deveria estar aterrorizado.

—'Não há medo no amor'

—Não, não comece com as citações bíblicas!

—'Mas o amor perfeito lança fora o medo: porque o medo tem tormento. Aquele que teme não é perfeito no amor.' Você não vê? Aplica-se a nós dois.

—Não, Seth, isso não acontece. Eu gostaria que isso acontecesse, mas...

Seth o beijou novamente. Não houve hesitação. Nenhum medo ou incerteza, apesar de sua inexperiência. Havia apenas alegria em finalmente receber a coisa que ele mais desejava e a vontade natural de fazer mais. De tocar mais. De compartilhar mais. O sabor de sua alma fluiu e mudou, sua excitação adicionando um toque de canela e fumaça ao seu doce de algodão e doçura de mel, e ainda era tão perfeita e deliciosamente tentadora que Abaddon choramingou, vacilando, dividido entre fazer o que era certo e fazer o que ambos queriam. Ele não podia dizer sim, mas com certeza não podia dizer não. Não quando ele podia sentir as mãos de Seth em seu cabelo. Não quando ele podia sentir a urgência que pulsava no coração de Seth e queimava em sua virilha.

Ambos estariam perdidos para sempre se seguissem esse caminho.

—Seth? Onde está você?

Era a voz de Zed, rasgando as árvores, arrancando Seth de seus braços, deixando Abaddon desequilibrado e fraco. Seth estava curvado, as mãos nas coxas, o lenço vermelho como uma bandeira, arrastando-se dos dedos da mão esquerda. Ele tomou um par de respirações profundas e ofegantes. Ele se levantou e enfiou o lenço no bolso do jeans, com as mãos tremendo. Quando ele falou, sua voz estava rouca e grossa com a mesma excitação que percorria as veias de Abaddon.

—Eu tenho que ir.

—Eu sei.

—Diga-me que você voltará amanhã.

—Não há nada no inferno ou na terra que possa me manter longe.

Ele só tinha que esperar que o Céu ficasse fora da equação.



Capítulo Sete

Na estrada³⁴ metrô para o inferno

Abaddon voltou para o inferno naquela noite. Ele poderia ter permanecido perto do revival, flutuando no abismo, fora da vista dos olhos humanos, mas perto o suficiente para manter um olho em Seth, mas, eventualmente, até os diabos precisavam de descanso.

E ele precisava de tempo para pensar.

Seu apartamento parecia menor do que nunca. Os cortiços no inferno tinham uma janela, todos com uma vista espetacular de uma parede de tijolos a quinze centímetros de distância. Os sons ecoavam pelos corredores a todas as horas da noite, gritos agudos, rádios altos demais. Às vezes, os sons de bebês chorando, embora nenhum bebê residisse no inferno. Às vezes cachorros latindo ou galos cantando, mesmo que nenhum animal terrestre estivesse no inferno também. Às vezes, os Cães do Inferno zurravam a noite toda, perseguindo alguma presa condenada. O clamor mudava a cada duas semanas, em um esforço para evitar que os locais se tornassem complacentes. Ainda assim, depois de algumas décadas, não havia muito que pudesse surpreender Abaddon.

Ele não podia culpar sua falta de sono no inferno.

Ele pensou no revival e as cobras de novo e de novo em sua mente, imaginando as cicatrizes no pescoço de Seth. Ele considerou o

³⁴ A autora riscou intencionalmente a palavra. Piadinha com 'Highway to Hell', Estrada para o inferno. É uma música da banda AC/DC.

brilho antinatural da alma de Seth, e sua afirmação de ser capaz de curar as pessoas.

Havia algo acontecendo ali. Algo que Abaddon não tinha reconhecido até agora. Ele precisava falar com Baphomet, e a única maneira de fazer isso era voltar ao trabalho.

Viajar no plano mortal era fácil, mas pelo design, viajar no inferno era... bem, era o inferno. O metrô fedia, como de costume. O odor exato variava de dia para dia, mas nunca era agradável. O aroma de hoje parecia ser uma mistura de vômito e peixe podre. Também, como de costume, não haviam assentos disponíveis. Todos eram ocupados por mímicos, adolescentes mal-humorados ou grandes bolsas que mordiam sua mão se você tentasse movê-las. O assento em que ninguém estava sentado continha uma poça nociva que era, sem dúvida, a fonte do fedor do dia.

Abaddon segurou no teto e desejou uma xícara de café.

Quando ele finalmente chegou ao seu escritório, ele subiu as escadas para o andar cento e trinta e dois (o elevador estava sempre quebrado). Ele teve que parar para recuperar o fôlego no meio do caminho, mesmo depois de todos esses anos. Sua sorte estava com ele, no entanto. Ele encontrou Baphomet quase imediatamente. Ele estava em sua mesa com uma pilha de três metros de altura de anúncios “Você foi pré-aprovado!”, prontos para serem dobrados e colocados em envelopes. E quando se tratava de selar envelopes no inferno, não havia atalhos. Cada aba de envelope tinha que ser lambida por algum pobre diabo.

Baphomet colocou o envelope mais recente de lado e olhou para cima com um sorriso.

—Abaddon! Onde você esteve?

—Lado de cima.— Abaddon esfregou os dedos pelos cabelos enquanto olhava ao redor, certificando-se de que nenhum dos gerentes estivesse por perto. A maioria dos cubículos em torno deles estava vazia, então ele pegou uma cadeira e a puxou para perto da mesa de Baphomet.

—O que você estava fazendo no mundo?— Baphomet perguntou, sua voz um sussurro urgente quando ele se inclinou para Abaddon. —Você já está em liberdade condicional. Se eles te pegarem...

—Sim, sim.— Abaddon deu um tapinha no ar, tentando acalmar seu amigo, mesmo que eles já estivessem falando em voz baixa. —Escute, eu preciso falar com você.

—É sobre essa alma perfeita que você está tentando arrumar? Abaddon estremeceu, odiando o jeito que soou.

—É sobre Seth, sim.

Baphomet abaixou o envelope que estava prestes a lamber.

—Ah não.

—O que?

—A maneira como você disse o nome dele agora.— Ele balançou a cabeça. —Abaddon, você precisa parar de vê-lo. Nada bom pode vir disso.

—Você vai calar a boca e me ouvir?— Pelo menos essa pergunta não precisou ser sussurrada. Não havia problema em soar com raiva. Ele agarrou as duas polegadas de papéis do topo da pilha de Baphomet e começou a dobrá-los, feliz por ter algo em que se concentrar enquanto falava. —Ontem à noite, eu assisti um maldito

rio de cobras deslizar pelo corredor central de um revival, como se o filho da mãe do Flautista³⁵ estivesse guiando-as.

—O filho da mãe do Flautista levou ratos, não cobras.

—Tanto faz. Elas foram direto para o corredor e direto para... — Ele teve que respirar fundo e focou no papel em suas mãos. Ele dobrou o terço superior para baixo. A terceira parte inferior. O adicionou à pilha esperando para ser colocados em envelopes e passar para o próximo formulário. —Direto para Seth. Elas enxamearam todo o corpo dele, como abelhas no mel.

—Eu não tenho certeza, abelhas na verdade-

—Escute-me! Eles se arrastaram até seus braços e em seu colo e em volta do pescoço. Ele estava coberto. Não foi como nada que eu já tenha visto.

—Elas o morderam?

—Não, mas aparentemente elas fizeram antes. Eu vi as cicatrizes. Ele provavelmente foi mordido quase cem vezes ao longo dos anos.

Baphomet ficou parado, uma folha dobrada em uma mão e um envelope vazio na outra.

—Ele estava controlando elas?

—Eu não penso assim, não. Mas ele disse que elas aparecem algumas vezes. Ele acordar com elas em sua cama.

Baphomet empalideceu.

—Abaddon, isso não é humano.

³⁵ Um conto escrito pelos irmãos Grimm sobre um flautista viajante que hipnotiza uma colônia de ratos de uma cidade para livrar os aldeões. Os cidadãos acabam por enganar o flautista ao não aceitar pagá-lo, como vingança ele encanta todas as crianças da cidade e as levam embora. De acordo com a lenda original as crianças nunca foram encontradas.

—Há mais.— Ele olhou ao redor novamente, certificando-se que ninguém estivesse por perto. —Quando perguntei a ele quais instrumentos ele poderia tocar, ele disse: 'Todos eles'. E acho que ele quis dizer isso, embora ele seja melhor em alguns do que em outros. E tenho essa sensação de que ele pode me ver. Ele é cego, mas eu juro, ele me sente. Ele pode me seguir pela floresta. Seus olhos sempre me encontram na multidão. E quando eu lhe concedi a visão ...

—Você deu a ele visão sem trocar por sua alma? Você sabe que é contra as regras!

—Foi só por um segundo. Meu ponto é, ele disse que meus olhos estavam errados. Ele disse que podia ver o abismo neles. E ele disse... Bem, ele diz que pode curar as pessoas.

Baphomet não se moveu.

—Isso é tudo?

—Não.— Ele estava hesitante em dizer o último pedaço, mas parecia importante. —Ele disse que quando as cobras o mordem, ele fica...

—Excitado?

Abaddon sacudiu a cabeça em um aceno.

—Sinos do inferno.

—O que isso significa?

Baphomet engoliu em seco, os olhos arregalados. Ele colocou as folhas de lado e juntou os dedos, pensando.

—A música não nos diz muito. A capacidade de tocar qualquer instrumento com a habilidade adequada pode vir de um anjo ou de um demônio.

—E a capacidade de tocar alguns deles excepcionalmente bem?

Baphomet acenou com a mão com desdém.

—Pura tenacidade humana e muita prática.

—E quanto ao resto?

—Bem, anjos podem curar. Você sabe disso. Os diabos também podem, mas apenas em troca de uma alma. E ser capaz de ver você como você realmente é? Isso é definitivamente um traço angelical.

Abaddon ouviu o “mas” chegando. Ele esperou que Baphomet continuasse.

—Por outro lado, as cobras estão conectadas a Satanás desde o Jardim do Éden. Os anjos podem ser imunes ao veneno, mas não gostam disso.

—Mas ele tem uma alma.— Não apenas qualquer alma, também. Uma alma que ardia quente como o sol contra os sentidos diabólicos de Abaddon. —Isso significa que ele não pode ser um anjo ou um demônio.

—Anjos não têm alma, mas você sabe tão bem quanto eu que demônios nunca conseguem detectar a falta de alma. É parte de como eles ficam escondidos de nós.

—Sim, mas eu conheci anjos. Eles podem usar algum tipo de disfarce...

—É mais como um chamariz.

—Bem. Um chamariz então. Mas nunca é forte. Sempre parece comum. Como um mendigo. Foi projetada para não atrair atenção. Mas a alma de Seth...— Ele balançou a cabeça. —Acredite em mim, é extraordinária.

Baphomet assentiu, coçando o queixo.

—Então, como esse menino pode ter uma alma, mas exibir traços de anjos e demônios? Essa é a questão.

A cabeça de Abaddon levantou-se. Seus olhos se encontraram, ambos alcançando a mesma conclusão ao mesmo tempo.

—Não—, disse Abaddon, balançando a cabeça. —Como poderia um anjo e um demônio se reproduzirem juntos?

Baphomet parecia divertido.

—Da maneira usual, suponho. Se eles estivessem em forma humana, não há razão para que eles não pudessem fazer um pouco de tango horizontal.

—Poderia ter sido estupro?

Baphomet franziu a testa.

—Eu não vejo como. Nenhum demônio poderia estuprar um anjo. Eles são mais fortes que nós. E nenhum anjo iria estuprar um demônio, porque os anjos simplesmente não fazem esse tipo de coisa. Estupro é, você sabe, muito não-angelical, de qualquer maneira que você olhe para isso.

—E independentemente de qual deles foi a vítima, eles sempre poderiam simplesmente desistir de sua forma humana e retornar ao Céu.

—Ou para o inferno.

—Certo.

—E mais uma coisa que você está esquecendo.— Baphomet colocou os cotovelos sobre a mesa e se inclinou mais perto. —Ambos tinham que estar em forma humana quando o bebê foi concebido. E uma gravidez humana dura quarenta semanas. Qualquer um deles era a mãe, ela escolheu permanecer no plano mortal o tempo todo. Ela poderia ter retornado ao abismo, ou ao céu, e isso teria sido o fim de tudo. Mas ela escolheu ter aquele bebê.— Ele se inclinou para trás,

pegando outro dos papéis dobrados de Abaddon e colocando-o em um envelope. —Soa como amor para mim.

Poderia ser verdade? E se sim, o que isso significa?

Talvez nada.

Talvez tudo.

—Uma coisa é certa—, disse Baphomet, interrompendo seus pensamentos. —Se ele tem uma alma, você está certo. Provavelmente vale a pena uma promoção, no mínimo.

O coração de Abaddon se afundou.

—Sim. Ótimo.

—Então, volte para cima e reivindique-a já.

* * * * *

A viagem para o inferno levou muito mais tempo do que ele pretendia. O revival já havia começado quando ele retornou ao plano mortal. Mesmo com a banda tocando e Thaddeus pregando, Seth olhou para cima quando Abaddon entrou, seus olhos cegos pareciam encontrá-lo quando ele reivindicou um assento vazio perto dos fundos. Parecia que a presença de Abaddon fazia cócegas nos sentidos angelicais de Seth, da mesma forma que a alma mortal de Seth provocava a dele. Abaddon sentiu o jeito que o coração de Seth batia em um ritmo mais rápido. Ele provou o calor que se espalhava pelo peito do menino. Ele fechou os olhos e saboreou a corrente de desejo que fluía sobre ele. A alegria silenciosa de Seth pela presença de Abaddon parecia acariciá-lo, sussurrando confiança e devoção, o sabor de sua alma tornou-se doce e meloso pela pura inocência do coração de Seth.

Como poderia Abaddon trair isso?

Seria possível que essas correntes fluíssem nos dois sentidos? Talvez Seth detectasse o tumulto de Abaddon. Talvez ele soubesse o quanto Abaddon lutava, dividido entre seus sentimentos ridículos por Seth e o conhecimento de que sua provação estava quase acabando. Ele tinha apenas alguns dias restantes. Se ele não cumprisse sua cota, ele estaria preso no Inferno para sempre, longe o suficiente para que a luz de Seth não o alcançasse.

Ele tinha que agir agora, mas o pensamento de tentar barganhar a alma de Seth de novo quase o deixou doente de estômago. Seth merecia melhor que isso. Mas se ele era muito sentimental para fazer o que precisava ser feito, o que ele estava fazendo aqui? Ele precisava estar em outro lugar, procurando por vítimas. Ele estava sendo imprudente e estúpido ficando aqui, jogando no Santo Graal das almas quando ele poderia ter ensacado meia dúzia de atores ou atletas, mas ele não conseguia se controlar. Ninguém o empolgava do jeito que Seth fazia. Nenhuma alma mortal regular seria suficiente para satisfazer sua fome. E assim, embora fosse uma tolice, Abaddon não foi embora. Ele ficou enraizado em sua cadeira, observando Seth.

Pensando.

Ele estava tão perdido em seus pensamentos que não ouviu a comoção começar perto da porta da tenda. Ele tomou conhecimento das cobras não por causa do tumulto da multidão, mas porque o sabor da alma de Seth mudou repentinamente, tornando-se tanto fumegante quanto amargo enquanto a excitação guerreava com uma surpreendente abundância de medo e ansiedade.

Por que ele estava com medo?

Seth deixou o teclado, puxando o lenço do pescoço e jogando-o de lado enquanto descia os degraus. As cobras se aproximaram dele. Abaddon levantou-se, tentando não se alarmar.

Os congregantes estavam todos se movendo em direção ao corredor central, alguns deles de pé em suas cadeiras, ansiosos por uma visão. Zed estava em seu lugar habitual ao pé do palco, do lado direito, pronto para segurar Abaddon se ele tentasse alcançar Seth. Mas agora, com Seth no corredor central, ele estava mais perto do que nunca.

Abaddon foi para o outro lado. Ele pulou sobre o rio de cobras e atravessou todo o caminho até o outro lado da tenda, subindo devagar pelo corredor da esquerda até a frente da tenda. Zed observou-o, com os olhos duros e zangados. Abaddon levantou as duas mãos, esforçando-se para parecer inocente.

Não era algo em que os demônios se destacavam.

Ele não se aproximou de Seth embora. Ele encontrou um lugar onde ele tinha uma visão clara, mas ficou para trás e assistiu.

As cobras invadiram os braços e pernas de Seth, assim como haviam feito na noite anterior. Elas se moviam lentamente sobre a carne de Seth, deslizando sedutoramente sob sua camisa, suas línguas fazendo cócegas em sua pele macia, acariciando-o, sussurrando canções de sedução em seu ouvido. Abaddon sentiu o medo de Seth começar a se esvair, desaparecendo sob a onda de desejo que o preenchia. Ele se derramava tão forte que Abaddon imaginou como nenhum outro demônio ou anjo enfiou a cabeça na tenda para investigar. Era um sabor delicioso de excitação e saudade misturado com a amarga aceitação da vergonha e da rendição. Era um que o demônio conhecia bem. Era a mistura sedutora de homens

desabotoando seus jeans e deslizando as mãos para dentro, divididos entre a excitação e o embaraço em sua baixeza. Era a emoção secreta que algumas mulheres sentiam quando enfiava um travesseiro entre as pernas e começava a mover, esperando que as crianças não ouvissem. Era pura energia sexual, mas com uma sugestão tentadora de culpa.

A primeira mordida veio devagar. Não um ataque rápido e violento, mas uma cutucada requintada, presas se alisando na carne na base do pescoço de Seth como um noivo entre as coxas virgens de sua noiva, empurrando mais fundo, força e ternura dirigindo por algum lugar maravilhosamente sensível. Então outra cobra, no lado oposto. Uma terceira, mais perto de seu ouvido, bombeando o veneno pecaminosamente nas veias de Seth. Então, mais delas, os golpes se acelerando, cascavéis com rabos se debatendo, o assobio da multidão se tornando um gemido, todos se contorcendo em sua excitação, mordendo repetidas vezes, em direção a algum lançamento desconhecido.

Seth gritou, com os braços bem abertos, e Abaddon se perguntou se ele e Seth eram os únicos homens na sala cujos pênis estavam duros. Ele se perguntou se alguma das mulheres na tenda estava quente e molhada entre as pernas.

As cobras começaram a sair, lentas e apáticas agora, como se tivessem sido saciadas também. Seth levantou-se lentamente, com sangue correndo em riachos estreitos pelo pescoço pálido, desabrochando em manchas em sua camisa branca das mordidas em seu estômago e nas costas. Pontos vermelhos forravam o interior das pernas da calça. Ele virou-se lentamente para a esquerda. Seus olhos

não estavam focados. Eles olhavam para algum lugar desconhecido, mas ele estendeu a mão e avançou, com passos lentos e seguros.

—Deixe-o passar!— Thaddeus pediu no silêncio repentino. Até a banda e o coro pararam. Todo mundo assistiu Seth com a mesma respiração reprimida. —Meu irmão está procurando por alguém especial agora. Deixe-o. Dê espaço para ele.

Ele não precisava se incomodar em contar a eles. Os congregantes se encolheram quando Seth se aproximou, recuando apressadamente como se ele pudesse morder como uma de suas cobras. Ele desceu a terceira fileira de cadeiras, finalmente parando na frente de uma mulher de meia-idade. Ele estendeu a mão para ela.

—Eu posso curar você.

Dedos voaram para os lábios chocados. Os olhos da mulher se arregalaram e ela afundou em uma cadeira.

—O que? M-mas eu não estou doente.

Ela estava. Abaddon deixou seus sentidos rastejar sobre ela, e soube imediatamente o que Seth obviamente sentiu também. Câncer espreitava em seus seios e ovários. Ele se arrastou em direção ao seu útero. Esticando os dedos delgados e traiçoeiros em direção ao coração e aos pulmões. Era como chocolate preto amargo na língua de Abaddon, grosso e pesado. Ele poderia tê-la apontado como um alvo principal, se ele não estivesse muito focado em Seth para notar as almas dos meros mortais.

—Você está—, Seth disse, sua voz suave. —Você suspeitou por um tempo, mas você tem muito medo de marcar uma consulta.— Ele se aproximou, seus dedos afastando o cabelo da têmpora, acalmando-a como uma mãe faria com uma criança. —Está tudo bem, no entanto. Eu posso te deixar melhor.

A mulher fechou os olhos. A multidão ao redor deles deu um pequeno passo à frente. Seth colocou as duas mãos na cabeça dela.

Não havia muito para ver. Não houve canto. Nem reza. Nenhuma das encenações que Abaddon passou a associar aos curandeiros da fé. Seth simplesmente ficou parado, imóvel, com a cabeça baixa.

Mas Abaddon não precisou confiar em seus olhos.

Seth não era charlatão. Ele realmente poderia curar. Abaddon sentiu os finos tentáculos da doença no corpo da mulher começarem a murchar. Ele ficou surpreso quando as células doentes morreram e renasceram saudáveis. O cheiro de chocolate de sua alma recuou, tornando-se insípido e monótono como a alface americana. A morte estava recuando. O medo estava morrendo.

Mas isso não era tudo.

A alma de Seth também estava mudando. O brilho que quase cegou Abaddon desde o início se intensificou e se enfureceu. Queimando dentro do peito delgado de Seth, tão brilhante e horripilante que Abaddon fechou os olhos, esperando que isso ajudasse.

Isso não aconteceu.

Seth deixou a mulher ir e passou rapidamente por ela, empurrando através da multidão, de volta para o corredor central. Ele desceu, tropeçando como se estivesse bêbado. Ele encontrou um homem, seus pulmões negros e crivados de doenças. Grânulos de suor floresceram na testa de Seth, passando por suas têmporas para se misturar com sangue e veneno em seu pescoço. Seth colocou as mãos nos ombros do homem e ficou parado ali, sem se mover, forçando os

pulmões do homem a ficarem cor-de-rosa até se encherem de oxigênio de uma forma que não faziam em quarenta anos.

Seth tropeçou novamente, o rosto dele era uma sombra doentia de cinza, sua alma ardia tão quente que Abaddon não sabia porque a tenda não pegava fogo. Abaddon empurrou a multidão, precisando estar mais perto. Zed também.

Ninguém mais se mexeu.

Seth caiu de joelhos aos pés de uma velha, encurvada de artrite e dor.

—Eu posso ajudar.

Foi apenas um sussurro, mas encheu a tenda silenciosa. Seth pegou suas mãos retorcidas nas dele. Ele abaixou a cabeça, colocando a testa nelas. Seus ombros ossudos tremeram. Mesmo de joelhos, parecia que era tudo o que ele podia fazer para ficar em pé. Mas a dor da mulher recuou. Seus ombros se levantaram. Suas costas se endireitaram. Quando Seth soltou suas mãos, seus dedos estavam perfeitos, os nós dos dedos encolhidos para o tamanho normal.

As pessoas perto o suficiente para ver ofegaram. Esta foi a primeira cura que eles puderam ver com seus olhos mortais.

Seth levantou-se trêmulo, o rosto quase esquelético, a palidez voltada para o verde. Sua alma brilhava. Pulsava. Parecia queimar a carne de Abaddon como uma fogueira. A doçura esmagadora era quase doentia, até para ele.

Toda essa doença. Toda essa dor. Nada disso ia embora. Seth absorvia tudo, absorvendo-o em suas células sobrenaturais.

Seth se virou, tropeçando no corredor. A multidão se separou para deixá-lo passar. Ele cambaleou direto para Abaddon e desmoronou. Abaddon o pegou, por todo o bem que fez. A força da

alma de Seth foi como um punho em seu plexo solar e ele caiu de joelhos, ofegando, o corpo flácido de Seth em seus braços.

—Você está morrendo.— A realização o fez cambalear. Isso o encheu de um desamparo que ele nunca conhecera. —Porra, por que você não me disse que estava morrendo?— Ele segurou Seth com força, deixando seus sentidos cavarem cada vez mais fundo no corpo de Seth, seguindo o caminho de suas células, finalmente vendo o que ele tinha sido cego demais para ver antes. —É por isso que você queima tão brilhante. Isso é o que te faz tão perfeito. Porra, eu deveria ter visto. Eu deveria saber!

Lágrimas arranharam sua garganta, guerreando com a raiva em seu coração. Ele tinha perdido porque não era nenhuma das doenças mortais normais. Não era câncer ou HIV ou tuberculose. Não era nem mesmo a enorme quantidade de veneno de cobra que corria pelas veias de Seth, embora isso certamente não estivesse ajudando. Era algo que os humanos nem tinham nome. Algo enterrado no parentesco sobrenatural de Seth, nascido do câncer, da doença e da dor que ele absorvera ao longo dos anos. Era algo que nem mesmo Abaddon conseguia curar.

—Está tudo bem— Seth sussurrou. Ele tentou levantar, colocar os dedos contra as bochechas de Abaddon, mas ele não tinha força. Sua mão caiu flácida ao seu lado. —Estamos todos morrendo. Sim, embora eu ande pelo vale da sombra da morte ...

—Pare com isso! Porra, sem versos bíblicos! Não dê desculpas para Ele.— Porque que tipo de Deus permitiria que isso acontecesse? —Você tem que parar de curar pessoas. Você tem que parar de deixar as cobras virem. Você tem que-

—Você está assustando-os, Abaddon.

—O que?

Ele estava tão focado em Seth que ele não tinha notado a multidão reunida em torno deles. Ele não ouviu seus murmúrios assustados. Zed apareceu de repente ao seu lado. Ele se ajoelhou e alcançou Seth. Abaddon instintivamente segurou Seth com mais força, puxando-o para fora do alcance de Zed.

—Fique longe dele!

—Deixe-o ir—, Zed rosnou de volta. —Essa não é sua escolha.

—Está tudo bem—, disse Seth. Abaddon não sabia ao certo com qual deles ele estava falando. —Estou bem.

—Ele está bem, pessoal!— Thaddeus disse, levantando a voz acima do barulho da multidão. —O toque do Senhor é uma coisa poderosa. Muitas vezes deixa meu irmão exausto, mas nunca tenham medo! Ele tem as bênçãos do todo-poderoso salvador! Posso obter um 'aleluia'?

Algumas pessoas o ecoaram. “Aleluia!” soava mais como uma pergunta do que como uma exclamação.

—Apenas dê um pouco de ar para ele agora. Deixe-o respirar. O irmão Zed e o irmão Abaddon cuidarão dele. A melhor coisa que podemos fazer por ele é levantar a voz em louvor!

Abaddon odiava as palavras, mas precisava apreciar a eficiência de Thaddeus. A multidão recuou. A banda começou a tocar, o coral cantando “How Great Thou Art”, e a voz de Thaddeus subiu acima de tudo, levando-os na música.

Zed se aproximou, agarrando o braço de Seth como se ele pretendesse arrancar fisicamente o garoto do abraço de Abaddon.

—Você se tornou apegado demais, irmão Abaddon. Deixe-o ir e fique de lado.

—Está tudo bem—, Seth disse novamente, e desta vez, seus olhos cegos encontraram o olhar de Abaddon. Desta vez, seus dedos encontraram a bochecha de Abaddon.

—Eu ficarei bem. Zed sabe o que fazer. Ainda não estou morrendo, prometo.

Era verdade. A força de Seth já estava retornando, sua alma se desvanecendo ao seu brilho normal. Cor estava lentamente voltando para suas bochechas. Seus rins estavam danificados e seu fígado também, mas nenhuma dessas coisas era o verdadeiro problema. O verdadeiro problema estava enterrado em seus genes desumanos.

Abaddon afrouxou seu aperto, sua mente uma confusão, peneirando suas opções limitadas. Ele mal notou quando Zed puxou Seth de seus braços.

Não havia muito tempo.

E ele tinha toda a burocracia do inferno para lidar.

Capítulo oito

Sorvete tão ruim, e (não) um pecado

Era difícil saber as horas no Inferno, e sem o sol dançando lentamente pelo céu, era difícil distinguir um dia do outro. O escritório estava ocupado quando Abaddon chegou, embora parecesse a ele o meio da noite. Ele ficou aliviado ao encontrar Baphomet ainda em sua mesa, dobrando formulários. A cadeira que Abaddon havia roubado de um cubículo próximo em sua última visita ainda estava ao lado da mesa de Baphomet, e Abaddon sentou agradecido, imaginando por onde começar.

—Você parece acabado.

—Isso devia ser engraçado?— Abaddon esfregou os dedos pelos cabelos e olhou para a pilha de papéis na mesa de Baphomet. —Você não deveria ter terminado isso?

—Você tem alguma ideia de quanto tempo leva para dobrar cento e cinquenta milhões de formulários?

Abaddon estremeceu, pensando em como sua mesa deveria estar agora. Era possível que estivesse completamente enterrada sob papelada. Ele teria que lidar com isso eventualmente, mas ainda não.

—Preciso da sua ajuda.

—Uh-uh. De jeito nenhum.— Baphomet enfiou um formulário em outro envelope. —Ajudar alguém no inferno é contra as regras. Você sabe disso.

—Você me ajudou antes.

—Você não pode provar isso.

—Eu preciso saber se há uma maneira de solicitar uma extensão.

—Está maluco? Você já está em liberdade condicional! Agora você quer uma extensão também?

—É possível?

Baphomet sacudiu a cabeça, mas o olhar distante em seus olhos disse a Abaddon que ele estava pensando nisso.

—Bem, existem dispensas por circunstâncias especiais, como pessoas que concordam em entregar suas almas assim que certas coisas estiverem no lugar. É como se eles lhe dessem um anel de compromisso em vez de um anel de noivado real, embora todos saibam que significa a mesma coisa. Há também casos em que o mortal concorda em dar sua alma, mas a parte do diabo do acordo leva tempo extra para cumprir. Você teria que preencher um 10-382, um 12-685 e um 13-387 e ...

—Há mais.— Abaddon olhou ao redor, certificando-se que ninguém estava ouvindo. O demônio mais próximo estava a dois cubículos de distância na copiadora que havia chegado ao Inferno, cortesia de 1985. Suas mãos e peito estavam cobertos de toner enquanto ele amaldiçoava e golpeava a máquina. Ele não estava pagando a Abaddon e Baphomet nem um pouco de atenção. Abaddon voltou-se para Baphomet e se aproximou. — Alguém que perde sua alma para um de nós acaba aqui, certo?

Baphomet abaixou o envelope que estava prestes a lamber.

—Certo.

—Mas o Departamento de Aquisição de Almas deve ter pelo menos trinta andares e cada um deles vários quilômetros de cubículos, certo?

—Eu não gosto de onde isso está indo.

—Existe alguma maneira de encontrar uma pessoa específica quando ela chegar? Ou alguma maneira de se certificar de que eles sejam adicionados nas proximidades, assim que eles atravessam? Quero dizer, levaria uma eternidade para encontrá-lo indo de cubículo a cubículo, especialmente quando todos nós trabalhamos horas diferentes, mas se há uma maneira de saber onde ele estará ...

—Abaddon, pare.— Baphomet pôs o envelope de lado e se aproximou. —Isso é loucura. Você precisa esquecer esse garoto, ok? Esqueça sua alma perfeita e encontre outra pessoa.

—Eu não posso.

—Você está obcecado.

—Eu sei!— Baphomet estava certo. Neste ponto, seria mais prudente se contentar com algumas almas de mendigos, mas ele não suportava a ideia de ficar sem Seth. E agora, talvez ele não precisasse.

—Apenas me responda! Eu não tenho muito tempo!

Baphomet suspirou e recostou-se na cadeira.

—Eu juro, você é o diabo mais malvado que eu já conheci.— Ele beliscou a ponte do nariz. —Sim, há uma maneira de enviar alguém para uma seção próxima, mas não pelas razões que você está pensando. Isso é o inferno, não o jardim de infância. Eles não se importam se de repente você decidiu que quer um novo animal de estimação ...

—Não é assim!

—Eles só se importam se você tem algum tipo de rancor, como um mortal que te irritou, e você quer ser capaz de torturá-los ao longo

do tempo. Você terá que dar um bom show para convencê-los de que você o odeia. E mais uma coisa em que você não pensou.

—O que é?

—Ele nem vai te reconhecer quando atravessar. Ele terá esquecido tudo sobre você.

Fale sobre ser atingido pelas letras miúdas. Abaddon recostou-se cambaleando. Ele colocou as mãos na cabeça, lutando contra uma escuridão repentina que pareceu nublar sua visão. Como ele poderia ter se esquecido disso? Assim como ele não se lembrava de nada de sua vida mortal, Seth não se lembraria dele. O conhecimento dobrou-o ao meio, e ele se viu segurando o estômago, olhando para o chão, ofegante.

—Eu acho que vou vomitar. _____

—Abaddon, você está no fundo do poço, cara. O que está acontecendo?

Abaddon sacudiu a cabeça, lutando contra as lágrimas.

—Eu pensei que se eu pudesse trazê-lo aqui- Se eu pudesse tê-lo por perto-

Ele sentiu a mão de Baphomet em seu ombro.

—Se você se importa tanto com ele, deixe-o onde ele está. Visite-o no plano mortal sempre que puder. Você não seria o primeiro demônio a fazer isso.

—Ele está morrendo.— Ele colocou a mão sobre o rosto. Ele ficou aliviado ao descobrir que seus olhos estavam secos. Ele se sentou novamente, tentando recuperar seu foco. —É parte da razão pela qual ele queima tão brilhante. Faz parte do que faz dele uma pegadinha perfeita.

—Ah. Então, se ele vai morrer de qualquer maneira...

—Eu pensei que se eu pudesse pelo menos tê-lo por perto...— Ele não estava pronto para desistir ainda. —Deve haver um jeito e você conhece as brechas melhor do que ninguém.

Baphomet pôs o queixo na mão, pensando, e Abaddon esperou. Ele não tinha muita fé em Deus nestes dias, mas ele tinha fé em seu amigo. E com certeza, um momento depois, os olhos de Baphomet se arregalaram.

—Espere um minuto!— Ele abriu uma gaveta da mesa e tirou um fichário com uma espinha de quatro polegadas. ***Regras e Regulamentos do Departamento de Aquisições de Alma.*** Ele começou a folhear as páginas. —Talvez...

No final, seriam quase duas dúzias de formulários para apresentar, todos em triplicado, em três escritórios diferentes: um DMV³⁶ em Phoenix, outro em Detroit e um escritório de seguridade social em Nova Jersey.

—Quanto tempo vai demorar?— Abaddon perguntou, ansioso pela primeira vez para começar a preencher a papelada.

Baphomet coçou o queixo, considerando.

—Sozinho? Algumas semanas. Mas com a minha ajuda?— Ele sorriu. —Acho que podemos resolver isso em cerca de cinco dias mortais. Isso é no seu prazo final, então teremos que abrir a extensão primeiro.

Alívio inundou através dele.

—Você faria isso por mim?

—Sim. Estou cansado de lamber envelopes de qualquer maneira. Vou pegar os formulários e te encontrar na sua mesa.— Ele

³⁶ Departamento de veículos motorizados.

se levantou e levantou a voz. —Agora, afaste-se de mim, seu bastardo podre e idiota! Espero que você queime no lago de fogo por uma eternidade!

Abaddon gritou algumas maldições próprias a caminho de sua mesa, apenas para mostrar aos outros, mas em seu coração, ele estava feliz.

Havia esperança afinal.

Ele só precisava de alguns dias extras.

* * * * *

Depois de uma hora, ele e Baphomet sentaram-se em mesas adjacentes e começaram a trabalhar.

Havia formulários pedindo uma prorrogação de seu prazo, formulários prometendo uma alma espetacular sob circunstâncias especiais, formas de designar uma alma recém-adquirida a uma região seleta do departamento a fim de prolongar o tormento do mortal, outros que afirmavam que outras tentativas tinham sido arquivadas e, finalmente, formulários para permitir que Seth continuasse com sua memória após cruzar para o Inferno. O último exigia que Seth tivesse conhecimento pessoal que pudesse ajudá-lo na aquisição de almas. O revival foi citado como - uma nova safra de mortais devotos e confiantes que teoricamente poderiam ser convencidos a dar sua alma a Seth, mesmo depois que ele se tornasse um demônio. Seth nunca faria tal coisa, é claro, mas eles lidariam com isso mais tarde. Um pouco mais de papelada no caminho parecia um pequeno preço a pagar para manter Seth por perto.

Mas assim que a papelada fosse arquivada, Abaddon não tinha saída. Nenhuma quantidade regular de almas mortais poderia salvá-lo agora. Ele teria três dias para garantir a alma de Seth, ou ser condenado a algum nível inferior do Inferno. Era a versão do Departamento de apostar o dobro ou nada com o chefe. Se ele não retornasse com Seth, ele seria rebaixado, sem explicações, desculpas ou ajuda. Não havia plano B. Nenhuma segunda chance.

Tudo dependia de Seth.

É claro que ele estaria bem e verdadeiramente ferrado se Seth morresse antes de colocar tudo no lugar, então ele fez uma rápida parada a caminho de Detroit no acampamento no Alabama.

Estava deserto.

—Por Satanás!— Abaddon chutou a sujeira. —Onde diabos eles foram?— Ele girou em um círculo, olhando em volta, como se ele pudesse ter perdido uma gigantesca barraca de revival e as poucas dúzias de trailers, semi-reboques e caminhões que a acompanhavam. Mas não. Não havia sinal de Seth.

Era mais difícil procurar em forma mortal, então ele se retirou para o abismo e lançou sua teia mental. Eles só tinham uma vantagem de dez a doze horas, mas para qual direção eles teriam ido? Ele estava impaciente, aborrecido por ter mais uma coisa para ocupar seu tempo, desesperado para encontrar Seth e saber com certeza que estava a salvo. Demorou cinco horas preciosas de busca, mas, finalmente, sua mente agarrou-se ao brilho inconfundível da alma de Seth em um acampamento na Geórgia. Ele quase chorou de alívio.

O acampamento do Revival do Arco-Íris estava escuro e silencioso. Nenhum revival hoje à noite, depois de um dia de viagem. Ele hesitou, seu corpo ainda escondido no abismo, sua

consciência do lado de fora do trailer de Seth. Ele poderia facilmente espiar dentro, se quisesse. Ele nunca tinha espiado Seth antes, e ele estava relutante em fazê-lo agora, mas suas únicas outras opções eram bater na porta de Seth, possivelmente acordar qualquer outro nas proximidades no processo, ou esperar até a manhã para Seth aparecer...

Ele sinceramente odiava ambas as opções.

Ele lançou um toque cauteloso no trailer, não muito olhando, mas sentindo.

Seth definitivamente estava dentro.

Definitivamente adormecido.

Abaddon respirou fundo e se manifestou nos confins do trailer.

Ele nunca esteve no espaço de vida de Seth antes. Era como a maioria dos trailers de viagem: uma pequena cozinha, com um fogão de duas bocas, uma pia e uma geladeira em miniatura de um lado, e uma mesa entre bancos no outro. Além disso, havia uma porta estreita que provavelmente levava ao banheiro e uma área de dormir nos fundos. Era um trailer mais antigo, com toques de laranja e verde abacate. A mesa deveria ser amarela, mas agora estava quase toda branca. Uma xícara de café, um garfo e um único prato estavam no corredor. Tudo estava limpo e organizado. Se Seth já teve fotos, ele provavelmente as tinha retirado desde que perdera a visão. Uma Bíblia era a única coisa visível, sua capa esfarrapada, e Abaddon parou para pensar sobre isso. Seth não conseguia ler. Ele ainda achava conforto em suas páginas?

Abaddon passou o dedo pelo livro gasto. Não houve choque ao tocar a suposta palavra de Deus. Nenhum raio veio para derrubá-lo.

—Abaddon?

Ele pulou, virando-se para encontrar Seth na porta que levava ao pequeno espaço que servia de quarto. Não havia lenço no pescoço. Ele usava apenas calças de pijama de flanela, vermelha com uma impressão de alce preta, e uma camiseta desbotada que provavelmente tinha sido verde. Estava de dentro para fora, mas Abaddon podia ver o contorno fraco do amigo de Snoopy, Woodstock, através do tecido. O efeito era de alguma forma adorável e sexy pra caralho.

Abaddon pigarreou.

—Eu não queria te acordar.

—Eu sei.

Abaddon coçou o pescoço, pensando. Ele tinha certeza de que não fizera nenhum barulho.

—Como você sabia que eu estava aqui?

—Não tenho certeza, para ser honesto. Eu apenas percebi.— Seth se acomodou contra o batente da porta, inclinando a cabeça contra ele. Naquele momento, ele definitivamente estava inclinado mais para adorável na mente de Abaddon.

—Eu não achei que você fosse fazer as malas e partir tão rápido.

—Sempre saímos depois de um evento.

—Você quer dizer depois de curar alguém?

—Thaddeus e Zed não querem que a mídia descubra. Eles se preocupam que as pessoas apareçam com câmeras. Eles não querem que isso se torne um espetáculo.

Abaddon quase riu. A maioria dos revivalistas vivia para o espetáculo, mas ele gostou por Thaddeus e Zed terem uma relutância em explorar a habilidade de Seth.

—Eu suponho que faz sentido.— Ele olhou Seth de cima para baixo, se aproximando. Ele ainda parecia cansado. As mordidas em seu pescoço estavam inchadas e vermelhas. —Você está bem?

—Eu estou bem.— Seth sorriu, e a balança virou um pouco para sexy. —Estou feliz por estar aqui.

Abaddon pegou a mão de Seth, mas parou de repente. Eles estavam em um lugar tão apertado, e no espaço pessoal de Seth ainda por cima. Tudo parecia mais íntimo.

—Eu odiei ir embora naquele momento.

—Está bem. Eu estava em boas mãos. Zed sabe o que fazer.

—Há quanto tempo você sabe?

—Que eu posso curar as pessoas? Desde a primeira vez que as cobras vieram. Eu devia ter nove ou dez anos.

—Não. Quero dizer, há quanto tempo você sabe que está morrendo?

—Oh, isso.— Como ele poderia soar tão casual sobre isso? Como ele poderia falar tão facilmente sobre algo que enchia Abaddon com medidas iguais de pavor e esperança? —Desde que eu tinha dezoito anos. Acho que suspeitei antes disso, mas foi quando realmente entendi o que me custava curá-los.

—E ainda assim, você continua fazendo isso.— Seth não respondeu exceto por abaixar a cabeça, e a dor de Abaddon cresceu. —É por isso que você queria sair quando tinha dezoito anos? Você sabia que estava ficando sem tempo?

Seth acenou com a cabeça, um gesto curto e desconfortável.

—Isso foi parte disso, sim. Eu pensei que me daria um pouco mais. Mas principalmente...— Ele mordeu o lábio, seus olhos se fixando em algum lugar perto do rosto de Abaddon. —Eu só queria

fazer mais antes de morrer. Ver mais, sabe? Eu queria uma chance de conhecer alguém. Eu queria...

Ele parou, suas bochechas coraram rosa. Desta vez, Abaddon pegou sua mão.

—Você queria uma chance de se apaixonar.

Lágrimas brotaram nos olhos de Seth.

—Sim.— Ele abaixou a cabeça, mas ele não pôde parar a onda de emoção que surgiu através dele. Os sentidos sobrenaturais de Abaddon detectaram um monte de constrangimento, mas por baixo dele havia uma corrente de gratidão que tirou o fôlego de Abaddon. Depois de tudo o que aconteceu, Seth sentiu que tinha recebido seu maior desejo.

Ele teve a chance de se apaixonar, afinal.

Abaddon se aproximou mais. Seus dedos tremiam enquanto limpava as lágrimas de Seth.

—Você sabia que eu não pararia de procurar até encontrar você.

—Eu esperava.— O sorriso de Seth era doce e hesitante. —Você me disse uma vez que minha alma é como um farol para você. Como um farol.

Abaddon teve que se forçar a falar em volta do nó na garganta.

—Você é minha estrela guia.

—Eu não sei se funcionou, mas...— Ele mordeu o lábio, parecendo quase flertando, exceto que ele provavelmente nunca iria flertar intencionalmente com ninguém em sua vida. —Eu tentei ser extra brilhante para você.

O coração de Abaddon se apertou, e ele puxou Seth em seus braços e segurou-o com força. Ele foi dominado, como sempre, pelo poder da alma de Seth e pelo brilho de seu coração, mas pela primeira

vez, eles ficaram atrás de seus próprios sentimentos. Ele mal conhecia Seth, mas ele o amava com uma ferocidade que o aterrorizava. Ele queria que Seth vivesse para sempre, mas ele também ansiava pelo dia em que ele pudesse levá-lo para casa. Talvez Seth não pertencesse ao inferno, mas pelo menos eles ficariam juntos. Pelo menos ele ainda seria capaz de tocá-lo e vê-lo. Era tão terrível querer isso?

Seth se encaixava perfeitamente contra ele, seus braços ao redor da cintura de Abaddon, seu rosto enfiado no pescoço de Abaddon, seu hálito quente fazendo cócegas no lugar sensível logo abaixo do ouvido de Abaddon, e até mesmo a súbita onda de excitação que sentiu não podia lavar a tristeza em seu coração...

Como ele poderia amar tanto Seth? E depois de finalmente perceber, como ele poderia suportar deixá-lo ir?

—Abaddon, você está tremendo. Você está bem?

—Estou bem—, Abaddon mentiu, virando-se para beijar a têmpora de Seth. —Eu estou bem.— Ele se afastou um pouco para que ele pudesse olhar para o rosto confiante de Seth. Ele deveria dizer a ele agora o que ele planejou? Ele debateu, mas decidiu que era melhor esperar até que tudo estivesse no lugar.

Seth se virou contra ele, repentinamente desviando os olhos, e Abaddon sentiu a leve cutucada de carne quando Seth começou a ficar duro dentro da calça do pijama. Abaddon teve que morder o lábio para não gemer. Ele teve que se segurar para não beijar Seth novamente e incliná-lo para a cama, mas um olhar para o rosto de Seth o acalmou. Seth estava corando furiosamente, tentando se afastar nos confins estreitos do trailer, além de envergonhado com o que estava acontecendo. Abaddon respirou fundo e deixou-o ir. Ele deixou Seth se virar e descansar seu rosto contra o batente da porta.

“Seth...” Ele queria dizer: “Não há motivo para ficar envergonhado”. Ele queria dizer: “É natural”. Ele queria dizer: “Eu sei exatamente como você se sente. Eu quero você ainda mais do que você me quer.” Mas ele tinha a sensação de que Seth já sabia todas essas coisas.

Ainda assim, sendo virgem como ele, sem dúvida era, Seth demorou um pouco para encontrar sua voz novamente.

—Eu sinto muito.

—Não há razão para isso.— Ele tocou o cabelo de Seth, mas não se permitiu mais contato além disso. —Você não precisa se desculpar comigo por nada.

Seth manteve seu rosto desviado, mas Abaddon ouviu sua expiração suave enquanto sorria.

—Então obrigada por não rir de mim.

Não, ele não podia rir dele por isso, mas ele se arrependeu de ter que deixá-lo ir. Ele não queria nada além de segurá-lo novamente, mas ele não queria tornar as coisas mais difíceis do que precisavam ser.

Além disso, ele estava ficando sem tempo.

Ele pegou a mão de Seth e levou-o até a mesa da cozinha. E embora fosse difícil em um lugar tão apertado, ele conseguiu se ajoelhar aos pés de Seth, suas mãos cruzadas descansando nos joelhos de Seth.

—Eu preciso te perguntar uma coisa.

—Ok.

—Você sabe quanto tempo...? — Jesus, que tipo de assunto era esse para começar?

—Quanto tempo antes de eu morrer, você quer dizer?

—Sim.

—Não exatamente. Eu sei que não vai demorar muito agora. — A voz de Seth ficou mais baixa enquanto ele falava. — Uma semana ou duas, eu acho. Por quê?

—Eu tenho algo que preciso fazer. Eu vou embora daqui a alguns dias. Eu não queria que você se preocupasse, e eu não queria...— Ele parou, engasgando com as palavras.

—Você não gostaria de voltar e descobrir que eu já tinha partido.— Abaddon estremeceu, mas Seth apenas sorriu. —Não tivemos tempo para fazer publicidade nem nada aqui. Isso significa que não faremos um revival por mais alguns dias, pelo menos.

Nenhum revival significava nenhuma cobra.

Nenhuma cobra significava nenhuma cura.

E nenhuma cura significava um pouco mais de tempo.

—Eu prometo a você, eu voltarei. Acho que serão três ou quatro dias no máximo.

—Ok.— Seth puxou uma das mãos e cobriu a de Abaddon, como o jogo que as crianças faziam, puxando a mão do fundo da pilha para colocá-la no topo. —Eu vou sentir sua falta, mas eu entendo.

—Eu voltarei.

—Você já disse isso e não tenho motivos para duvidar de você. Você nunca mentiu para mim, até onde eu sei.— Ele sorriu, inclinando a cabeça. —Exceto agora que penso nisso, você ainda me deve um sorvete.

Abaddon riu, balançando para trás em seus calcanhares.

—Que sabor?

A testa de Seth se enrugou em perplexidade.

—Qualquer sabor?

—É só você escolher.

Seth colocou um dedo no queixo dele enquanto pensava.

—Pistache. Com redemoinho de caramelo e gotas de chocolate.

—Isso é uma piada. Todos os sabores do mundo, e você escolhe pistache? É um insulto ao sorvete em todos os lugares.

—Você está dizendo que não pode fazer isso?

Abaddon riu do desafio.

—Taça ou cone?

—Cone.

—Bolo, waffle ou açúcar?

—Açúcar.

—Você entendeu.

Foi fácil retirá-lo do abismo. Uma ligeira flexão nas regras talvez, mas com toda aquela papelada no Inferno, uma pequena casquinha de sorvete seria perdida. Ele o colocou na mão de Seth. Um gesto tão simples, mas fez seu coração doer, e antes que ele pudesse pensar melhor, ele colocou a outra mão por trás do pescoço de Seth e puxou-o para um beijo.

Um beijo cuidadoso, suave e gentil. Apenas o suficiente para provar a doçura de Seth, ouvir o suspiro de Seth, sentir o jeito que Seth se emocionou com seu toque.

Se ele não saísse agora, nunca o faria.

—Eu voltarei assim que puder.

—Eu sei.

Ele se levantou, recuando, querendo colocar distância entre eles antes de mergulhar no abismo. Mas antes que ele pudesse ir embora, Seth falou.

—Abaddon?

—Sim?

—Você acha que comer sorvete do inferno é um pecado?

Abaddon riu.

—Não quando é de pistache.

* * * * *

As DMVs eram ruins o suficiente para os mortais, mas depois de pegar o pequeno número da máquina e sentar para esperar sua vez, os mortais nunca notavam que certos números nunca eram chamados. Mesmo depois de todos os humanos terem ido embora e as portas terem sido trancadas, uma dúzia de demônios continuava nas cadeiras de plástico, esperando. Quando terminava, iam para o escritório seguinte, onde ficavam na fila por vinte e duas horas antes de serem autorizados a defender seu caso para algum diabo de crosta superior com bafo de alho. Quatro dias depois de entregar o sorvete de pistache a Seth, Abaddon retornou ao seu cubículo no Inferno. Ele não conseguia encontrar sua escrivaninha sob a montanha de memorandos, mas encontrou uma nota colada na parede.

Abaddon: Está feito. Você é uma verruga crescendo na bochecha direita de Satanás. Eu espero que você seja aberto ao meio.

-B

Abaddon deu um suspiro de alívio. Suas pernas e costas doíam. Sua cabeça estava latejando, seus olhos secos e queimando, mas pelo menos não foi por nada.

Ele precisava descansar, mas ele queria ter certeza de que Seth estava seguro primeiro. Uma rápida espiada no acampamento do

Revival Arco-íris mostrou-lhe que era o fim da noite na Geórgia. Seth estava dormindo em sua cama. Seu doce brilho menor e fluindo com suas respirações uniformes. Abaddon hesitou, sentindo que tudo no mundo encaixaria no lugar certo se ele pudesse deitar na cama ao lado de Seth e segurá-lo, mas resistiu. Ele já estava exausto, e se conseguisse entrar na cama de Seth, algo que ele não seria capaz de fazer sem recorrer a métodos que não estava mais disposto a usar, com certeza não iria querer dormir.

Ele pegou o metrô de volta ao seu prédio, balançando em seus pés enquanto pendia da alça de mão. Ele teve que se encostar na parede enquanto subia as escadas para o seu quarto. E finalmente, ele caiu no relativo conforto de sua própria cama.

Em algum momento em um futuro não muito distante, ele teria Seth aqui com ele no inferno. Sirenes soavam e galos cantavam. Abaddon ouviu o clamor, imaginando Seth em algum cortiço distante. Ele imaginou o desânimo de Seth no barulho sem fim. Seu horror por ter que enganar os mortais por suas almas. Sua tristeza quando ele aprendesse que não existia música no inferno.

Abaddon esfregou a mão sobre os lençóis ásperos e arranhados e imaginou apresentar Seth à verdadeira glória do pecado no fedor sombrio de seu apartamento, tão longe de Deus que até alguém tão devoto quanto Seth estava fadado a perder sua fé.

Ele imaginou Seth sem sua alma.

Demorou muito até que Abaddon dormisse.

Capítulo nove

Como peneirar o desejo?

Era pouco depois do almoço quando Abaddon chegou ao Revival Arco-íris. As preparações estavam em pleno andamento. Ele viu Seth no centro do acampamento, cercado por alguns de seus amigos, mas ele se conteve, tentando refrear seus sentidos demoníacos, tentando não se concentrar na perfeição da alma de Seth.

Foi uma tarefa impossível. Agora que ele estava em sintonia com ela, ele não podia ignorá-la, mesmo que quisesse.

Se ele enfrentasse Seth agora, ele ou o beijaria ou irromperia em lágrimas, e nenhuma das possibilidades precisava de uma audiência. Em vez disso, ele se escondeu no trailer vazio de Seth. Sentou-se à pequena mesa da cozinha com a cabeça entre as mãos, fitando a velha bíblia de Seth, quase desejando encontrar conforto ali.

Em qualquer lugar, na verdade.

Finalmente, a porta se abriu e Seth entrou.

—Abaddon?

Abaddon achou mais difícil do que o normal fazer sua garganta funcionar.

—Sim. Estou aqui.

Seth sorriu, recostando-se no fogão de duas bocas.

—Zed me disse que você estava esperando.

—Zed?— Como ele sabia? Aquele cara estava se mostrando mais problemático a cada dia.

—Você fez isso, então? O que quer que você tenha feito?

Abaddon ficou de pé, querendo se aproximar. Querendo mais que qualquer coisa puxar Seth em seus braços.

—Eu fiz.

Seth abaixou a cabeça, arrastando o dedo contra o chão de azulejos em constrangimento.

—Senti sua falta.

Ele parecia tão jovem naquele momento, mais jovem até do que seus meros vinte e dois anos, e a auto-aversão de Abaddon cresceu.

—Eu preciso te dizer uma coisa.— E, no entanto, era tão difícil fazer-se dizer as palavras. Ele se aproximou de Seth, mas parou de repente. Em vez disso, ele se acomodou para pegar as mãos de Seth - a direita perfeitamente macia e flexível, a esquerda com pesados calos nas pontas dos dedos das cordas da guitarra e do violino. —Voltei ao Inferno por um motivo. Eu estava procurando um caminho ... Bem, eu encontrei um caminho...— Ele engasgou, vendo em sua mente novamente a imagem de Seth preso no Inferno. —Jesus, isso não deveria ser tão difícil.

Seth apertou os dedos.

—Conte-me.

Abaddon respirou fundo.

—Eu encontrei uma maneira de podemos estar juntos.— Mas sua garganta estava apertada. Era difícil fazer as palavras saírem. —Depois de...

—Depois que eu estiver morto?

Abaddon sacudiu a cabeça em um aceno de cabeça, percebendo tarde demais que o gesto era inútil para Seth.

—Sim.

—Isso envolve dar-lhe a minha alma?

Abaddon não suportava olhar naqueles olhos cegos e confiantes.

—Sim.

—Você poderia... você poderia me curar, em troca da minha alma?

—Eu não sei. Se você fosse humano, sim. Mas já que você não é...

—O que? O que você quer dizer?

Se Seth o puxou para mais perto, ou vice-versa, Abaddon não sabia, mas o que começou com um ou dois centímetros de espaço vazio entre eles agora eram meros milímetros. Abaddon lutou para manter sua mente focada.

—Você é diferente, Seth. Isso é parte do porque você queima tão brilhante. Você é extraordinário. Você é-

—E se eu te desse a minha alma, sem pedir nada em troca? Você aceitaria isso?

Abaddon estremeceu.

—Eu tenho que fazer isso.— Ele nunca se odiou tanto. —Mas não faça isso. Por favor. Não está certo.

—Não é isso que você quer? Estarmos juntos?

—É.— Ele fez tudo que podia para manter suas lágrimas à distância. —É, mas Seth-

—Está tudo bem.— Seth sorriu para ele, embora fosse o mais triste sorriso que Abaddon já tinha visto. —Eu não farei isso de

qualquer maneira. Eu não vou abandonar minha alma, Abaddon. Nem mesmo para você.

—Bom.— Abaddon deu um suspiro de alívio, nem mesmo se incomodando em imaginar o que ele sentia com isso. Isso significava que ele estava condenado, mas ele mal se importava. —É como deve ser. Eu quero você mais que tudo, mas você não pertence a mim. — Ele beijou a testa de Seth, deleitando-se com a doçura que parecia derramar da pele dele. Ele deixou seus lábios brincarem sobre os belos olhos cegos de Seth. Seu coração batia forte quando ele se moveu para a boca de Seth, beijando-o finalmente, mas tentando não empurrar. Tentando não mergulhar muito fundo, mesmo que ele estivesse desesperado para fazer exatamente isso. Seth mudou seu peso, aproximando-se, deixando seus corpos se encontrarem de uma forma que fez o corpo inteiro de Abaddon pulsar com a excitação.

—Abaddon?— Sua voz era apenas um sussurro, seus lábios roçando os de Abaddon enquanto ele falava.

—Sim.

—Eu tenho pensado muito desde a última vez que você esteve aqui.

—E?

—Minha alma pode pertencer a Deus.— Ele pegou a mão de Abaddon e a guiou até a protuberância macia entre suas pernas. — Mas todo o resto de mim pertence a você.

Como algo poderia ser tão certo e tão errado? Como isso poderia fazê-lo sentir tanta alegria e tanto pesar? Abaddon abaixou a cabeça no cabelo de Seth, gemendo quando a carne de Seth começou a endurecer sob seus dedos.

—Não, você não quer fazer isso.

—Eu nunca quis tanto algo quanto eu quero isso.

—Está errado.

—Eu nunca conheci o toque de uma mulher ou de um homem.

—Seth, por favor-

—E eu acho que talvez eu gostaria.

—Oh, sinos do inferno, não me tentem assim. Você não tem ideia do que está fazendo comigo.

Mas o aperto de Seth na mão de Abaddon não diminuiu. Sua ereção aquecia a palma de Abaddon, e Seth empurrou, guiando a mão de Abaddon em uma carícia.

—Estou morrendo.

—Eu sei—, Abaddon engasgou, tentando parar o movimento lento de sua mão e falhando completamente. —Mas isso não significa que você deva jogar tudo fora.

—Eu não estou.

—Mas-

—Eu vivi em retidão por vinte e dois anos e não vou viver para ver os vinte e três. Eu quero...— Ele respirou profundamente, e quando ele falou novamente, sua voz era apenas um sussurro. —Eu quero saber como é me compartilhar com alguém que amo. E se Deus é tão caridoso quanto eu acredito, Ele me perdoará por esse simples pecado.

—Mas não comigo! Você não vê como isso é errado? 'Seth, oh Seth, eis que Satanás deseja ter você. Ele deseja conseguir você, possuir você, que ele pode peneirar você como trigo'.

Seth riu.

—Não é bem assim.

—Perto o suficiente.

O sorriso de Seth foi tão puro e doce e lindo quanto o nascer do sol.

—Então me peneire já, seu idiota maldito.

E ele puxou Abaddon em um beijo.

Alguma parte de seu cérebro queria resistir, mas aquela pequena voz foi abafada por todo o resto. Seth era brilhante, perfeito e puro, a doçura gloriosa de sua alma preenchendo os sentidos de Abaddon, deixando-o indiferente a tudo, menos ao seu desejo. Ele moveu a mão, apenas um pouco, roçando o dedo no comprimento da ereção de Seth através de seu jeans. Seth estremeceu e ofegou em resposta, agarrando-se a ele.

—Sim—, ele respirou.

E a fera que Abaddon vinha lutando desde aquela primeira noite em seu coração e em sua mente, finalmente se livrou de suas restrições. Deus o ajudasse, mas ele queria Seth de uma maneira completamente desumana, e ele estava cansado de lutar contra isso. Ele beijou Seth com mais força, rosnando quando sua necessidade se tornou mais urgente, puxando suas roupas, rasgando a camisa de Seth em sua urgência enquanto ele o empurrava em direção à cama. Ele não pensava em controlar essa paixão. Ele se atrapalhou com os botões de seu jeans e Seth ajudou, empurrando-os impacientemente para baixo, sobre os quadris de Abaddon, ambos ofegantes e apressados, imprudentes e desesperados, até que finalmente caíram nus nos lençóis. O corpo de Seth estava frio ao toque, mas sua essência era quente como o sol, sua alma queimava como doce de canela na língua de Abaddon, e ele se esforçou, cada centímetro dele tenso e tremendo com uma necessidade que ele não sentiu em todos os seus anos como um demônio. Havia muito, muito desejo e muita fome

reprimida, e quando os dedos suaves de Seth se fecharam em torno de seu pênis, Abaddon gritou. O brilho forte, cegando-o, percorrendo-o, disparando de seus quadris em explosões dolorosamente satisfatórias até que ele desabou, ofegando e tremendo. Era tão novo e estranho e inacreditável que ele levou um minuto para perceber o que tinha acontecido.

—Uau,— Seth disse baixinho. —Eu achei que seria o único com esse problema.

—Merda! Eu sinto muito! Isso não deveria acontecer.

Seth riu, guiando os lábios de Abaddon para os dele.

—Eu não me importo.

Mas Abaddon nunca se sentiu como um idiota maior. Seth estava jogando fora uma vida sem pecado por um rolo no feno, e Abaddon havia estragado tudo.

Literalmente.

—Isso deveria ser para você!

—Não. Deveria ser para nós. E nós temos muito tempo.

Sim eles tinham. E agora que a urgência de Abaddon havia sido expurgada da maneira mais embaraçosa possível, ele viu que talvez fosse o melhor. Seth merecia algo mais do que um encontro apressado e frenético, e se ele fosse chegar aos portões do Céu com apenas um pecado em seu livro, bem...

Então ele deveria fazer valer a pena.

Abaddon usou a camisa arruinada de Seth para limpá-lo, beijando-o enquanto isso. E quando acabou, ele se concentrou em provocar a carne de Seth com os dedos e lábios e língua, procurando os lugares que provocavam a melhor resposta.

Eles não eram difíceis de encontrar, porque as cobras os haviam encontrado primeiro. As minúsculas cicatrizes redondas em conjuntos perfeitos de dois eram como uma trilha de pão. Abaddon os seguiu pelo corpo de Seth, da dobra do pescoço até a barriga lisa e macia; e finalmente, para a carne tenra no interior de suas coxas. Abaddon lambeu aquelas cicatrizes, provando algodão doce e canela, beijando-as, beliscando com os dentes, e Seth enlouqueceu, ofegando e gemendo, mordendo o lábio para abafar seus gritos para que ninguém o ouvisse através das paredes finas do trailer.

Abaddon afastou-se das cicatrizes para localizar a ereção de Seth, mas Seth o empurrou de volta para suas coxas, de volta para aquelas cicatrizes, choramingando quando Abaddon continuou usando a boca nelas e usou a mão para esfregar o polegar gentilmente no comprimento de Seth. Alguns golpes leves foram o suficiente para desencadear o clímax de Seth.

Quando acabou, Seth puxou Abaddon para que eles ficassem face a face. Ele parecia alheio à bagunça entre eles. Abaddon esperava ver maravilha, ou espanto, ou pelo menos um sorriso. Mas em vez disso, Seth parecia com medo.

—Diga-me que você vai ficar—, ele sussurrou. —Diga-me que este não é o fim.

Se ele quis dizer o fim de seu encontro sexual ou o fim de sua vida ou o fim de seu relacionamento, Abaddon não sabia. Não importava.

—Eu não vou a lugar nenhum.

—Diga que me ama.

Eles só se conheciam a duas semanas. Talvez fosse tolice, mas Abaddon não hesitou.

—Você sabe que eu amo.

Seth fez um som que foi quase um soluço, e por um minuto, Abaddon apenas segurou-o, acariciando seus cabelos, fazendo sons suaves até que Seth se acalmou. Mesmo assim, ele só o soltou porque a bagunça entre eles estava se tornando difícil de ignorar.

—Eu não queria ficar tão emocional—, disse Seth enquanto desembaraçavam seus membros.

—Eu acho que você tem esse direito.

Eles se limparam de novo, então se acomodaram na cama, desta vez puxando as cobertas sobre eles. Seth aninhou-se nos braços de Abaddon, esfregando a mão no peito de Abaddon, passando levemente os dedos pelos cabelos do peito. Ele seguiu até o umbigo de Abaddon, depois um ou dois passos antes de parar, abaixando a cabeça contra o peito de Abaddon de um jeito que dizia a Abaddon que ele estava corando.

Era meio adorável, realmente, como ele ainda era tímido em ir mais baixo.

Eles cochilaram por um tempo, satisfeitos e confortáveis, mas a tentação da pele contra a pele era grande demais. Em algum momento, seu calor voltou a ser fogo. Beijos suaves e carícias gentis tornaram-se mais urgentes.

—Você poderia fazer uma coisa para mim?— Seth perguntou, sem fôlego. Abaddon poderia dizer pela sua voz que era algo que ele não tinha certeza. —Se eu pedisse, você iria—

Abaddon beijou-o, colocando o peso de sua promessa naquele simples gesto.

—Absolutamente qualquer coisa. É só me pedir.

Seth sorriu. E depois...

Seth na verdade não pediu nada. Em vez disso, ele empurrou Abaddon suavemente para baixo, sob os lençóis.

—Isso é tudo?— Abaddon perguntou, rindo.

Mas Seth já estava perdido de novo, ofegante, empurrando-se para ele.

—Por favor.

Sua intenção era clara, e Abaddon alegremente cumpriu. Ele brincou com a língua ao redor da cabeça do pênis de Seth antes de engoli-lo inteiro. Ele enfiou as mãos por baixo da bunda macia de Seth, instigando-o mais profundamente. Seth não precisou de orientação por muito tempo. Depois de apenas alguns impulsos, foi ele quem se moveu, segurando a cabeça de Abaddon, empurrando com os quadris, fazendo os sons mais bonitos e eróticos que Abaddon já ouvira. Ele ficou surpreso como até agora, envolvido em um dos pecados mais carnis do livro, o brilho perfeito e cegante de Seth não diminuiu. Brilhava de seus olhos. Ele emanava de seus poros e pulsava através de seus lombos. Enchendo o pequeno quarto, ondulando sobre eles, tão vívido e real que Abaddon tinha certeza de que devia estar brilhando das janelas do trailer, um farol para todos verem. Mesmo com Seth ofegando de prazer, choramingando quando ele se aprofundou na garganta de Abaddon, essa pureza não diminuiu.

Abaddon agarrou Seth mais apertado, perdido no momento, cego e mudo e totalmente impotente. E quando Seth finalmente gozou, foi a coisa mais deliciosa que Abaddon já provara, como mel com laranja e doce de canela, e a risada brilhante de Seth parecia uma chuva fria de primavera, lavando-o, mesmo quando Abaddon se empurrava nos lençóis.

—Oh, cara—, disse Seth, sem fôlego. —Isso quase valeu a pena ir para o inferno.

Abaddon queria rir. Ele tentou, mas a imagem mental de Seth preso no Inferno se levantou forte e irritada em sua mente. Ele imaginou novamente o brilho de Seth se desvanecendo lentamente para nada em um cubículo distante, e sua risada saiu em um soluço amargo.

Seth merecia algo muito melhor que o Inferno.

A mão de Seth se moveu em sua cabeça como uma bênção.

—'O que significa você chorar e quebrar meu coração? Pois eu estou pronto a não somente ser ligado, mas também a morrer em Jerusalém pelo nome do Senhor Jesus'.

Abaddon colocou a testa na barriga macia de Seth, deixando suas lágrimas caírem nas muitas cicatrizes deixadas pelas cobras. Lá fora, as pessoas riam enquanto se preparavam para o revival. Tendas batiam ao vento.

—Eu nunca odiei a Deus tanto quanto agora.

Seth se sentou de repente, forçando Abaddon a fazer o mesmo. Ele pegou Abaddon, passando os dedos pela bochecha de Abaddon.

—Não. Por favor. Não por minha causa, Abaddon. Eu não posso suportar isso.

—Você é o único que deveria estar com raiva. Espanta-me que você possa ser tão calmo.

—Eu não sou, entretanto. Eu estou aterrorizado. Eu sei que não deveria estar. Minha fé me diz que estou indo para um lugar maravilhoso e que não há nada a temer, mas eu nunca estive tão assustado na minha vida.

—Isso é normal. É...— Abaddon quase engasgou. —É humano.— Mas pensar na fácil aceitação de Seth do que estava por vir deu a Abaddon uma nova ideia. Por que ele não tinha pensado nisso antes? —E se saíssemos?

—Você quer dizer deixar o revival?

—Nós poderíamos levar seu caminhão e seu trailer e apenas dirigir. Nós poderíamos ir a qualquer lugar. Eu poderia levá-lo ao Grand Canyon. Eu poderia te dar a sua visão por um minuto, pelo menos. Eu poderia deixar você sentir o vento subindo a parede do cânion em seu rosto. Não é isso que você quer?

Seth deu-lhe um sorriso suave e triste. Ele pegou a mão de Abaddon, segurando-a entre as suas.

—É tão fácil escapar do Inferno?

O coração de Abaddon se apertou. Lágrimas encheram seus olhos, e ele as cobriu com a mão livre.

—Não. Você é minha única chance agora. Se eu voltar sem você...

Seth apertou os dedos.

—O que? O que acontece?

Abaddon sacudiu a cabeça. Ele não ia sobrecarregar Seth com a verdade. A última coisa que ele queria era que Seth se sentisse culpado porque algum diabo inútil seria enviado para um nível mais profundo do Inferno.

—Eu vou ficar de coração partido. Isso é tudo. Eu apenas pensei...— O que? O que ele estava pensando, pedindo a Seth para fugir com ele, como se isso resolvesse tudo? —Eu não seria capaz de ir com você, mas eu poderia, pelo menos, dar-lhe a sua visão.— Ele teria que pagar por isso mais tarde, e ele nunca veria Seth novamente,

mas não valeria a pena? ? —Você teria pelo menos tempo suficiente para ir até lá sozinho. Para ver alguns dos lugares da sua lista.

Mas Seth já estava balançando a cabeça.

—Eu não posso fugir disso. Eu tentei uma vez e fiquei cego. E eu sei que você vai me dizer que foi apenas má sorte e não Deus me mandando uma mensagem, mas e se você estiver errado? Sim, eu poderia fugir, e poderia ganhar um dia extra ou uma semana a mais, mas a que custo?— Ele colocou os dedos no rosto de Abaddon e se inclinou para perto, como se pudesse olhar nos olhos dele. —Eu tenho pesado minhas transgressões, Abaddon. Eu sei onde estou. Agora, devo seguir o exemplo de Cristo e encarar minha morte...

—Você não é ele!

—Eu sei. Eu nunca faria uma afirmação tão pretensiosa. Mas a mensagem é clara. Eu devo permanecer forte diante da adversidade, armado com nada além da promessa do amor de Deus. Eu poderia lhe dar meia dúzia de outros exemplos da Bíblia ...

—Eu não quero ouvi-los!

Seth riu, passando o polegar pelos lábios de Abaddon.

—Eu sei que você não quer. Eu sei que te deixa bravo quando começo a falar versos bíblicos.

—Só quando é para justificar algo estúpido!

Seth puxou as mãos para longe, seu rosto caindo na mesma dor, e mesmo sem compreender ele lhe dava o olhar que um cachorro dava ao seu mestre depois de ser chutado. Abaddon teria preferido uma faca em seu peito a ver aquela expressão ferida no rosto de Seth.

—Por favor, não chame de estúpido. Isso é tudo que tenho. Eu tenho minha fé em Deus e tenho você. Por favor, não tente tirar um deles de mim.

Abaddon gemeu. Ele realmente era o maior idiota do mundo.

—Sinto muito.— Ele pegou as mãos de Seth e se inclinou para colocar a testa nelas. —Você está certo. Estou sendo egoísta e sinto muito, mas não posso evitar. Eu gostaria de poder aceitar isso tão facilmente quanto você, mas isso me deixa com muita raiva.

—Eu sei.— Seth colocou a outra mão na parte de trás da cabeça de Abaddon, agitando os dedos pelos cabelos. —Mas você vai aceitar. Eu quero que você me prometa, Abaddon. Eu quero que você prometa que quando chegar a hora, você não vai tentar pará-lo. Quero que me prometa que me deixará enfrentar as serpentes e curar os doentes, independentemente do custo. Preciso que você prometa que estará lá no final, mas que não interferirá no processo.

A respiração de Abaddon engatou. Ele não conseguiu segurar as lágrimas que encheram seus olhos. Ele odiava esse plano. Ele odiava isso com todas as fibras diabólicas de seu ser. Ele odiava mais do que odiava a Deus. Mais do que odiava o inferno.

Mas não era sobre ele.

—Eu prometo—, ele engasgou. —Oh Deus, eu prometo.

—Obrigado.

Mas Abaddon ainda chorou.

Capítulo dez

Todo mundo ama um Garoto Mau

Mais tarde, alguém bateu na porta do trailer. Abaddon se preparou para mergulhar no abismo, mas quem quer que fosse não entrou. Ele apenas gritou pela porta, —Hora de começar, Seth!

—Eu estarei lá!

Seth se movia com facilidade pelo pequeno quarto, apesar da cegueira, vestindo calças cáqui e uma camisa branca limpa. Meias e sapatos vieram em seguida, finalmente, um lenço de seda azul, que ele enrolou no pescoço para cobrir as muitas cicatrizes. E o tempo todo, Abaddon ficou sentado com a cabeça entre as mãos, odiando Tadeu e Zed e os Revivalistas do Arco-Íris e Deus o Inferno em medidas iguais.

Seth colocou a mão na cabeça inclinada de Abaddon. Depois de finalmente fazer amor, o poder brilhante da alma de Seth não mudou, mas seu efeito sobre Abaddon mudou. Em vez de queimar a fome, ele sentiu apenas amor e um pesar esmagador.

—Eu gostaria de poder tirar essa dor de você, do jeito que eu posso curar alguém doente.

Abaddon sacudiu a cabeça.

—Eu nunca pediria isso a você. Eu prefiro suportar sozinho do que sobrecarregá-lo com isso.

Seth riu.

—Você é um demônio terrível. Você falha em todas as grandes chances de ser mal.

Sim, ele era um demônio terrível. Era a razão pela qual ele não completou sua cota. E agora, ele não só não conseguiu garantir a alma de Seth, como também se condenou a uma eternidade sem ele. Mas o tempo era curto e Seth precisava que ele fosse forte.

Ele enxugou os olhos e se levantou. Ele puxou Seth em seus braços. Ele o beijou, saboreando aquela doçura maravilhosa. Ele se afastou para olhar nos olhos de Seth.

—Eu te amo. Não importa o que aconteça, quero que você saiba disso.

Seth franziu a testa.

—Eu sei.— Ele franziu a testa. —Abaddon, você está me assustando. Eu sinto que há algo que você não está me dizendo.

Mais uma vez, Abaddon teve que se perguntar se o sentido da alma ia para os dois lados.

—Eu lhe disse que estaria aqui até o final, mas pode não ser possível.

—O que? Mas você prometeu.

—Eu sei, mas é uma promessa que eu posso ter que quebrar.

—Não! Você não pode fazer isso comigo. Você disse—

—Eu vou tentar, Seth, mas há uma chance de eu partir em alguns dias...

—Você prometeu!

Ele empurrou Abaddon, tentando fugir, e Abaddon agarrou seus braços, sacudindo-o um pouco em sua urgência de dizer tudo.

—Eu sei! E eu farei tudo o que puder para manter essa promessa, mas assim que eles descobrirem o que eu fiz...— Assim

que o tempo dele terminasse, não haveria outra chance. —Se o inferno me levar embora, não poderei voltar, por mais que eu queira. Mas quero que você saiba que farei tudo que puder. Quero que acredite em mim quando digo que nunca me importei com alguém do jeito que me importo com você.

Seth piscou, suas bochechas mais pálidas do que o normal.

—Mas eu preciso de você. Se você não estiver aqui...— Ele balançou a cabeça, seu foco se deslocou para algum lugar distante, longe de Abaddon e do trailer.

Eles foram interrompidos por outra batida na porta do trailer.

—Seth! É hora de ir!

—Estou indo!— Seth respondeu, parecendo retornar ao seu lugar nos braços de Abaddon. Ele engoliu em seco, ajustando os ombros. —Preciso ir agora.

—Eu vou com você.

Abaddon sentiu uma onda na energia da alma de Seth, como uma pedra afundando em um lago parado.

—Você não precisa vir.

—Eu prometi que estaria lá.

—No fim.

—Sim. Se eu for capaz, pelo menos. E se for hoje à noite...

—Não.— Outra onda. Uma corrente estranha que parecia fora do lugar. —Não, não será esta noite.

—Você não pode saber disso.

—Mas eu sei.

—Eu deveria estar lá—

—Você está exausto.— Seth colocou os dedos contra a bochecha de Abaddon e se inclinou para beijá-lo. Abaddon provou a doçura

familiar, junto com um estranho toque de sal que era novo. Talvez tenha sido apenas o resultado de ter feito sexo fora do casamento. — Você deveria descansar. Eu voltarei antes que você perceba.

Então ele saiu pela porta para o revival. Abaddon debateu sobre segui-lo, mas Seth estava certo. Ele estava exausto. Ele não dormia bem a muito tempo.

Ele caiu na cama. Os lençóis estavam encharcados da essência de algodão doce de Seth, e Abaddon sorriu para si mesmo, já a meio caminho do sono.

Ele ainda tinha sua extensão. Ele voltaria para o inferno. Ele falaria com Baphomet novamente. Ele inventaria um novo plano.

Um que salvasse Seth.

Talvez um que salvasse os dois.

* * * * *

Ele acordou em confusão. Ele ainda estava na cama de Seth. Ele poderia jurar que Seth tinha chamado seu nome, mas quando ele olhou ao redor, ninguém estava lá.

Ele olhou para fora. Era logo depois do pôr do sol. A tenda estava iluminada como um circo. O revival ainda estaria acontecendo, e ainda assim...

Não havia música.

Seu coração disparou.

E então, veio de novo.

Abaddon, venha agora!

Não a voz de Seth, mas a de Zed. Abaddon não demorou se perguntando por que Zed o chamava ou como ele fizera sua voz ecoar

pelo abismo. Ele saiu do trailer, notando no primeiro ou segundo passo que não estava usando sapatos ou uma camisa. Fácil o suficiente para mudar isso, ser um demônio tinha suas vantagens, e ele as conjurou enquanto corria, lembrando com súbita clareza a estranha ondulação na alma de Seth.

Aquele sabor salgado.

Seth mentiu para ele. Possivelmente a primeira mentira que ele contou, e ele contou a Abaddon, sabendo que Abaddon não seria capaz de cumprir sua promessa. Sabendo que ele não seria capaz de ficar de braços cruzados quando as cobras viessem.

Ele irrompeu pela porta dos fundos da tenda e subiu ao palco. Ele tinha perdido as cobras completamente. Seth estava no corredor, com a camisa ensopada de sangue e veneno, de joelhos diante de uma mulher em uma cadeira de rodas.

—Não!— Abaddon correu para ele, mas Zed o pegou no final da escada.

—Ainda não!

—Ele achava que elas não viriam esta noite.

—Elas não teriam—, Zed disse baixinho, —se ele não tivesse chamado por elas.

—Ele pode fazer isso?

—Aparentemente, ele pode. Ele me fez prometer que te chamaria assim que elas tivessem ido.

—Mas por que? Por que ele iria querer...?

—Eu suspeito que ele tenha suas razões para escolher a hora de sua morte.

Morte.

Isso era culpa de Abaddon. Seth estava com medo de enfrentar sua morte sozinho, e então ele escolheu chamar as cobras agora, antes que o inferno levasse Abaddon embora. Se ele não tivesse contado a Seth, o que mais ele poderia ter feito?

O pesar apunhalou seu abdômen, dobrando-o ao meio. Zed teve que segurá-lo para impedi-lo de cair.

—Não! Droga, não! Não faça isso!— Ele nunca se sentiu tão desamparado como agora, vendo Seth absorver a doença de outra pessoa, sabendo que isso o mataria. Isso o deixou furioso. Ele sentiu o poder mexer e tremer dentro dele. Ele poderia queimar todo o revival no chão. Ele poderia matar todos eles. Ele poderia-

Seth virou a cabeça, seus olhos cegos prendendo Abaddon onde ele estava, brilhando com a ferocidade de uma alma agonizante.

—Você prometeu.

Foi apenas um sussurro, mas atingiu o coração de Abaddon. Um soluço quebrou em seu peito. Ele nem se importava que Zed ainda o segurasse.

Parecia que eles estavam lá para sempre, Seth no chão, segurando as mãos da mulher. Zed no corredor, segurando Abaddon, mas só poderia ter sido um minuto. Finalmente, Seth ficou de pé. Atrás dele, a mulher na cadeira de rodas também se levantou. A multidão aplaudiu. Thaddeus começou a proclamar a graça de Deus. O coro começou a cantar. Ninguém pareceu notar que a vida doce e devota de Seth estava prestes a terminar.

—Vá—, Zed disse suavemente, deixando Abaddon ir. —Leve-o para longe da tenda, o mais rápido que puder. Thaddeus não deve saber que esta noite será diferente.

Abaddon mal chegou lá a tempo, pegando Seth quando ele caiu. Alguns dos fiéis ofegaram, recuando.

—Apenas dê-lhes algum espaço!— Thaddeus pediu.

A multidão parecia meio assustada, meio jubilante. Vozes gritavam: —Eu! Me cure!

—Dê-lhes espaço—, Thaddeus pediu novamente. —O toque do Senhor é uma coisa poderosa.

Abaddon pegou Seth em seus braços, levando-o para o palco, em direção à porta dos fundos da tenda, engasgando com as lágrimas, odiando os sons de comemoração atrás dele.

—Você mentiu para mim.

Seth permaneceu inerte em seus braços, mal conseguindo manter os olhos abertos.

—Eu tive que fazer... Antes de você ir embora...

Abaddon saiu pela porta dos fundos da tenda e foi em direção ao trailer de Seth. Parecia que estava a quilômetros de distância. Ele nunca chegaria lá. Zed não estava em nenhum lugar ao redor.

—Aqui— Seth sussurrou. —Pare aqui.

Foi um alívio obedecer. Seu corpo inteiro estava tremendo. Abaddon caiu no chão, segurando Seth perto, chorando como uma criança.

—Porque você mentiu para mim? Poderíamos ter tido pelo menos alguns dias.

Seth sacudiu a cabeça. Seu rosto parecia quase amarelo contra o sangue de seu pescoço arruinando e o colarinho rasgado de sua camisa outrora branca. *Quantas cobras devem ter vindo?*

—É mais fácil assim.

—Mais fácil para quem?

—Eu menti sobre uma outra coisa também.

—O que?

—Sobre quem é dono da minha alma.

—Não!

—Eu dou de bom grado para você.

—Não diga isso!

—Eu quero dizer isso, Abaddon.— Ele engasgou, arqueando as costas como se estivesse com dor. —Eu cedi minha alma.

—Eu não vou aguentar!

—Você precisa.

Um soluço partiu do peito de Abaddon e ele segurou Seth com mais força. Atrás dele, o som da música inchava da tenda, as notas vazias e sem sentido, sem a contribuição de Seth.

—Eu não vou!

—Meus olhos—, Seth sussurrou, sua voz mais fraca. —Deixe-me ver você de novo. Por favor.

Levou um momento para que Abaddon deixasse sua dor de lado o suficiente para perceber o que as palavras significavam. Outro momento para reunir a força e o foco, mas finalmente, ele colocou os dedos na têmpora de Seth. Lágrimas escorriam por suas bochechas tão prontamente quanto a energia subia por seus dedos, e as pupilas de Seth finalmente encontraram foco. Ele olhou diretamente nos olhos de Abaddon, e Abaddon sentiu o maravilhoso poder da alma de Seth. Ele sentiu o brilho escaldante que lhe dizia que estava prestes a queimar para sempre.

—Eu te amo—, Abaddon ofegou. —Oh Deus, eu te amo tanto, acho que está me matando. Eu nem sabia que podia, mas sei.

Seth estendeu a mão e colocou-a contra a bochecha de Abaddon.

—Mas você não quer me levar com você.

Ele pensou que a dor o rasgaria ao meio, mas se forçou a manter contato. Para manter a visão de Seth intacta por um pouco mais de tempo.

—Não. Você não pertence onde eu moro. Você merece algo muito melhor.

Seth sorriu, parecendo tão pacífico quanto ele já teve.

—'E se um reino se dividir contra si mesmo, esse reino não poderá subsistir. E se uma casa se dividir contra si mesma, aquela casa não poderá ficar de pé. E se Satanás se levantar contra si mesmo e se dividir, ele não poderá permanecer, mas terá um fim'.

—Seu tolo—, Abaddon soluçou. —Jorrando besteira bíblica até o fim, seu idiota!

—'Todos os pecados serão perdoados aos filhos dos homens'.

Abaddon perdeu todo o controle então, tanto em suas emoções quanto em seu poder. Os olhos de Seth perderam o foco novamente, e Abaddon sentiu a perda como uma faca em seu coração. Não importava que versos Seth recitasse, não havia como salvá-lo agora. E assim que ele cruzasse, ele estaria fora do alcance de Abaddon para sempre. Ele precisava apenas aceitar a oferta da alma de Seth para que eles ficassem juntos, mas ele não poderia fazer isso. Ele não podia condenar Seth a uma eternidade no inferno. Abaddon tinha que deixá-lo ir. Ele não podia se dar ao luxo de duvidar. Ele não podia se dar ao luxo de mudar de ideia, não importava o quanto doesse. Ele não podia fazer nada além de segurar Seth e chorar.

—Paz e amor para você, irmão—, Seth sussurrou. —Paz e amor.

E Abaddon continuou a segurá-lo enquanto a gloriosa e maravilhosa alma de Seth se desvanecia na escuridão.

* * * * *

Ele não sabia quanto tempo ele ficou ali, agarrando o corpo flácido de Seth.

Ele sentiria essa dor pela eternidade. Era um castigo pior do que viver no inferno.

—Abaddon.— Zed estava de repente ali, ajoelhado na frente dele, agarrando os braços de Abaddon, sacudindo-o, embora sua voz fosse baixa. —Venha comigo. Não há muito tempo.

Abaddon fez-se olhar para cima. Ele mal podia forçar sua mente entorpecida a funcionar.

—O que?

Zed agarrou-o com mais força. Seus olhos pareciam brilhar quando ele se aproximou.

—Eu sei o que você é, Abaddon, Colhedor de Almas. E eu sei o que você era antes. Agora, é hora de você me conhecer.— Não eram apenas os olhos dele que estavam em chamas. Ao redor dele, Abaddon detectou um brilho fraco, queimando mais brilhante enquanto tentava se concentrar nele. E espiando por cima dos ombros de Zed, ele captou o contorno fraco de asas brancas.

Não é de admirar que os olhos escuros de Zed sempre parecessem encontrá-lo, mesmo quando ele mergulhava no abismo. Não é de admirar que ele tenha sido capaz de chamar Abaddon quando Seth não pode.

—Você é um anjo?

—Sim, e ainda posso salvá-lo, mas não aqui, onde alguém pode ver. Thaddeus nunca poderá saber que esta noite foi diferente de todas as outras vezes em que as cobras apareceram.— Num piscar de

olhos, o brilho se foi, deixando apenas o velho Zed. Ele se levantou, girando em direção ao trailer de Seth. —Rápido!

Muito atordoado para fazer mais, Abaddon obedeceu, levantando Seth e seguindo Zed através da extensão escura de grama para o trailer de Seth e através da porta.

—Deite-o na cama.

Abaddon não queria soltá-lo, mas Zed pegou o corpo de Seth de seus braços.

—É tarde demais.— A voz de Abaddon estava rouca de tanto chorar. —Mesmo para você—

—Ainda não, não é.— Zed colocou Seth na cama e se agachou sobre ele, suas mãos na cabeça de Seth.

—Se você sabe o que sou, então sabe o que posso fazer. Eu senti...— Ele engasgou com as palavras, lutando contra um soluço. — Eu senti sua alma sair.

—O coração do menino parou, mas sua alma está forte como sempre.— A cabeça de Zed estava baixa, como se estivesse orando, seus olhos fechados. —O que você sentiu foi o seu próprio poder diminuindo.

—Mas—

—Ele disse a você mesmo antes de morrer. 'Se Satanás se levantar contra si mesmo e se dividir, ele não poderá permanecer, mas terá um fim'. Ele apostou com o diabo e ganhou. Agora fique em silêncio e deixe-me trabalhar!

Os joelhos de Abaddon cederam. Ele caiu no chão, pensando no momento em que segurou o corpo de Seth. Ele estava usando seu poder para deixar Seth ver mais uma vez antes de morrer, e isso falhou, deixando Seth tão cego quanto antes. Abaddon assumiu que o

pesar estivesse nublando suas habilidades. Ele sentiu a alma gloriosa de Seth desaparecer, mas agora...

Ele tentou alcançar o abismo, o túnel da escuridão que o levava de volta ao seu cubículo no Departamento de Aquisição de Almas. Ele tentou alcançar o familiar vazio que se tornara sua casa.

Não havia nada lá.

Ele se virou para o poço de energia que residia onde sua alma já estivera, o poder que lhe permitia conceder desejos em troca de almas, mas descobriu que ele não conhecia mais o caminho. Ele se sentiu perdido dentro de seu próprio corpo. Seu coração ainda batia. O peso da dor era pesado em seu peito. Seus olhos doloridos pelas lágrimas pareciam ter sido destruídos pela areia. Mas ele não conhecia mais o caminho que levava àquele lugar diabólico dentro dele.

Ele levantou as mãos, olhando para os dedos trêmulos.

Nenhum poder permanecia lá.

Ele olhou para Zed, atordoado. Zed estava debruçado sobre a forma imóvel de Seth, as mãos na cabeça de Seth, murmurando em uma língua que Abaddon não mais reconhecia. O brilho voltou, junto com as asas de Zed. Elas envolveram Zed e Seth, ambos pulsando fracamente.

Abaddon saiu de seu lugar no chão e sentou-se ao lado de Seth na cama. A mão de Seth não estava fria, como ele esperava. Estava tão quente como sempre. Ele envolveu seus dedos ao redor do esbelto pulso de Seth, sentindo um pulso.

Mal ousando ter esperança.

Ele assistiu com admiração quando as cicatrizes e feridas abertas no pescoço de Seth começaram a desvanecer-se. O rosa lentamente retornou a suas bochechas. A leve batida de sangue nas

veias de Seth fez cócegas nas pontas dos dedos de Abaddon, e seu peito começou a subir e descer em respirações lentas e fáceis.

—Você conseguiu!

O brilho em torno de Zed se desvaneceu e ele finalmente levantou os olhos.

—Zed—, disse Abaddon, tendo finalmente descoberto. —Zedekiel. Anjo de misericórdia e liberdade.

—Esse sou eu.

—Você poderia ter curado ele o tempo todo.

—Não. Eu só posso curar mortais, e não poderia torná-lo mortal até que a parte inumana dele morresse.

Abaddon achava que Zed estava se esquivando do assunto, mas não tinha certeza se ele se importava. Ele se inclinou sobre Seth, tocando sua bochecha. Ele ainda sentia a alma de Seth, aquela doce pureza que o atraiu para Seth, mas não com a clareza e desespero que ele tinha antes. A fome por alma se foi. Em seu lugar havia apenas amor e ternura.

—Ele é mortal agora—, Zed disse calmamente. —Vocês dois são. Você entende o que isso significa?

—Ele não será capaz de curar mais ninguém.

—Sim.

—E nós dois temos nossas almas.

—Sim, e uma ardósia limpa. Mas isso também significa que você pode morrer.

—As cobras ainda virão?

—Não como antes, mas ele pode encontrar mais delas do que um mortal comum. E ele não está mais imune. É seu trabalho mantê-lo seguro.

—Eu vou protegê-lo ou morrer tentando.

—Isso é tudo o que posso pedir.

Abaddon segurou a mão de Seth. Ele passou os dedos pela bochecha de Seth. Seth nem se mexeu. Ele olhou para Zed.

—Você é o pai dele?

A risada de Zed foi alta e profunda. Seus dentes brilhavam contra sua pele escura.

—Um menino tão suave e rosa quanto ele? Você acha que ele veio de mim?

Abaddon ficou envergonhado e aborrecido.

—Eu não sei como funciona a genética dos anjos!

Zed riu novamente.

—Não, seu pai era um de vocês. Ou pelo menos, um como você costumava ser. Sua mãe...— Ele suspirou. —Sua mãe era como eu. Ela era minha amiga.

—O que aconteceu?

—O que sempre acontece. Eles se apaixonaram.— Ele balançou a cabeça. —Até os anjos parecem gostar dos meninos maus.

—Onde eles estão agora?

—Sua mãe foi expulsa como castigo. Ela reside como uma mortal agora, sem memória de Seth ou seu pai.

—E o pai? Onde ele está?

—Eu não sei dizer. Eu sei apenas que ele não foi visto no reino mortal desde aquela época. Ele quebrou muitas regras para ficar com ela durante a gravidez. Se ele foi descoberto e seus poderes de viajar pela Terra foram revogados, ou se ele simplesmente não se importa, ninguém sabe, mas eu suspeito do primeiro.

—Já aconteceu antes? Anjos e demônios se reproduzindo, quero dizer.

—Apenas algumas dúzias de vezes, em todas essas eras. Os resultados são sempre imprevisíveis. Alguns se tornam profetas e santos. Alguns vão para o outro lado e fazem coisas indescritíveis. Mas todos eles morrem antes do vigésimo quinto aniversário.

—Foi por isso que você decidiu cuidar dele?

—Eu era o único que sabia de sua existência. Eu observei de longe, a princípio. Ele estava seguro o suficiente com o povo do arco-íris, mesmo depois que seu pai morreu. Mas então, quando ele estava prestes a completar dezenove anos, ele ficou inquieto. Ele começou a falar em deixar a congregação e sair para o mundo sozinho.

—Ele me contou sobre isso.

Zed sacudiu a cabeça.

—Eu não podia deixar isso acontecer. O risco era muito grande. Então vim para cá, onde poderia observá-lo melhor.

—É por isso que ele ficou cego. Ele me disse que aconteceu no seu décimo nono aniversário, no dia em que você chegou.

—Sim. Em parte, fiz isso para desencorajá-lo a sair. Mas, dada a sua extraordinária herança, temi que ele fosse capaz de ver minha verdadeira forma.— Ele riu. —Claro, se eu tivesse deixado sua visão, ele teria visto o que você era imediatamente também.

Abaddon não pôde deixar de pensar em como as coisas poderiam ter sido diferentes se Seth reconhecesse o perigo que corria desde o começo.

—Se você sabia o que eu era, por que diabos você me deixou chegar tão perto dele?

—Eu admito, fiquei horrorizado da primeira vez que você apareceu. Seth me contou como ele apostou sua alma. Ele riu sobre isso, sem entender que a competição tinha sido real. Eu disse a ele que ele nunca deveria participar dessa loucura novamente.

—Ele não escutou.

Zed sacudiu a cabeça.

—Eu sei. Ele disse que não era criança e que eu me preocupava demais.

—E depois?

—Eu estava rasgado. Eu queria mantê-lo o mais longe possível de você. Mas a verdade é que você o fez feliz. Você deu a ele o que ele sempre desejou, a simples alegria de se apaixonar, e ele estava mais brilhante do que eu já o vi.— Zed deu de ombros, olhando pela pequena janela do trailer em direção à tenda de rerevival. —Parecia errado proibi-lo dessa felicidade, especialmente sabendo que seus dias eram limitados. Eu ainda temia que seus sentimentos por você fossem sua queda, mas depois... eu comecei a ter fé que você faria a coisa certa.

Abaddon passou a mão pelo cabelo. Era estranho perceber que essa forma que ele adotara era agora permanente.

—Como você pode ter fé em um demônio?

O canto da boca de Zed se contorceu em um sorriso.

—Seu passado pode estar perdido para você, irmão Abaddon, mas não para mim. Você já foi um bom homem.

O coração de Abaddon se apertou.

—Eu fui? Mas como-

—Você se apaixonou pela pessoa errada. Aquela pessoa traiu você e, quando um demônio pediu sua alma, você pediu uma coisa simples em troca.

Abaddon engoliu em seco, imaginando.

—E o que foi? Vingança?

—Não. Você pediu uma passagem para casa.

Era estranho como algo tão simples, algo perdido para ele para sempre, pudesse doer tanto.

—Casa? Onde era minha casa?

—Em Buxton.

—Eu sou inglês?— Engraçado, como nunca lhe ocorreu pensar em sua nacionalidade.

—Você era sim. E muito orgulhoso disso, na época. Entre isso e seu coração partido, você decidiu se juntar ao exército. E assim, em 1º de maio de 1915, você embarcou no RMS Lusitania, com destino a Liverpool.

Compreensão o atingiu.

—E ela foi afundada por um submarino alemão.

—Exatamente.

Abaddon sacudiu a cabeça.

—Isso explica porque eu odeio o oceano.

—Sim—. Zed riu, balançando a cabeça. —Você era um diabo muito ruim, você sabe.

—Ouvi isso algumas vezes.

—Acho que talvez seja porque sua consciência nunca morreu. Você gostaria de saber seu nome verdadeiro?

—Oh, cara.— Abaddon esfregou a mão sobre o rosto e considerou a pergunta. Ele não tinha certeza se entendia sua

relutância, mas decidiu confiar em seu coração. —Obrigado, mas não. Acho que vou ficar com Abaddon.

—Uma escolha sábia. Você pagou o preço pela sua tolice, e agora você nunca vai esquecer que é por causa de Seth que você tem uma segunda chance.— Ele se levantou, parecendo de alguma forma mais real em seu boubou roxo agora que Abaddon sabia que ele era um anjo. —O revival terminará em breve. Depois de uma cura tão espetacular como essa, teremos que partir o mais rápido possível, de preferência antes do amanhecer. Há muito trabalho a ser feito. Acorde-o, mas seja gentil com isso.

—Eu vou.— Zed estava na porta do trailer antes de Abaddon pará-lo. —Ei, Zed? Como você vai explicar tudo isso ao seu chefe?

A risada de Zed era profunda. Ele ainda soava como James Earl Jones.

—Meu cubículo é a muitos andares do escritório dele. Tem sido eras desde que eu o vi.— Ele balançou a cabeça, esfregando o queixo como se estivesse pensando. —Eu não sei como é o inferno, Abaddon, mas no céu, há uma enorme quantidade de papelada a ser feita. E se um ou dois relatórios se perderem na confusão?— Ele ergueu as mãos, sorrindo. —Como pode um único anjo sobrecarregado ser culpado?

Capítulo onze

Séria escassez de batatas fritas e camas

Após Zed sair, Abaddon sentou-se por um tempo, apenas observando Seth dormir. Seth apostou sua alma, não por algo para si mesmo, mas pela de Abaddon. E de alguma forma, ambos venceram.

Ele se inclinou mais perto, beijando a testa de Seth. Suas sobrancelhas. Sua bochecha. E quando Seth finalmente começou a se mexer, Abaddon se moveu para seus lábios.

—Abaddon?

—Shh. Está tudo bem. Apenas descanse por agora.

—Eu pensei que tivesse morrido.

—Você morreu.

—Eu pensei... Oh!— Foi um suspiro, um som assustado de admiração, seu aperto surpreendentemente forte no pulso de Abaddon, e Abaddon recuou em alarme.

—O que é houve?

Os olhos de Seth estavam arregalados e pela primeira vez encontraram o olhar de Abaddon imediatamente.

—Eu consigo ver!

Abaddon sorriu, pensando em como deveria ter previsto aquilo.

—'Farei a escuridão se iluminar diante deles e endireitara as coisas tortas'.

—E você?— Seth perguntou, colocando a mão contra a bochecha de Abaddon. —Seus olhos estão normais. E eles são lindos. Você é uma coisa torta, endireitada?

Abaddon pegou sua mão e segurou-a contra o peito.

—Eu sou um maldito homem que foi salvo.

Parecia que havia muito mais a dizer, mas a voz profunda de Zed os alcançou de algum lugar do outro lado do terreno.

—Eu não me importo que seja tarde! Temos que sair hoje a noite!

—Oh não—, Seth gemeu. —Ele quer que a gente fuja de madrugada de novo, não é?

—Você adivinhou.

—Eu deveria ajudar.

—Não, você deveria descansar.

—Por favor, Abaddon, não comece a me tratar como se eu fosse algum tipo de responsabilidade. Eu tenho que fazer a minha parte.

Abaddon suspirou.

—Justo. Mas você deveria pelo menos trocar sua camisa antes de ir. —Ele tocou a gola encharcada de sangue. —Eu acho que essa está bastante suja.

Seth precisou de um pouco de ajuda para se levantar, mas ele estava firme o suficiente assim que ficou de pé.

—Eu não posso acreditar como estou feliz de ver o interior deste pequeno trailer de baixa qualidade.— Ele corou um pouco quando ele tirou a camisa, como se estivesse envergonhado por ter Abaddon o vendo. Ele pegou outra de uma gaveta e entrou no banheiro para se limpar. Por um minuto, Abaddon ouviu a água correndo, mas mesmo depois de desligar, Seth não emergiu. Ele parecia estar demorando

muito. A porta do banheiro estava aberta, então Abaddon espiou para dentro.

Seth estava simplesmente parado sem camisa no espelho, olhando para si mesmo.

—É tudo do jeito que você se lembra?—, Perguntou Abaddon.

Seth fechou os olhos. Ele tocou seu pescoço, sentindo a pele lisa e sem cicatriz ali com dedos trêmulos. Quando ele falou, sua voz mal era um sussurro.

—Algo está diferente, não é? Eu sou diferente. Eu não entendo o que aconteceu.

Abaddon considerou o parentesco de Seth. Sua transição de algo sobrenatural para um mero mortal.

—Há muito que você deve saber.— Mas o barulho dos revivalistas tentando desfazer o acampamento estava ficando mais alto, a comoção atrapalhando a conversa. —Eu vou explicar quando estivermos na estrada, ok?

Seth assentiu, respirando fundo.

—Ok—. Ele puxou a camiseta limpa sobre a cabeça. Abaddon entregou-lhe um dos seus muitos cachecóis.

—Pode ser mais fácil do que explicar como você está de repente curado.

Seth assentiu e envolveu-o no pescoço sem verificar o espelho. Alguns hábitos levariam algum tempo para quebrar. Ele parecia mais à vontade quando estava vestido.

—Tudo o que eu estou pensando é sobre eu mesmo.— Ele se aproximou e colocou os dedos na bochecha de Abaddon. —Como você está?

Abaddon colocou a mão sobre a de Seth e virou o rosto para beijar os dedos de Seth.

—Não tenho dinheiro. Sem emprego. Sem documentos. Nenhuma roupa, exceto as que estou usando. Mas estou mais feliz do que jamais fui.

—O que você vai fazer?— Seth perguntou. —Você ficará?

—Eu farei qualquer coisa que você pedir.

O sorriso de Seth foi lento e doce.

—Talvez possamos conversar sobre isso também.

—Boa ideia.

Eles chegaram até a porta do trailer antes de Seth se virar para ele novamente.

—Isso pode parecer estúpido, mas... minha alma ainda pertence a Deus?

Abaddon riu.

—Sem dúvida.— Ele puxou Seth em seus braços e o beijou. —E a minha pertence a você.

* * * * *

Demorou quase quatro horas para arrumar o acampamento. Abaddon tinha a sensação de que teria sido um pouco menos se Seth tivesse ficado escondido em seu trailer, mas todo mundo pode ver que ele milagrosamente recuperou a visão, e isso diminuiu consideravelmente o ritmo.

Finalmente, à uma hora da manhã, estavam prontos para partir.

—Eu tenho dirigido para você desde que você tinha dezenove anos—, disse Zed quando entregou a Seth as chaves de sua caminhonete. —Mas você não precisa mais dos meus serviços.

Seth riu e as entregou a Abaddon.

—Pode ser melhor se você dirigir, por enquanto. Já faz um tempo desde que eu estive atrás do volante.

Além disso, ele estava obviamente exausto. Zed pegou uma carona em uma das outras caminhonetes, deixando Abaddon sozinho com Seth na cabine de sua picape. E lá, ele explicou tudo, a paternidade de Seth, a verdadeira natureza de Zed e o fato de que Seth era agora cem por cento humano.

—Então minha cegueira não era um castigo?— Seth disse, quando Abaddon terminou. —Não de Deus, pelo menos. Foi só para que eu não saísse.

—E assim você também não veria a verdadeira forma de Zed.

—Eu acho que isso significa que ele vai voltar para o céu em breve.

Abaddon olhou para ele, mas não conseguiu ler sua expressão. Ele tinha a sensação de que sua espetacular visão noturna poderia ser a única parte de ser um demônio que ele sentia falta.

—Provavelmente sim.

—E você? Você vai sair também?

—Só se você me pedir.

—E se eu te pedisse para sair, mas me levar com você?

—Para ver o Grand Canyon?

—Sim.

—E o seu irmão e o revival?

Seth encolheu os ombros.

—Ele ficará desapontado, mas acho que ele vai entender. O revival sempre foi mais seu chamado do que o meu.

—Talvez Zed possa lhe dar uma visão ou algo assim. Os mortais sempre as seguem.

Seth inclinou a cabeça contra a janela do passageiro. Foi um minuto antes de ele falar de novo.

—Vamos ficar bem, Abaddon?

—O que você quer dizer?

—Eu não tenho muito. Apenas este caminhão e o trailer no reboque. Eu tenho um violino, um violão, alguns teclados e cerca de quatro mil dólares.

—Eu não tenho nada a não ser minha devoção a você.

—Não é muito para começar uma vida, é?

—Vai ser o suficiente.

Seth riu, sacudindo a cabeça.

—De repente eu estou desejando ter aceitado aquele violino de ouro.

* * * * *

No momento em que pararam às seis da manhã, Seth dormia no banco do passageiro por três horas, e Abaddon mal conseguia manter os olhos abertos. Abaddon teve uma rápida conversa com Zed antes de tropeçar no trailer de Seth. Ele não queria nada mais do que cair na cama com Seth em seus braços.

Seth corou furiosamente quando Abaddon começou a se despir. Ele levou seu próprio pijama para o banheiro para trocar de roupa. Ele não conseguia encontrar os olhos de Abaddon quando

emergiu. Ele subiu hesitante na cama, mas quando Abaddon se aproximou dele, ele resistiu.

—O que há de errado?

—Não entenda isto errado, mas, uh... nenhuma peneiração, ok?

—Peneiração?— Abaddon estava tão cansado que levou um momento para fazer a conexão. Ele riu, puxando Seth para perto, feliz apenas por sentir o calor de seu corpo. —Não se preocupe. Estou cansado demais para peneirar de qualquer maneira.

Ele dormiu profundamente até pouco depois do meio-dia. Quando ele acordou, Seth estava longe de ser visto. Isso o incomodou. Ele tinha a sensação de que Seth o estava evitando, embora tentasse se convencer de que estava sendo tolo. Ele aproveitou o pequeno chuveiro do trailer. Quando ele saiu, encontrou um demônio familiar na cozinha, vasculhando a geladeira do trailer.

—Damien é um idiota, eu nunca vi tanto iogurte! Eles não têm batata frita?

—Baphomet? O que você está fazendo aqui?

—Abaddon!— Baphomet fechou a geladeira e se virou para cumprimentá-lo. —Você tem alguma ideia de como foi difícil encontrar você, seu idiota filho da puta?

Mas ele estava sorrindo quando disse isso e Abaddon se encontrou rindo, puxando Baphomet em um abraço e batendo nas costas dele.

—Tudo bem, tudo bem. É bom ver você também. Não precisa se desmoronar em mim.

Abaddon riu novamente e o soltou.

—Eu espero que você não esteja aqui pela minha alma. Não tenho intenção de cometer esse erro novamente.

—Depois de encontrar uma saída?— Baphomet sacudiu a cabeça. —Eu nunca faria isso com um amigo. Até mesmo um amigo de merda que me deixou sozinho no inferno.

—Eu aprecio isso.— Mas então um pensamento ainda pior ocorreu a ele. —E não Seth também. Diga-me que você não está aqui por Seth.

—Eu também não estou aqui por Seth, prometo. Almas açucaradas nunca foram do meu gosto. Eu tenho uma pergunta, no entanto.

—Você quer saber como eu fiz isso.

—Bem, sim. Eu e todos os outros diabos.

Abaddon disse a ele e, no final, Baphomet suspirou.

—Então tudo o que preciso é fazer com que algum tolo se apaixone por mim e ceda voluntariamente a sua alma sem nada em troca, e então eu tenho que recusar?

—Não parece tão difícil, certo?

Baphomet coçou a nuca.

—Eu imagino que truques não funcionem também. Conhecendo as regras do Céu e do Inferno, provavelmente tem que ser amor verdadeiro.— Ele encontrou os olhos de Abaddon com relutância. — Você deve ter encontrado a coisa real, meu amigo.

Abaddon sorriu, pensando em Seth.

—Eu acho que sim.

Baphomet gemeu.

—Você sempre foi muito emotivo. Acho que vou sair daqui antes que você comece a ficar poético.

—Vou sentir a sua falta—, disse Abaddon. —Parece ridículo, mas é verdade.

—Oh, você vai me ver de vez em quando.— Baphomet deu um tapinha no ombro de Abaddon. —Eu tenho toda a intenção de incomodar você sempre que meu horário permitir.

* * * * *

Ele encontrou Seth do lado de fora, o pescoço envolto em um lenço, como de costume, pendurando uma carga de roupa molhada em um varal. O varal continha lençóis. O próximo continha roupas. Algumas eram obviamente de Seth, mas várias delas pareciam grandes demais.

—Elas são para você—, disse Seth, quando viu Abaddon estudando-as. —Doadas pelos Revivalistas do Arco-Íris. Eu imaginei que você se cansaria de usar as mesmas roupas todos os dias.

—Você achou certo.— Abaddon tocou uma calça de veludo molhada. Ele esperava que fosse mais confortável do que parecia. —Como exatamente você explicou minha falta de roupa?

—Eu não fiz.

—Você os deixou adivinhar e então concordou quando eles disseram algo razoável?

Seth sorriu para ele enquanto pendurava a última camiseta.

—A teoria predominante é que o carro que você estava vivendo foi roubado, junto com tudo que você possuía.

—Faz sentido para mim.— Ele pegou a mão de Seth e puxou-o para perto. Seth chegou, mas manteve os olhos no pomo de Adão de Abaddon, como se não estivesse acostumado a olhar em seus olhos ainda. Abaddon tocou o lenço. —Ainda escondendo seu pescoço?

Seth deu de ombros desconfortavelmente.

—Como você disse, é mais fácil do que explicar porque eu não tenho mais cicatrizes. Só será até nós partirmos.

—Você falou com seu irmão sobre isso?

Seth sorriu, parecendo pecaminosamente travesso.

—Sim. Parece que ele teve algum tipo de visão na noite passada. Um anjo misterioso, com uma voz profunda e retumbante, disse-lhe que a minha cura havia corrido. Ele disse que é hora de nos separarmos por um tempo, pelo menos. Ele foi inspirado a desistir do revival e assumir um ministério crescente na Geórgia.

Abaddon riu. Ele teria que agradecer a Zed depois.

—Eu te disse que os mortais sempre vão por essas visões angelicais.

—Eu quase me sinto culpado.— Ele não parecia muito penitente embora. Ele parecia mais feliz do que Abaddon já o vira. —Então você está pronto para sair?

—Assim que você estiver.

—Eu estava pensando em amanhã de manhã.

—Parece bom para mim.

Agora que ele estava descansado, estar tão perto de Seth estava deixando-o louco. Sua fome de alma se foi, mas ele queria Seth como sempre. Ele se inclinou, roçando os lábios sobre os de Seth, mas Seth o empurrou para longe.

Abaddon franziu a testa. Foi apenas a exibição pública de afeto que incomodou Seth, ou havia outra coisa?

—Você sabe que eu te amo, certo?

Seth assentiu, ainda sem encontrar os olhos de Abaddon.

—Então o que há de errado? Você não quer mais? Eu sei que não nos conhecemos há tanto tempo. Talvez eu esteja empurrando para algo que você realmente não quer. Talvez seja demais, cedo demais.

Seth sacudiu a cabeça.

—Não. Não é nada disso. É só...— Ele mordeu o lábio por um minuto, olhando ao redor. Então ele pegou a mão de Abaddon e puxou-o para trás do lençol úmido, concedendo-lhes uma aparência de privacidade. —Você viveu muito tempo. Você provavelmente já viu muito. E agora você está livre para fazer o que quiser.

—Sim, e a única coisa que quero é estar com você.

—Você tem certeza?

—Absolutamente positivo.

Seth sorriu, ainda parecendo inseguro, mas um pouco mais confiante do que antes.

—A coisa é, meu trailer é muito pequeno.

—Já reparei.

—E há apenas uma cama.

—Eu notei isso também.

As bochechas de Seth estavam começando a ficar rosadas, mas ele finalmente encontrou os olhos de Abaddon.

—Eu passei vinte e dois anos vivendo pelos mandamentos de Deus. Eu não pretendo parar agora. Depois de tudo o que aconteceu, minha fé é mais forte do que nunca.

—Eu posso entender isso.

—E aquela noite...— Seth deixou Abaddon puxá-lo para perto novamente. Ele passou os dedos pela gola da camisa de Abaddon. —Eu estava morrendo, Abaddon.

—Eu sei.

—Mas agora, eu não estou.

—Eu também sei disso.

Seth piscou para ele, esperando.

—Você não vê o que estou dizendo?

Abaddon sacudiu a cabeça, confuso.

—Sou eu? Você estava disposto a se contentar comigo quando eu era a única opção, mas agora você tem toda a sua vida à sua frente. Talvez você queira encontrar alguém melhor? Alguém mais próximo da sua idade que compartilha suas crenças...

—Não! Não, você não está me entendendo.— Seth mordeu o lábio e Abaddon temeu que ele estivesse lutando contra as lágrimas. —Eu não preciso que você compartilhe minhas crenças, mas eu preciso que você as respeite.

—Eu faço.

—Mas Abaddon—

—Isso é porque eu rio de você quando você joga citações bíblicas em mim?

—Não!— Seth bateu levemente no peito, meio rindo, meio chorando. —Eu não me importo com isso. Mas como podemos... não posso...— Ele gesticulou impotente para o trailer, parecendo tão frustrado que Abaddon ficou tentado a rir de novo. —Há apenas uma cama!

E de repente, como se alguém tivesse ligado um interruptor, Abaddon viu o problema. E a solução. Era tão simples e tão óbvio que o fez rir alto.

—O quê?— Seth perguntou, tentando se afastar. —Você está rindo de mim novamente.

—Não— assegurou Abaddon, segurando-o com força, recusando-se a deixá-lo escapar. Ele fez Seth encontrar seus olhos. — Você tem razão, só tem uma cama e não quero que seja sua cama. Eu quero que seja a nossa cama. Eu te arrastaria para lá agora mesmo, se achasse que você me deixaria. Mas apesar do que você pensa, eu respeito você. Eu posso não compartilhar suas crenças, mas eu te amo por tê-las.— Ele não tinha certeza se estava explicando bem, no entanto. Seth ainda parecia confuso. —Eu posso te dizer que em todos os meus anos no Inferno, eu nunca encontrei uma única alma que estivesse lá apenas por ter feito sexo. Mas eu não quero nada entre nós que faça você duvidar de si mesmo, e só há uma maneira de garantir que o que acontece naquela cama não pareça um pecado para você.

Por um momento, Seth ficou muito quieto, absorvendo aquilo. O constrangimento em seu rosto começou a se transformar em esperança.

—Você quer dizer isso?

—Claro que eu quero!

—Eu não quero que você sinta que eu estou forçando você a qualquer coisa.

—Você está de brincadeira? Eu te amo tanto que dificilmente consigo suportar. 'Mas se eles não têm autocontrole, que eles se casem; pois é melhor casar do que queimar com paixão'.— Ele riu, debatendo isso. —Embora francamente, não vejo por que não podemos fazer as duas coisas.

O sorriso de Seth nunca foi tão brilhante.

—Casar e queimar com paixão?

—Exatamente. O que você me diz?

—Eu acho que gosto dessa ideia.

E desta vez quando Abaddon o beijou, ele não se afastou.

Eles selaram o acordo naquele mesmo dia, com Thaddeus presidindo. E naquela noite, Seth deixou Abaddon absolutamente sem dúvidas sobre seus sentimentos. Eles fizeram amor com uma paixão silenciosa que os deixou abalados, beijando as lágrimas um do outro, tremendo nos braços um do outro.

Abaddon não tinha ideia de como era o Céu, mas não podia imaginar que fosse melhor do que o que encontrara.

Na manhã seguinte, eles entraram na caminhonete, Seth dirigindo e Abaddon no banco do passageiro, vestindo algumas roupas doadas pelos revivalistas.

Ele descobriu que o veludo era realmente mais confortável do que parecia.

—Fiz-nos uma lista—, disse Seth, entregando a Abaddon um pedaço de papel dobrado que havia sido arrancado de um caderno encadernado em espiral. —É flexível embora. Não há nenhuma ordem particular ou qualquer coisa. Nós podemos misturar tudo. Talvez fazer alguns deles mais de uma vez.

Abaddon leu e tudo o que pôde fazer foi rir. Ele desenrolou o cachecol de Seth e jogou-o de lado antes de puxar Seth em um beijo.

Ele ainda tinha gosto de algodão doce e mel.

—Eu acho que é perfeito.

E quando começaram a descer a estrada, ele colou o papel no painel.

Grand Canyon

Star Wars

Bryce e Zion³⁷

Disneylândia

Muita e muita peneiração

Fim



Sobre o autor

O primeiro romance de Marie Sexton, *Promises*, foi publicado em janeiro de 2010. Desde então, ela publicou quase trinta romances, novelas e contos, todos com homens que se apaixonam por outros homens. Seus trabalhos incluem romance contemporâneo, ficção científica, fantasia, históricos e alguns mash-ups de gêneros estranhos. Marie recebeu vários Rainbow Awards, bem como o CRW Award of Excellence em 2012. Seus livros foram traduzidos para seis idiomas.

Marie mora no Colorado. Ela é fã de praticamente qualquer coisa que envolva jovens musculosos empilhando-se uns sobre os outros. Em particular, ela ama o Denver Broncos e gosta de ir aos jogos com o marido. Seus amigos imaginários costumam acompanhar. Marie tem uma filha, dois gatos e um cachorro, todos os quais parecem empenhados em destruir o que resta de sua sanidade. Ela os ama mesmo assim.

Marie também escreve fantasia distópica sombria sob o nome AM Sexton.